QUARTA-FEIRA, 17 DE OUTUBRO DE 2012

O Mossoroense

Especial 140 anos

140 anos de História

O jornal que traz no nome a identidade de sua terra guarda em suas páginas momentos de todo um povo. A trajetória do O Mossoroense se confunde com essa história. Idealizado por Jeremias da Rocha há 140 anos, o outrora semanário de apenas quatro páginas estampou notícias que marcaram Mossoró e o Rio Grande do Norte, reunindo - em todas as épocas - grandes nomes da intelectualidade e do jornalismo do Estado.
Compositor de destinos, o tempo fez ver que ideais se renovam e mostrou como O Mossoroense se reinventou para vencer os desafios impostos pelas dificuldades econômicas e políticas.
Sempre pioneiro, o jornal traz como marca o jornalismo sério, feito de forma ética, consciente de sua função social e comprometido com o leitor.
Venha conosco e embarque nessa epopeia: a história de um jornal e seu povo.
Seja bem-vindo!

O MOSSOROENSE

Semanário, político, comercial, noticioso e litterario

"Disse a Deus ao sol: surge, alumia!

E iluminou-se o val, o monte o albergue,o fruto, a flor, as palmas Mas do espírito a luz chegara o dia, O seu fiat, em fim, diz Gutemberg,

E fez-se o sol das almas".

Os versos do poeta T. Ribeiro anunciam a chegada do mais novo fruto da invenção de Gutemberg. Era 17 de outubro de 1972 e nascia o jornal O Mossoroense, o 12 jornal de Mossoró, a principal fonte histórica da região e motivo de orgulho de nosso povo.

A fundação do O Mossoroense veio apenas 64 anos depois da criação da Imprensa Régia e quase dois meses após a chegada do telégrafo à cidade. Estamos falando do Segundo Império, um tempo relativamente calmo na política nacional - e acirrado em Mossoró -, uma economia fragilizada pós-Guerra do Paraguai, ideias abolicionistas no ar e muito romantismo na literatura.

Localizada entre Natal e Fortaleza, Mossoró era um jovem município de apenas 20 anos de idade e cerca de 3 mil moradores. A estratégica posição geográfica entre Natal e Fortaleza já a colocava como umas das principais cidades do interior nordestino.

Em Mossoró, o acirramento entre liberais e conservadores destoava da "relativa calma" na política nacional. A eleição de 7 de setembro de 1872 foi o estopim da guerra que fez surgir, em 17 de outubro seguinte, o jornal O Mossoroense. O pleito era para escolha de vereadores e juízes de paz. Após a votação, o padre Antonio Joaquim Rodrigues, líder dos conservadores, levou as urnas para serem apuradas no interior da igreja. Capangas armados de porrete e punhal posicionados nas portas do templo impediram a entrada de adversários.

O Mossoroense trazia todas as características da imprensa da época: era político, panfletário, polêmico, desafiador e inquietante. A bandeira defendida - o ideário liberal - sobrepunha em importância a tiragem e a qualidade gráfica.

A linha adotada pelo jornal, que tinha também como redatores José Damião de Souza Mello, um dos chefes liberais, e Ricardo Vieira do Couto, refletia não apenas o pensamento liberal ou as características da época, era a marca do espírito combativo de Jeremias da Rocha Nogueira.

Boa parte dos editoriais publicados na primeira fase do O Mossoroense, que se estendeu até 1876, tinha como alvo os conservadores. Um desses textos, assinado por José Damião, com o pseudônimo de "Velho da Montanha", atacava o bispo da região chamando-o de celerado e o vigário mossoroense de fingido e subserviente.

O primeiro número do jornal, que tinha em seu frontispício a marca de "Semanário, político, comercial, noticioso e litterario", trazia um manifesto em que destacava as bases do seu programa social e se colocava como "o novo Átila (que) entra no mundo jornalístico cheio de temor e com a fraca luz de seu espírito a tomar parte na questão magna que deve decidir os futuros destinos da humanidade".

Semanário Antijesuítico

DO ano de 1873 começa com o jornal O Mossoroense alinhando o "conservador e o jesuíta" num mesmo nicho de "inimigos da sociedade".

No editorial do dia 22 de fevereiro daquele ano, Jeremias da Rocha define um como "carrasco do fiel", o outro como "inimigo do cidadão". Ambos "crueis e egoistas".

"Conservador e jesuíta portanto são dous aliados perversos, que azafamando-se em repellir toda a iniciativa como um perigo, em manter toda a instituição anachronica, como um principio sagrado e em proclamar a imobilidade nas forças sociais, introduzindo a eternidade em todas as couzas humanas e conservando as gerações e o mundo em uma infancia perpetua, devem ser considerados e proclamados urbi et orbi como os maiores inimigos do progresso social e da perfectibilidade do genero humano".

Nas ediçoes seguintes, Jeremias da Rocha continua a abordar questoes politicas através de editoriais que versavam sobre "A irresponsabilidade da Corôa", "Mossoró e o Governo da Provincia" e "Lágrimas Cristãs", entre outros.

Mas, é só a partir da edição número 27, de 19 de abril de 1873, que O Mossoroense escancara de vez a sua posição e passa a adotar em seu frontispício a famosa inscrição: "Semanário, político, comercial, noticioso e antijesuítico".

No editorial intitulado "Jesuitismo pela prôa!", o jornal condena o comportamento do vigário Antônio Joaquim - religioso e político -, que publicamente atacou a "dignidade da Maçonaria".

"Felizmente tendo-se dado o facto perante um publico numeroso e grado, hade sem nenhuma sombra de duvida chegar a toda parte a verdade radiosa e esplendorosa. Desta vez terá a grande familia maçonica e toda a imprensa do paiz de registrar mais uma grande miséria jesuitica, como obra de um padre fanático e ignorante, que, constituindo-se orgão do famigerado Bispo de Pernambuco, quer a seu turno derramar no espirito deste povo as ideias da propaganda obscurantista, com que aquelle louco tem revolucionado a opinião, e o que é mais atacar por meio de insulto grosseiro a dignidade da maçonaria, sem que direito algum lhe possa authorizar a protervia".

O Mossoroense manteve a inscrição: "Semanário, político, comercial, noticioso e antijesuítico" até o dia 8 de novembro de 1873.

Maçonaria x Igreja

A briga do O Mossoroense com os jesuítas e a Igreja parecia não arrefecer. A instalação da Loja Maçônica 24 de Junho, em junho de 1873, veio acirrar os ânimos.

Naquela época, a Maçonaria era uma instituição considerada inimiga da Igreja. Essa 'guerra' vinha desde 24 de abril de 1738, quando o Papa Clemente XII condenou a Maçonaria, a sociedade e as reunioes dos maçons e seus adeptos.

Como explica o historiador Geraldo Maia, daí a repulsa de parte dos católicos e dos párocos que sempre se manifestaram em combate irreconciliável à instituição.

Mas, o trabalho silencioso dos obreiros natalenses chegou a Mossoró. A exemplo de suas congêneres, a Loja Maçônica 24 de Junho tinha fins humanitários, com uma filosofia que se fundamentava no princípio da defesa da liberdade e de livre manifestação de pensamento. Esta instituição transformou-se, logo cedo, num ativo centro de reunioes dos pedreiros-livres da cidade, um grupo de homens independentes e idealistas que combatiam a intolerância e o obscurantismo.

Os pedreiros-livres, como eram conhecidos os maçons, passaram a sofrer acusaçoes e agressoes diárias por parte do vigário Antônio Joaquim, que também era um dos chefes políticos locais. Jeremias da Rocha, que tornou-se "homem livre e de bons costumes" respondia com severidade no jornal O Mossoroense.

Em um desses textos, o jornal apregoava o fim do poder do clero:

"É sem assombro que vamos dizer uma palpitante verdade, que vive oprimida e silenciosa em todas as consciências: o poder dos papas chegou à sua última fase. Roma desta vez não seria invadida pelos bárbaros, é a bárbara Roma, agora, que se carboniza abrasada pela luz da civilização".

1* ANO — RIO GRANDE DO NORTE — N. 01

MOSSOROENSE

Semanário, Político, Comercial, Noticioso e Literário

- ASSINATURAS -

Por ano - $5000
Por semestre $3000
Por trimestre $320
Número avulso
(Pagamentos adiantados)

Os artigos de interesse geral serão publicados gratis. A redação só se responsabiliza pelos seus próprios artigos. As correspondências de interesse particular e outros artigos que envolverem responsabilidade, deverão vir competentemente legalizados. Os assignantes efetivos têm direito a favores nas publicações.

- PUBLICAÇÕES -

Correspondências por ajuste — Anúncios 100 reis por linha. Correspondências, anúncios e demais publicações deverão ser remetidos ao escritório da redação.

MOSSORÓ, 17 DE OUTUBRO DE 1872

"Dissera DEUS ao sol: surge, alumia;
E iluminou-se o val, o monte, o albergue;
O fruto, a flor, as palmas!
Do espírito à luz chegara o dia;
O seu Fiat, enfim, diz Guttemberg,
E fez-se o sol das almas".

Do templo do trabalho é hóstia, verbo,
Sacrário, luz, sacerdotisa a imprensa;
- A mãe da liberdade
Que ampara o gênio em seu trabalho acerbo;
E abarca as eras em sua esfera imensa,
Prendendo idade a idade".

T. Ribeiro

"A imprensa é o farol que guia o náufrago nos procelosos mares da vida, através da cerrada noite da ignorância; a luz do espírito que se derrama e acende nos crânios apagados o sol das almas, enfim, que se irradia nas frontes e que serve de luminosa aurêola".

Disse-o muito bem aquele mavioso poeta nos arroubos do seu mais inspirado lirismo.

Quando a verdade, assim, surge esplendorosa, irradiando a alma do poeta, que se ajoelha em adoração diante da gloriosa filha de Guttemberg, parece ter arrancado à fama os últimos títulos e ao gênio as derradeiras estrofes da sua mais completa imortalidade. Se a imprensa é, pois, a lâmpada desse grandioso universo que se chama espírito humano; a estrela dos séculos que ilumina as páginas da história, apontando aos povos a Canaã do progresso e guiando as nações opressas para a Jerusalém da liberdade, força é que um raio desse luminoso astro dos dois hemisférios, cuja luz parece inundar toda a extensão da América meridional, rasgue como faísca elétrica o denso véu das trevas que ocultava, para brilhar também no azulado céu desta filha do Cruzeiro de Santa Luzia de Mossoró.

Desde que esta jovem cidade, colocada a sete léguas do Atlântico, sobre a margem esquerda do rio do seu nome, renegando seu negro passado histórico, foi surgindo como Eva, do caos, procurando comungar as idéias da civilização moderna, embalou-se por tal forma na esperança de um porvir melhor, que sonhava a todo instante, ver nos horizontes o pálido clarão de um crepúsculo que lhe devia anunciar o nascimento da estrela de seu futuro destino. Isto era, com efeito, um verdadeiro sonho de glória, uma esperança que lhe sorria e dourava a fantasia, uma quimera talvez, mas o íris da fé, que surgiu por entre os dourados painéis da imaginação, veio pousar na fronte da filha das florestas e dizer-lhe que no relógio dos tempos iria em breve, para ela, soar a hora de um grande dia.

E soou. Convertera-se em feliz realidade a idéia grandiosa com que Mossoró um belo dia sonhara, e o "Mossoroense" apareceu. Tinha chegado o grande momento de sua aurora de luz. Vai, pois, o novo recém nascido percorrer pela vez primeira o oculto mundo da publicidade.

Sentindo-se ao entrar no caminho da vida, levado pelos primeiros impulsos do coração para a correnteza das idéias do século em que nascera, saúda aos colegas da imprensa e corre a alistar-se nas bandeiras da cruzada reformista, acercando-se do banquete do progresso e carregando sua pequena pedra para o imenso templo da civilização.

Aparecendo no momento em que a revolução das idéias, guiando a humanidade para a conquista da razão, parece anunciar a próxima transformação religiosa e política que deve mudar a face do globo, o "Mossoroense" sente a necessidade de fazer-se já de vela para as praias do futuro, a fim de assistir a esse grande e belo espetáculo.

Trêmulo e vacilante diante das convulsões com que a sociedade atual vai reagindo contra a hidra do despotismo e da teocracia, estes dois monstros sanguinários, inimigos de todo o progresso e fiéis companheiros inseparáveis da superstição e da tirania que, denegrindo a história dos povos, tem cavado a sepultura das nacionalidades, o novo Átila entra no mundo jornalistico cheio de temor e com a fraca luz do seu espírito, a tomar parte na questão magna que deve decidir os futuros destinos da humanidade.

Estabelecidas, assim, as bases do seu programa social, parece ter chegado o momento solene de fazer a sua profissão de fé religiosa.

(Fax-simile do jornal Mossoroense em seu n. 1, datado de 17.10.1872, portanto, há 140 anos de lutas)

A primeira página da edição inaugural do O Mossoroense foi recomposta no início de 2012, num trabalho de restauração do jornalista e advogado Lauro da Escóssia Filho, que resguardou a forma e o conteúdo, atualizando a ortografia para facilitar a leitura.

A impressão dos primeiros números

O jornal O Mossoroense surgiu como um semanário de quatro páginas. O formato, no relato de Lauro da Escóssia, era de 45cm x 31cm, diagramado em três colunas de 7cm cada, até o número 56, publicado em 8 de novembro de 1873. Na edição seguinte, o jornal surgia com o mesmo formato, mas diagramado em quatro colunas de 6cm cada.

Era impresso com o uso de tipos, blocos de metal fundido ou de madeira, com gravação em relevo de determinado sinal de escrita (letra, vírgula etc.) a ser reproduzida por impressão.

O papel utilizado para imprimir O Mossoroense vinha do norte do País, no Vapor Pirapama. As máquinas e o material tipográfico foram comprados em Recife.

A tipografia de Jeremias da Rocha, onde o jornal era impresso por José Soares de Couto Lima, chamava-se Typographia Mossoroense, mudando em 22 de dezembro de 1872 para Typographia Liberal Mossoroense.

O surgimento da família Escóssia

Os ancestrais dos Escóssias eram chamados de Camboa por residirem na ilha dos Veados, camboa (estreito por onde a água penetra, na maré alta, e que esvazia quando as águas refluem na baixa-mar) situada em Aracati.

No fim do século XVII, o alferes Manoel Nogueira de Lucena saiu de Muribeca, Pernambuco, como membro do Serviço de Policiamento das Costas das Capitanias do Norte para a ribeira do Jaguaribe, Ceará, na companhia de alguns irmãos. Lá, casou-se com Femiana Rosa dos Prazeres e tornou-se proprietário de terras e gados, além de Juiz Ordinário.

Na luta contra os índios, no tempo de colonização do Ceará, para evitar o confisco de seus bens, Manoel Nogueira retirou-se de Jaguaribe para a Serra da Maioridade (Martins), no Rio Grande, e depois para a Serra Mossoró. Teve 12 filhos.

O oitavo dos filhos de Manoel, Miguel Nogueira de Lucena deu origem aos Escóssias. Casado com Páscoa Maria Soares da Encarnação, teve dois filhos Maria Soares de Lucena e Floriano da Rocha Nogueira.

Floriano, por sua vez, casou-se com Joana de Melo, com quem teve cinco filhos. Após ficar viúvo, casou-se com Anna Rodrigues Braga, a Anna Floriano, e teve mais dois filhos: Francisco Firmino da Rocha Nogueira e Jeremias da Rocha Nogueira.

Casado com Izabel Benigna da Cunha Viana, Jeremias teve duas filhas, Cecília e Ágar, que faleceu ainda criança.

Na época do nascimento do terceiro filho de Jeremias da Rocha Nogueira, fervia o litígio entre a Maçonaria e a Igreja Católica.

Quando nasceu o menino, em 27 de maio de 1873, que possivelmente se chamaria João Batista da Rocha Nogueira, o vigário Antônio Joaquim se recusou a batizá-lo porque o pai e o padrinho, Targino Nogueira de Lucena, eram maçons. Assim, o pai levou o rebento para a Loja Maçônica 24 de Junho, onde o batizaram simbolicamente com o nome daquele que acreditavam ser o patrono da Ordem Escocesa Antiga e Aceita, São João da Escóssia. Surgia aí a família Escóssia, hoje com centenas de descendentes radicados por todo o país.

O estilo combativo de Jeremias da Rocha

Fundador da imprensa Mossoroense, Jeremias da Rocha nasceu a 29 de março de 1844. Era filho do poeta Floriano da Rocha Nogueira e da valente Anna Rodrigues Braga, a Anna Floriano.

Advogado, foi secretário da Câmara Municipal de Mossoró de 1864 a 1872, quando se demitiu por questoes políticas e instalou o jornal O Mossoroense. Homem livre, foi ardoroso defensor da maçonaria.

Consta ainda que Jeremias foi suplente de vereador em duas legislaturas seguidas (1870-1880 e 1881-1882), juiz municipal, primeiro suplente de delegado de polícia e sexto suplente de juiz municipal.

Como advogado, seu mais ilustre cliente era Jesuíno Alves de Melo Calado, o famoso cangaceiro Jesuíno Brilhante.

Sobre o assunto, narra Lauro da Escóssia:

"(...) muita coisa Jesuíno procurava resolver na Justiça. Tanto que, estando em Mossoró (segundo narrativa de minha avó, Maria Filgueira de Sousa), Jesuíno tinha um advogado _ Jeremias da Rocha Nogueira, jornalista e advogado provisionado pelo Tribunal de Apelação de Pernambuco.

Contava a mesma senhora que, todas as noites vinha um cabra de Jesuíno, montado e puxando um cavalo selado. Batia na porta de Jeremias, residência esta na atual rua Dix-sept Rosado, na casa em que hoje mora o Sr. Clóvis Ciarlini, levava o mesmo para Cajazeiras, ali redigindo petiçoes, colhendo apontamentos, e de onde voltava, lá pela alta madrugada".

Lauro da Escóssia também escreveu sobre a personalidade de Jeremias da Rocha:

"(...) A par de uma coragem espartana, jamais se quedou Jeremias frente aos potentados da época. Seus artigos, fossem doutrinários ou contundentes, refletiam o temperamento a que chegou, imbuído do propósito de dar a Mossoró e ao país, a demonstração do quanto seria capaz de realizar em prol de seu povo. Mesmo sob ameaça de morte e de empastelamento do seu jornal, cousa comum da época, jamais se intimidou Jeremias aos arreganhos de quantos adversários tentaram fazer calar sua pena amestrada".

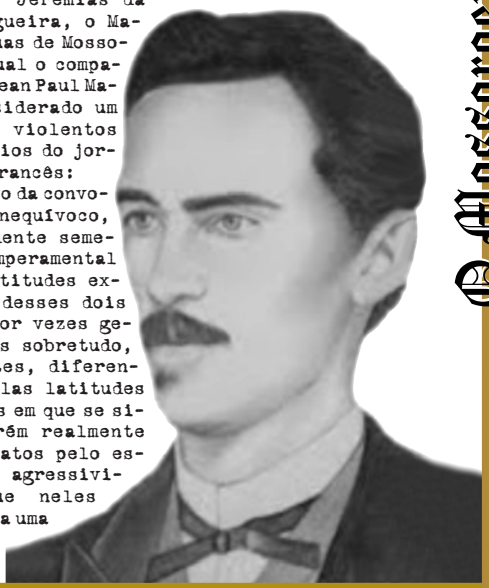
De acordo com Jaime Hipólito Dantas, em A Imprensa em Mossoró, "o nosso primeiro jornalista tinha sangue de bravo, possuía o arrojo das ideias novas e escrevia com elegância de estilo, como quem dominasse com segurança as dificuldades e meandros do idioma".

No centenário de Jeremias, Raimundo Nonato publicou o artigo intitulado "Jeremias da Rocha Nogueira, o Marat das ruas de Mossoró", no qual o comparava com Jean Paul Marat, considerado um dos mais violentos panfletários do jornalismo francês:

"O motivo da convocação é inequívoco, pela evidente semelhança temperamental e pelas atitudes explosivas desses dois homens, por vezes geniais, mas sobretudo, provocantes, diferentes só pelas latitudes dos mundos em que se situam, porém realmente identificatos pelo espírito da agressividades que neles constituía uma espécia de denominador comum, força atuante, indissociável e orgânica".

Abolicionista, Jeremias morreu aos 37 anos no dia 29 de junho de 1881, antes de ver Mossoró libertar seus escravos.

Como reconhecimento ao trabalho de Jeremias da Rocha em prol do fim da escravidão, os seus restos mortais foram trasladados para o Panteon dos Abolicionistas, no Museu Municipal.



A tentativa de empastelamento ou a bravura na ponta de um espeto

Contam que, em 12 de janeiro de 1875, enfurecidos devido a comentários publicados na seção intitulada Mofina, do O Mossoroense, o deputado provincial Rafael Archanjo da Fonseca e o guarda da Mesa de Renda José Tertuliano contrataram cerca de 10 capangas para tentar assassinar os redatores do jornal.

Após bebedeira e baderna pelas ruas da cidade, o grupo teria se dirigido à redação do jornal. Chegando lá, encontraram Anna Floriano, mãe de Jeremias da Rocha, que os esperava armada com um espeto.

- Quem subir à escada morre na ponta deste espeto! - teria dito Anna. Desgraça maior não aconteceu graças à intervenção de terceiros.

Na primeira edição após esse ataque, publicada a 13 de janeiro de 1875, O Mossoroense chegou às ruas com manifesto assinado por Jeremias da Rocha Nogueira, no qual comenta o acontecimento e classifica os pretensos invasores como "facínoras, sanguinários, celerados e canibais".

Jeremias presta, em seu texto, solidariedade a José Damião e ao agente consular Frederico Antonio de Carvalho.

"No dia 12 de Janeiro do corrente anno, reunindo-se o mencionado deputado Rafael Archanjo - a um seu comensal - de nome José Tertuliano, guarda da Meza de Rendas - percorreram os suburbios desta cidade assalariando capangas cacetistas, para um fim só compativel com a natureza corrompida desta miseravel gente, e conseguiram, que a elles se incorporassem os seguintes indivíduos - Quintiliano Fraga e um filho de nome João, João Martins da Silveira, e 2 ou 3 filhos, um famulo do Dr. Euclides Diocleciano, de nome Manuel e Manuel Gavião. Reunidos assim em numero de 10 ou 11 pessôas, depois de haverem afogado a mente n'um oceano d'alcool, armaram-se de cacetes, punhaes e pistollas, e dirigiram-se, às 3 horas da tarde de pouco mais ou menos, capitaneados pelo referido Rafael - na mais selvagem gritaria e criminosa ostentação, à casa onde reside José Damião de Souza Mello e Frederico Antonio de Carvalho, onde tem estes seu estabelecimento commercial, e o ultimo o escriptorio da Agencia Consular Portugueza; e ahi, furiosos como tigres, aos gritos de mata, morra etc, penetraram no interior della, indo até a cosinha, onde não encontrando suas victimas, que sorprehendidas pelo accomettimento inesperado, sem tempo para ganharem uma posição convenientemente defensiva, subiram ao andar da casa por cima do referido estabelecimento, onde permaneceram e onde aguardavam a subida dos aggressores.

Abandonada assim a casa, escriptorio e estabelecimento ao poder dos assaltantes, estes sedentos de sangue abrasados de ferocia e bruteza, e certos, pelo concurso d'algumas pessôas caracterizadas que com animo pacificador, para ali se dirigião, de que não levarião a effeito o assassinato de José Damião e de seu sócio, nem satisfarião daquella vez seus instintos brutais, atiram-se sobre as vidraças do estabelecimento e escriptorio da Agencia e quebrão quasi todos os vidros a cacete, dando até profundos golpes na propria madeira e balcão, quebrando igualmente diversos objectos de vidro expostos à venda, e praticando outros desatinos acompanhados de mil injurias atrozes e infamantes!!!!!!!!!

Ao vêr-se o desespero brutal e sanguinario d'aquella sucia de sceleratos, dir-se-hia um bando de salteadores acommettendo de sorpresa a casa d'um cidadão pacifico, dispostos a lhe pedirem a bolsa ou a vida!!!

Depois sahindo todos os facinoras do theatro de seu drama de ferôsa e selvagismo, onde lhes havião escapado as victimas em que pretendiam cevar seus instinctos e brutal furor, percorreram as ruas redobrando os insultos e ameaçando voltarem à typographia Mossoroense, causa originaria de seus odios contra os redactores. Era já noite e ainda se ouvia de todos os angulos da cidade o rugir medonho dessas feras avidas de vingança e famintas de sangues!".

Jeremias da Rocha prossegue em seu texto questionando a postura do delegado Joaquim Severino da Silva, que a tudo assistiu impassível e a do promotor Avelino Ildefonso, amigo do deputado.

"(...) Ignorava por ventura o plano sinistro e mil vezes reprovado d'aquelle seu amigo? Não via que o preparo belico d'aquella matilha feroz, horrivelmente alcoolizada não podia ser para praticar um ato lícito?".

No manifesto, o pai da imprensa mossoroense diz que é hora de se fazer respeitar os direitos.

"(...) Acordai para compreender vossos direitos e praguejar estes monstros sanguinarios, que rasgando a Constituição e as leis, tem arrojo de tentar contra a ultima de vossa liberdade, a imprensa.

Mas a imprensa não morre, porque não morre a liberdade! Como o cedro altivo que no picaro das montanhas afronta o embate furioso d'impetuosa rajada, hade o Mossoroense resistir impavido aos tufoes da prepotencia dos sicarios e dos vandalos desta desgraçada actualidade! Collocai-vos ao meu lado, mossoroenses, e quando por sobre as victimas sacrificadas ao furor sanguinario destes bandidos, avistar-des alguem lutando até cair esange abraçado ao pendão da liberdade que nos congraça e une, levantai os olhos, e encontrareis o que sempre esteve a vosso lado nas lutas da oppressão contra a tyrannya".

Na mesma edição, Jeremias assina outro texto em que desafia seus desafetos, revela a solidariedade do capitão Targino Nogueira de Lucena, irmão maçom e padrinho de João da Escóssia:

"Os autores do attentado... depois de insultuosas... e passeatas de musica, foguet vivas à constituição do império, o capitão Deputado e chefe... acabava de calcar aos pés violando asilo do cidadão fizeram... ameaças publicas de no dia 6 atacar a typographia Mossoroense.

[...]

A typographia foi aberta... todo esse dia em exposição publica a espera do cumprimento da... ameaça dos vândalos, que foram... intimidados pelo capitão Targino Nogueira de Lucena destincto mossoroense que os esperou na estacada... com seus amigos e ao lado do seu proprietario".

José Damião de Souza Mello também assina artigo na edição de 13 de janeiro de 1875, em que os autores do atentado são tachados como corruptos, selvagens antropófagos, cães hidrofóbicos e sicários.

O assunto ainda é abordado na edição do dia 24 seguinte. O texto sob o título "A queda do Archanjo Raphael!", em clara alusão a Rafael Archanjo, referindo-se ao "verme das pústulas", "Archanjo maldito", é finalizado com o "epitaphio horrendo":

"Aqui jáz Raphael, esse precito, Belsebú da Fonseca, anjo maldito Maldito cherubim! Larva negra a vagar nas trevas mudas, Fantasma de Plutão, sombra de Judas, Espectro de Caim!"

O Motim das Mulheres

O Decreto nº 5851, de 27 de fevereiro de 1875, aprovado no governo Rio Branco e regulamentado pelo Duque de Caxias, contendo as normas de recrutamento para o Exército e a Armada causou revolta em diversos pontos do país.

No Rio Grande do Norte não foi diferente. Nos municípios de Arez, Canguaretama e Goianinha, grupos de homens e mulheres invadiram igrejas e rasgaram livros, papéis e editais referentes ao recrutamento, segundo o mestre Câmara Cascudo.

Em Mossoró, o episódio ganhou mais repercussão tanto pelo tamanho do movimento quanto pelo fato de ele ter sido realizado por mulheres, cerca de 300, comandadas por Anna Rodrigues Braga, a Anna Floriano, mãe de Jeremias da Rocha.

O movimento, que recebeu o nome de Motim das Mulheres, aconteceu no dia 30 de agosto de 1875. O grupo de mulheres tomou do escrivão de juiz de paz e rasgou em praça pública o livro e papéis com a relação dos mossoroenses sorteados. O mesmo foi feito com as cópias pregadas na porta da igreja e as que foram entregues para publicação no jornal O Mossoroense.

O episódio foi narrado pelo major Romão Filgueira:

"No dia marcado, estavam umas trezentas mulheres reunidas em Mossoró, porque as próprias Evas dos arrabaldes haviam aderido ao motim. O cortejo rebelde partiu da atual rua João Urbano indo até a hoje praça Vigário Antônio Joaquim. Aí, forma rasgados os editais, pregados nas portas da igreja e despedaçados vários livros. Da praça Antônio Joaquim, dirigiram-se as amotinadas à Praça da Liberdade, passando pela hoje 30 de Setembro. Naquele logradouro público achava-se disposto um corpo de Polícia, ali posto com fim de dominar a sedição. Aos gritos de Avança, logo ficaram confundidos, no tumulto da luta, soldados e mulheres. Como era natural, foram várias as feridas, tendo a interferência de pessoas gradas da localidade evitado mais funestas consequências".

Em correspondência curta, Jeremias da Rocha comunicou à Junta Paroquial da impossibilidade de continuar publicando a relação dos sorteados:

"Comunico a V. Sas. Que deixo de continuar a publicar no meu periódico a lista de sorteio desta paróquia, como me havia comprometido, em consequência de haverem sido os respectivos autógrafos que se achavam em meu poder, inutilizados por um grupo de senhoras, que ontem pelas nove horas do dia invadiram a minha tipografia".

O ofício enviado pelo juiz José Antonio Rodrigues ao presidente da Província, João Bernardo Alcoforado Júnior, apontava, além de Anna Floriano, as senhoras Maria Filgueira e Joaquina de Souza como líderes do movimento que teria sido, segundo ele, arquitetado por Jeremias da Rocha.

O movimento em prol do fim da escravatura

O Mossoroense defendia a abolição da escravatura, embora o pensamento em favor da liberdade da raça negra tenha sido expresso de modo quase sempre discreto e algumas vezes de forma contraditória.

Na edição de 3 de maio de 1874, por exemplo, o jornal protestava contra a perseguição do delegado e do carcereiro de Mossoró a um escravo do comerciante Francisco Antonio Martins de Miranda, preso várias vezes, de modo arbitrário, e obrigado a fazer a faxina da delegacia. O contraditório da matéria está na constatação de que o jornal defende muito mais o direito do proprietário do negro, pelo fato deste ter sido mantido em cárcere sem autorização daquele, do que o direito à liberdade do cativo.

Outra dessas contradiçoes está estampada na última página, em 12 de julho de 1874, na forma de anúncio da fuga de um escravo.

"ESCRAVOS FUGIDOS - No dia 4 de Abril próximo passado, evadio-se da Povoação da Araruna, Provincia do Parahyba do Norte, hum escravo de nome Alexandre com os signaes seguintes - idade 20 anos, cor parda, altura regular, cheio do corpo, rosto redondo, falta de hum dente na frente, barba nenhuma, cabeça e orelhas grandes, cabellos crespos, e as pernas arqueadas, e quando se veixa gagueja hum pouco. Quem o apprehender e levar á Lagoa do Fumo na Provincia do Rio Grande do Norte, em casa do Coronel Miguel Ribeiro Dantas, ou a Araruna a casa de Antonio Ribeiro da Silva, será generosamente recompensado".

Voltando um pouco no tempo, encontra-se, em 14 de dezembro de 1872, a denúncia contra o juiz Sebastião Cracará, que teria roubado bens do escravo Tomaz para dar a outra pessoa. Não se trata de uma defesa da libertação dos escravos, mas de um negro em especial.

"RESSURREIÇÃO - temos em nosso poder a correspondencia, a que por falta de espaço dexamos de dar publicidade neste n. - É relativa ao apparecimento do escravo - Tomaz - cujos bens forão nesta Cidade escamoteados pelo juiz municipal supplente Sebastião Cracará, de eterna mimoria, e afinal entregues a um quidam, que dizia herdeiro do mesmo - Tomaz - No escripto a que nos referimos se poe bem patente a corrupção, que grassa aqui em certos funccionarios - que, constituidos Srs. da justiça - são ao mesmo tempo escrivãs, advogados - meirinhos e afinal arbitros da propriedade alheia.

(...) igualmente que pelo celeberrimo Cracará foi estabelecido um novo princípio em jurisprudencia, isto é - à sucessão inter vivos - por quanto sem a prova do fallecimento de - Tomaz apparece, e manda ordem para se receber os seus bens, não deixara por certo de reagir contra a violencia, que soffrera a pessoa que por sua ordem tinha seus bens - e que do seu uso ficou privado. - Prepare se o juiz Cracará, que teremos contradanças, e S.S. peça bem a Deus - não fique agarrado por um suspensório - ao anno do Nassimento de Nosso Senhor Jesus Christo - Quem te mandou alfaiate tocar rabecão?!

Isto quer dizer em bons termos para quem quer ser juiz tendo nascido para capar bodes?"

As defesas mais amplas do ideal libertário estão em 1874, como esse trecho de reportagem publicada em 26 de julho:

"Mais um triunpho da liberdade - Os jornaes da heroica provincia de São Paulo dão conta da acção altamente grandiosa e meritória, que alli acaba de destinguir o subdito francez José Planet, exdono do Hotel d'Europa sito na capital; o qual tendo de retirar-se para a Europa, resolveu dar a liberdade a 10 escravos de sua propriedade. [...]"

Em 13 de setembro seguinte, a defesa abolicionista aparece como propaganda da maçonaria:

"A loj.: Regeneração Catharinense, da cidade de Desterro, que mantém uma aula gratuita, solemnisou o dia 24 de junho do corrente anno libertando uma criança menor de 11 annos.

O Sr. Augusto César Moreira Pantaleão, por ocasião de entrada na loj.: Honra e Humanidade , ao Unido (Rio Grande do Sul), libertou em nome da sua officina e sem ônus algum a uma sua escrava de cinco annos de idade. [...]"

Outro texto merece destaque. Em 24 de outubro de 1874, comemorando o segundo aniversário do jornal, transcorrido em 17 passado, Jeremias publicou o manifesto do qual fazem parte as seguintes passagens:

"A bandeira do Mossoroense é a da liberdade; não a liberdade que assiste ao senhor na compreensão do escravo; mas a liberdade de iguaes e de irmãos.

[...]

Elle caminha e busca a liberdade completa e real aonde quer que ella esteja.

[...]

O Mossoroense sem desviar-se um ápice do caminho, que a justiça e a razão lhe tem apontado, acompanhará nas lides os obreiros do progresso, entoando em coro sob a luz resplandecente da verdade, hynnos a Deus, a Patria e à Liberdade.

Avante! Coragem!"

A venda e o enterro dos equipamentos

O encerramento da primeira fase do O Mossoroense - possivelmente em março de 1876, depois de publicar cerca de 158 números em ediçoes dominicais -, ao que parece, se deu por problemas financeiros que obrigaram Jeremias a vender o prelo principal ao coronel Antônio Soares Macedo, para impressão de O Brado Conservador, em Assu.

O restante dos equipamentos gráficos, com a morte de Jeremias, em 1881, foi enterrado por José Damião no quintal de sua casa, na antiga Rua das Flores, hoje Bezerra Mendes, e resgatado cerca de 30 anos depois.

Em 1911, morando na mesma casa que pertencera ao pai, Alfredo de Souza Mello contou a João da Escóssia, Jerônimo Rosado, Rufino Caldas, Lauro da Escóssia e outros presentes, que sempre ouvira o pai dizer que enterrara um dos prelos do O Mossoroense, o primeiro a ser usado na tipografia, bem ali, no quintal de sua residência.

A revelação de Alfredo Mello despertou a curiosidade dos presentes, que decidiram procurar o velho prelo. Lauro da Escóssia, com a autoridade de quem assistiu a tudo, conta:

"Estou vendo na retina da memória o próprio Alfredo Melo com aquela sua agucidade inglesa, de posse de uma alavanca cavando a terra, revolvendo o solo e grande foi a surpresa de todos. As peças, uma a uma estavam sendo retiradas de um ângulo do quintal do prédio em que hoje está situada a Farmácia Assunção, contígua à residência da família Melo que ao tempo passado integrava todo conjunto residencial e armazém de comércio de José Damião de Souza Melo e de seu sucessor".

José Damião, O Velho da Montanha

Português de Aveiro, José Damião de Souza Melo chegou ao Brasil no ano de 1862, onde mais tarde requereu a naturalização.

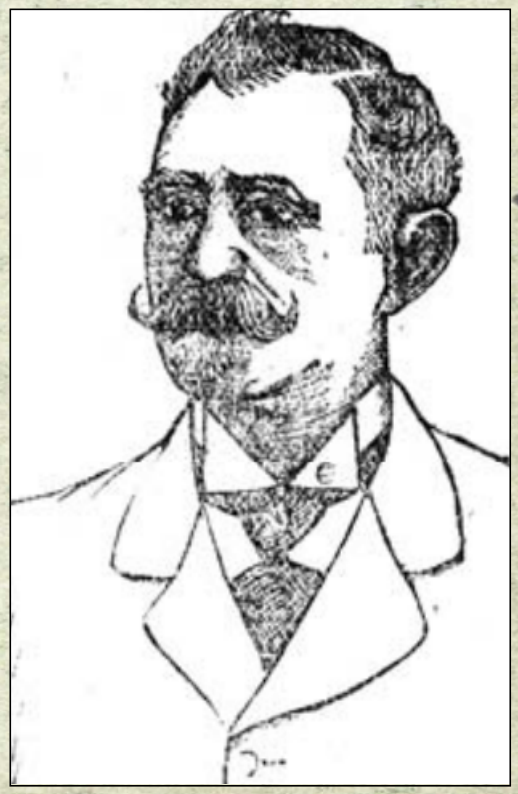
"Um estrangeiro de espírito adiantado", segundo o historiador Raimundo Nonato, José Damião foi jornalista, poeta, comerciante e abolicionista.

Sacerdote, largou a batina pelo presbiterianismo. Publicou um estudo "O Purgatório perante o século e as escrituras", tendo sido um dos animadores da religião protestante em Mossoró.

Companheiro de primeira hora de Jeremias da Rocha à frente do O Mossoroense, José Damião escrevia facilmente, com precisão e vivacidade. Muitos de seus textos eram assinados com o pseudônimo "Velho da Montanha". Teve atuação destacada pelo fim da escravatura e deixou seu nome vinculado à galeria dos Abolicionistas Mossoroenses.

"De natureza intranquila, percorreu outros lugares. Além de Mossoró, morou em Acari, Jardim do Seridó, Fortaleza e Manaus, exercendo as atividades mais diversas, deixando por onde passava a marca de seu espírito combativo e vibrante", conta o escritor Geraldo Maia.

Faleceu em Manaus no dia 12 de fevereiro de 1905.



O Ressurgimento nas mãos de João da Escóssia

A segunda fase do O Mossoroense tem início em 1901, quando o jornal ressurge como "Periódico humorístico e Illustrado", sob o comando de João da Escóssia, filho de Jeremias da Rocha, com o apoio dos redatores Antonio Gomes e Alfredo Mello.

Sobre esse período, conta o historiador Vingt-un Rosado:

"Em 1901, o velho e glorioso órgão de nossa imprensa ressurgiu sob a capa d'O Eco, jornal humorístico, durando até 1902. Marca este último ano, o início da 2ª fase d'O Mossoroense, aos 12 de julho. São seus novos redatores o coronel Antônio Gomes de Arruda Barreto e Alfredo de Souza Melo, filho de José Damião. Gerencia-o, com muita competência, o redator-xilógrafo João da Escóssia, que também é seu proprietário. Traz agora o intuito de prestar 'serviços às letras, às artes, às ciências, às indústrias e ao desenvolvimento de todos os ramos da atividade humana'.

Nesta segunda fase era quinzenal, passando-se em 1905 a publicar-se três vezes ao mês. Imprimia-o a Aurora Escossesa, depois Atelier Escóssia. Mais tarde seria semanal e em sua última etapa, bissemanal, saindo às quartas e aos domingos. Depois do falecimento de João da Escóssia, O Mossoroense passou a ficar sob a direção dos jornalistas Augusto da Escóssia e Lauro da Escóssia, netos de Jeremias da Rocha Nogueira e filhos de João da Escóssia.

A terceira geração, como a segunda, soube manter o tradicional órgão na diretriz que lhe traçara a primeira, em 1872".

Linha

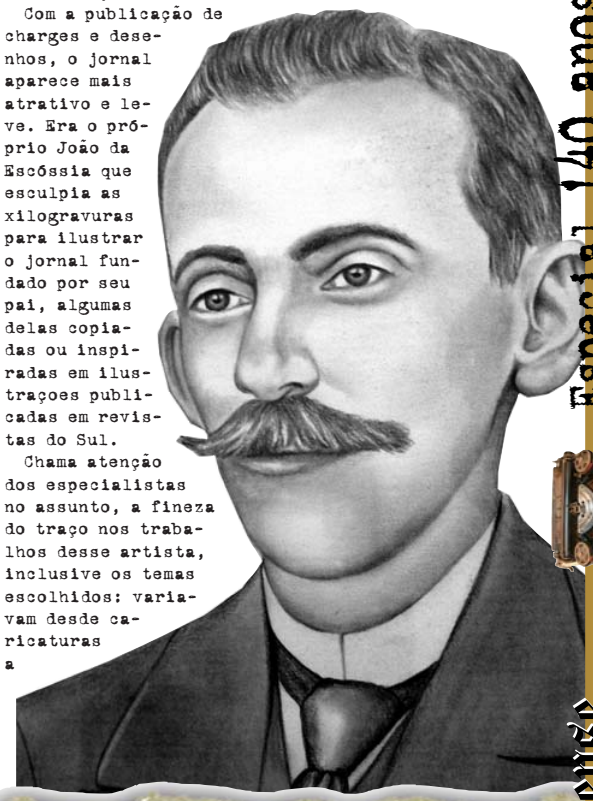
A reabertura do O Mossoroense traz a marca do segundo período da imprensa brasileira, que se iniciou em 1880 e se estendeu até 1910. O jornal passa a ganhar dimensão de empresa e a política partidária não é mais a mola propulsora do rumo a ser seguido. Não havia a agressividade dos primeiros anos. É o período em que os processos de composição e impressão passam a ser aprimorados, a caricatura surge na imprensa brasileira e cresce a consciência de que o objetivo do jornal é a notícia.

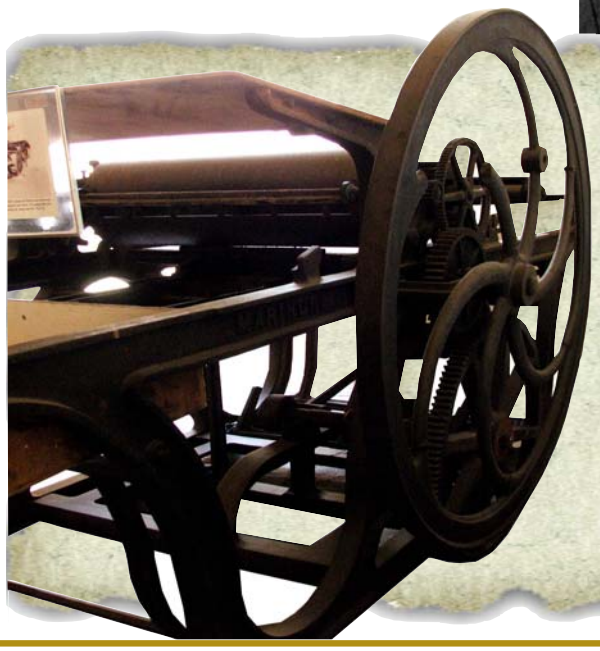
A Questão de Grossos, disputa entre os Estados do Ceará e Rio Grande do Norte para estabelecer seus limites, foi o principal assunto abordado nesse período. Também nesse período que foram dados os primeiros passos na área da publicidade.

Ilustraçoes

Com a publicação de charges e desenhos, o jornal aparece mais atrativo e leve. Era o próprio João da Escóssia que esculpia as xilogravuras para ilustrar o jornal fundado por seu pai, algumas delas copiadas ou inspiradas em ilustraçoes publicadas em revistas do Sul.

Chama atenção dos especialistas no assunto, a fineza do traço nos trabalhos desse artista, inclusive os temas escolhidos: variavam desde caricaturas a charges satirizando acontecimentos políticos. João da Escóssia chegou a retratar cenas de um crime ocorrido em Grossos e o incêndio da Bastilha, além de esculpir artes publicitárias.





A Marinoni

Em 1917, dando cada vez mais ar empresarial ao jornal, João da Escóssia compra a máquina impressora Marinoni.

De fabricação francesa, plana, acionada a eletricidade e com capacidade para 1.500 exemplares por hora, a Marinoni continuou fazendo a tiragem do jornal aos anos 1950, com a inserção dos linotipos.

Doada ao Museu Municipal Lauro da Escóssia na década de 1990, a Marinoni passou anos desmontada até que João da Escóssia Neto tomou a iniciativa de recompô-la, voluntariamente.

A arte de João da Escóssia

Artista nato, João da Escóssia foi jornalista, xilógrafo, artista plástico, desenhista, gravador, cenarista e autor de teatro. Foi o primeiro caricaturista do Rio Grande do Norte.

Nascido em 1873, era herdeiro do espírito combatente de seu genitor - Jeremias da Rocha Nogueira.

Fundou o jornal O Echo em 1901. No ano seguinte reabriu o jornal fundado por seu pai, O Mossoroense, com uma inovação: as páginas antes preenchidas apenas por textos, agora eram ilustradas com gravuras, cujas matrizes (xilogravuras) ele próprio talhava em madeira utilizando-se apenas de um simples canivete.

Na segunda conferência do I Ciclo de Conferências e Estudos Mossoroenses, em agosto de 1958, o jornalista e escritor Jaime Hipólito Dantas assim se expressou:

"De João da Escóssia, pode-se dizer, primeiro que tudo, que se tratava de um artista de primeira ordem. Era um admirável xilógrafo, com uma capacidade simplesmente extraordinária para retratar, em madeira, com o auxílio de um mero canivete, figuras do seu tempo ou de outras épocas, como ainda objetos, fatos ou alegrias para a ilustração de notícias ou reportagens.

A arte do xilógrafo João da Escóssia estaria a merecer um estudo à parte por um entendido na matéria. Como se explicar que um homem do interior, sem qualquer estudo especializado, haja chegado a dominar com tal perfeição a arte, não tão fácil, da xilogravura? Possuía o artista o senso da observação dos detalhes mais diminutos. Parecia ser ágil, sutil e penetrante. Uma vocação, sem dúvida, de puro retratista, que a província, na pequenez das suas proporçoes, no incolor da sua vida no princípio do século, não pode devidamente valorizar".

Quando morreu, em 14 de dezembro de 1919, João da Escóssia já usava cadeira de rodas há cerca de 9 anos, depois de um início de paralisia. Também eram-lhe frequentes inchaços e fortes dores na mão direita, justamente a que imprimia força no canivete para moldar formas na madeira.

Os sucessores de João da Escóssia

Com o afastamento de João da Escóssia em 1917 e sua morte, em 1919, o jornal perdeu muito de suas características culturais. Vale salientar que a partir da I Guerra Mundial, deflagrada em 1914, os jornais do País começaram a perder suas características literárias e a ser influenciados pelas novas relaçoes estabelecidas entre a sociedade e a comunicação de massa, passando a ser mais noticiosos.

O historiador Raimundo Soares de Brito menciona Francisco Pinheiro de Almeida Castro como sucessor de João da Escóssia no comando do jornal, de 1917 a 1921.

Em seguida, conforme Jaime Hipólito, vieram Rafael Fernandes Gurjão, como diretor político e redator-chefe de 1922 a 1930, e Augusto da Escóssia como gerente, de 1930 a 1934, quando do encerramento da segunda etapa.

Vespertino e sem censura

Em 1918, O Mossoroense era "Órgão vespertino, independente e consagrado aos interesses das classes conservadoras". No dia 18 de junho de 1919, passava a anunciar-se como "Órgão do Partido Republicano Federal". Apesar do período de vibrante engajamento político, o jornal não trazia mais a violência dos embates da primeira fase.

Proprietário e gerente, Augusto da Escóssia não aceitou a censura imposta pelos que detinham o poder político e preferiu suspender a circulação do jornal, temporariamente, a apresentá-lo aos leitores com as ideias tolhidas. Com o manifesto "Ao povo de Mossoró", Augusto anunciou o fechamento:

"O Mossoroense, depois de circular continuamente por mais de trinta annos, vê-se forçado hoje a interromper sua publicação. É do domínio público que na quarta-feira passada, o sr. delegado de polícia, 1º tenente José T. da Rosa, procurou o nosso director, fazendo-lhe ver que, de ordem superior, antes de circular, teria o jornal de se submeter à censura. Consciente do dever de acatar as resoluçoes do governo ditactorial implantado em nossa Pátria, nada teríamos a objectar se a censura tivesse de ser feita pela autoridade pública, no uso de suas atribuiçoes regulares. Mas, para O Mossoroense a censura se revestia de uma humilhação, pois que, estranhamente, o censor seria um cidadão que, além de adversário político, era desafecto pessoal do director e mais redactores do jornal. Nestas condiçoes, impulsionados por um sentimento de brio que, herdado dos nossos maiores, queremos transmitir integro aos nossos descendentes, resolvemos cerrar as portas do orgam, cuja vida tem sido um exemplo de trabalho e esforços em prol de todos os nobres cometimentos que se relacionam com o progresso e com o bem estar do município e do estado, e cuja orientação, como podem atestar todos os que nos leem, tem sido a mais prudente, sensata e elevada que seria licito desejar.

Esperamos que um dia os claroes dos raios sublimes da liberdade, do amor e da justiça illuminem a nossa trajectoria, e que então, se concretisem em verdade inconcussa as palavras santas do Evangelho: "OS HUMILHADOS SERÃO EXALTADOS".

Mossoró, 17. 7. 1932.
A Redação"

Augusto da Escóssia

Escossinha, como era conhecido Augusto da Escóssia Nogueira, o quarto descendente de João da Escóssia, nasceu no dia 14 de janeiro de 1900. Herdou, no sangue, o amor pelo jornalismo, dando continuidade ao O Mossoroense. Foi também vice-presidente da Câmara de Vereadores, prefeito de Mossoró, suplente de juiz federal e tesoureiro da Câmara de Mossoró.

A passagem pela Câmara foi rápida. Eleitos para o período de 1937 a 1940, os edis daquela legislatura, que era presidida pelo farmacêutico Jerônimo Lahyre de Melo Rosado, perderam os mandatos 13 dias depois da primeira sessão, que realizou-se a 15 de setembro, como efeito do Estado Novo, implantado por Getúlio Vargas.

A sua gestão como prefeito aconteceu de 19 de fevereiro a 3 de agosto de 1946.

Raimundo Nonato assim o definiu:

"(...) Homem otimista e de compreensão realista da vida, sem alimentar falsas ilusoes, para ele não havia coisas impossíveis, e como não concretizava situaçoes, ia disfarçando as dificuldades que lhe apareciam no caminho com um riso franco, cheio daquela confiança que tanto concorria para sua tranquilidade e para sua paz de espírito.

(...)

Na sua vida toda, Augusto da Escóssia Nogueira foi um modelo de probidade e de estrutura moral.

Talvez tenha sido, em Mossoró, o homem ideal de sua geração, sem inimizades, sem recalques, sem rserva de ódios que lhe pudessem estorvar a consciência, vivendo de seu trabalho para a manutenção da sua família. Hoje, pensando nele, é pena recordar que, com seu desaparecimento, abriu-se um grande claro na imprensa mossoroense, de onde ele se foi, como um dos seus mais famosos mosqueteiros".

Era casado com Alaíde da Escóssia e deixou 12 filhos. Faleceu no dia 6 de julho de 1951.

Tentativa de reativação e o fim de mais uma era

Em 30 de setembro de 1933, ainda sob a direção de Augusto da Escóssia, O Mossoroense voltou a circular:

"Após mais de um ano de silencio, imposto pela situação de compressão e despotismo que abastardou as nossas tradiçoes de liberalismo, - surge na arena jornalística O MOSSOROENSE, o velho orgam que sempre se constituiu em trincheira das aspiraçoes de nossa terra em tudo que respeitasse o seu progresso material e a sua cultura. Defendendo o programa a que se traçou em toda a sua já longa existência, este jornal, sem jamais baixar às ofensas pessoais e nem cultivar ódios estéreis, continuará a sua missão nobilitante de propugnar pelos altos empreendimentos locais, e, há de ser o vanguardeiro digno e leal das boas causas e dos propositos meritorios.

Confia a sua direção que o POVO MOSSOROENSE recebe-lo-á com a simpatia que tanto lhe servirá para estimulo, e a que corresponderá com o Maximo esforço para bem servi-lo".

A circulação se estendeu até fins de 1934. O último número constante do acervo do Museu Municipal é o 1.155, de 11 de novembro.

O primeiro crime de imprensa

A vítima do primeiro crime de imprensa oficialmente registrado em Mossoró foi, por ironia do destino, o jornalista João da Escóssia. Os acusados eram Eduardo dos Santos e Francisco Xavier de Miranda, responsáveis por A Tribuna.

No dia 9 de maio de 1915, A Tribuna publicou artigo intitulado "Honra ao Mérito", no qual atacava João da Escóssia. Levado a juízo, Francisco Xavier acabou se retratando.

Na queixa-crime, Escóssia afirma que o artigo é injurioso porque "traduz, embora velada, equivoca ou vaga, uma offensa à sua dignidade e à sua honra".

Os originais da queixa-crime e da procuração passada por João da Escóssia a José Soares Franco, para que, na condição de seu representante legal, acompanhasse o processo, despachos do juiz e interrogatórios dos acusados fazem parte do acervo do Museu Municipal de Mossoró.

Lauro da Escóssia e seus filhos

A reabertura do jornal em setembro de 1946 confirmou as palavras proféticas do monsenhor Barreto, ex-diretor do Colégio Diocesano, de que havendo um descendente de João da Escóssia O Mossoroense há de reaparecer. Sob o comando de Lauro da Escóssia, filho de João da Escóssia e neto de Jeremias da Rocha, chega-se à terceira fase.

Na árdua tarefa, Lauro da Escóssia tinha a ajuda de, entre outras pessoas, seus filhos Lauro Filho e Danilo Couto da Escóssia, ambos ainda crianças, que começaram vendendo jornais e acabaram jornalistas.

No frontispício nada de trazer o anúncio das cores partidárias que defendia, O Mossoroense se mostrava mais noticioso. Seus redatores eram Jorge Freire, Vingt-un Rosado e José Augusto Rodrigues.

Segundo o historiador Raimundo Nonato, "Lauro trazia no sangue o arrebatamento e a impetuosidade de seu avô Jeremias. (...) Lauro era o espadachim animoso com a vivacidade do felino, sempre pronto para enfrentar , nas horas das trevas, um vulto encapuzado. Sua oficina estava sempre aberta para a acolhida das iniciativas, na maior parte delas, dando prejuízo à empresa. Mas, os Escóssias nem olhavam para isso".

Lauro dirigiu O Mossoroense por aproximadamente 30 anos e foi quem mais escreveu sobre o jornal e sobre a família Escóssia. Um dos marcos de sua atuação profissional foi a entrevista com o cangaceiro José Leite Santana, o Jararaca.

O advogado e ex-deputado estadual Lauro da Escóssia Filho falou sobre o pai quando o substituiu na cadeira 12 da Academia Mossoroense de Letras, no dia 30 de junho de 1989:

"Humilde como ele era, nunca usou as páginas de seu jornal para se projetar. Certamente ele acreditava que o seu trabalho a serviço de Mossoró seria um dia reconhecido sem o emprego de qualquer mídia. Jamais tentou elevar-se mais alto do que as condiçoes o permitiam. Sempre usou a modéstia como norma, nada exigindo em troca de seu empenho.

Ele fez do seu trabalho a sua vida.O jornal era seu segundo lar. Suas noites eram indormidas. Seu descanso era nada. Sua vaidade era nenhuma. Era, isto sim, incansável batalhador de todas as horas, no se afã de editar o velho jornal de cem anos, chegando a fazer quase tudo dentro das oficinas e da redação do jornal."

Lauro da Escóssia foi um democrata, correligionário do Partido Republicano e do Partido Popular. Por causa de suas posiçoes políticas, o O Mossoroense chegou a fechar por duas vezes, de acordo com Lauro Filho.

Pela numeração dos exemplares existentes no Museu Municipal, um desses 'mergulhos' foi em 1963, embora alguns autores se refiram a 1965. Jaime Hipólito cita 1964. O último número desta fase é o 3.393, de domingo, 7 de julho de 1963.

Lauro da Escóssia reabriu o jornal em 1970 e o comandou até a venda, em 1975, quando o controle acionário passou a ser do médico Jerônimo Rosado Cantídio, ligado ao grupo do deputado federal Jerônimo Vingt Rosado Maia, adversário político dos Lauros (pai e filho).

Sobre Lauro e a sua ligação umbilical com O Mossoroense, disse Raimundo Nonato:

"Ainda hoje, Lauro da Escóssia continua dentro da oficina com o mesmo entusiasmo dos seus dias jovens, trabalhando, dirigindo, fazendo tudo.

E quando o tempo lhe sobra, o que é muito raro, toma uns goles de café requentado, fuma um cigarro-mata-rato e dá uns curtos cochilos arriado por cima dos fardos de papel.

Imensa e gloriosa compensação para um homem idealista que tem naquelas velhas máquinas de fazer o jornal, um tesouro bem muito maior do que aquele que enchia de vaidade o poderoso e sábio Rei Salomão!".

A inserção da linotipo

Lauro da Escóssia começou o processo de modernização do jornal e, em 1953, introduziu o uso da linotipo, uma máquina que fundia em bloco cada linha de caracteres tipográficos, composta de um teclado, como os das antigas máquinas de escrever.

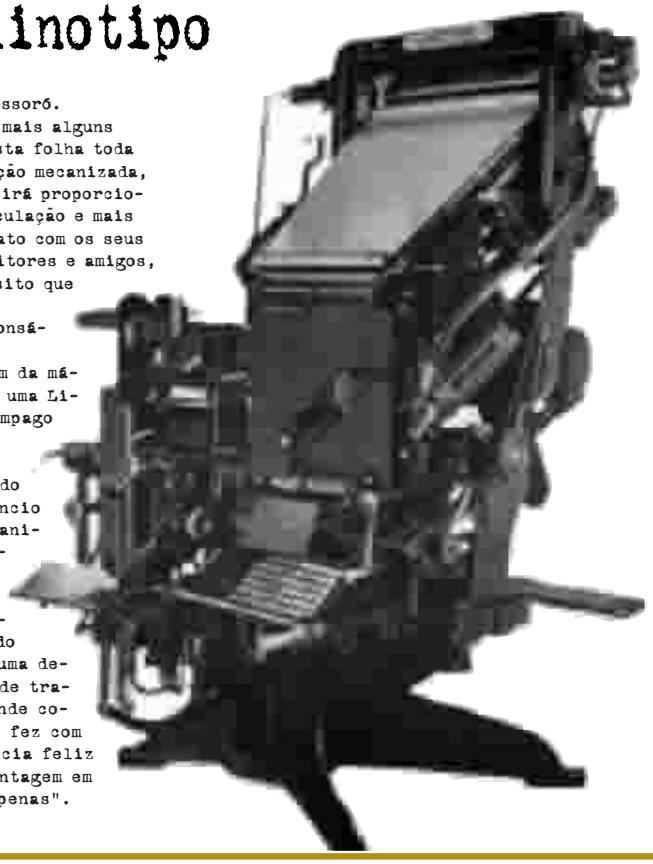
Eis o registro do próprio O Mossoroense, na edição número 351, do dia 7 de junho de 1953:

"Está em fase de experiência a linotipo adquirida pelo O Mossoroense.

Representa esse presente regio para a cidade de Mossoró, a primeira dentre as muitas cidades interioranas do norte do país a possuir gráfico mecanisado, mais uma conquista do esforço da família Escóssia, que mais uma vez se apresenta como pioneira nos árduos misteres da imprensa mantendo através de quatro geraçoes de Jeremias da Rocha aos bisnetos, a mesma chama de expansão e progresso reclamados por Mossoró.

Dentro de mais alguns dias terá esta folha toda sua composição mecanizada, o que muito irá proporcionar sua circulação e mais rápido contato com os seus inúmeros leitores e amigos, tal o propósito que animam seus atuais responsáveis.

A montagem da máquina que é uma Linotipo Relâmpago modelo 31, obedeceu a orientação do técnico Leoncio Tobasa, mecanico, da Linotipo do Brasil S.A., em todo o norte do país, que numa demonstração de trabalho e grande conhecimento, fez com desincumbência feliz referida montagem em dois dias apenas".



Dorian Jorge Freire

Dorian Jorge Freire nasceu em Mossoró em 1934 e começou a trabalhar no O Mossoroense com apenas 14 anos como repórter estagiário, tendo passado por todas as etapas da redação até chegar ao cargo de diretor.

Em depoimento publicado no livro "Escóssia", de autoria do jornalista Cid Augusto, mostra bem o apego que tinha com o jornal O Mossoroense:

"Eu aprendi a ler soletrando o jornal O Povo de Fortaleza, noticiário da Segunda Guerra Mundial. Mas aprendi a amar a liberdade foi no O Mossoroense, vendo a prática democrática de Lauro da Escóssia. Era menino quando ingressei no jornal, a convite de seu dono, Lauro da Escóssia em 1947 ou 1948. Meu primeiro artigo chorava a morte de Monteiro Lobato e era intitulado "Zé Brasil". Há 44, 45 anos. De lá para cá, nunca deixei jornal e nunca estive longe do O Mossoroense, ao lado de Jorge Freire, Rafael Negreiros, Jaime Hipólito, Vingt-un Rosado, José Augusto Rodrigues, Lauro Escóssia Filho.

Escrevíamos com inteira liberdade. Até contra as opinioes dos dois Lauros (donos) e os interesses do jornal. Censura não havia. Imoralidade só havia na boca suja de Zé Abel. Eu também entregava papel para Albecy fazer engoli-lo a velha Marinoni. O resto do dia passava no jornal vendo a sua faina, testemunhando o seu alegre heroísmo.

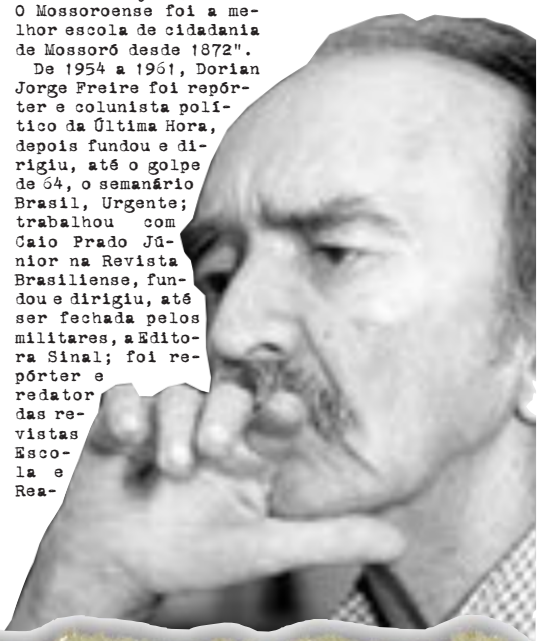
Lauros, os dois, faziam de tudo: artigos, crônicas, armação de página, titulagem e eram artistas em tipografia. Eles e Surica, Tinteiro e Quincão. Sem falar em Chico Abel, Zé Abel, Vicente, Dois e Postal. Assim foi até eu partir para São Paulo de onde continuei escrevendo para o jornal.

Regressando definitivamente a Mossoró (em 1975), fui convidado pelos Lauros para assumir a direção do jornal, o que fiz incontinenti. Assisti à venda da maioria acionária da empresa dos Escóssia para o grupo político de Vingt Rosado. Continuei diretor. Assegurando a todos as mesmas liberdades concedidas no passado por Lauro.

Eu que assisti os Lauros trazerem para Mossoró a primeira Linotipo, trouxe para o velho jornal a primeira off set e o primeiro fotolito. Além de ter sido na minha administração que o jornal teve sede própria na nova rua com o seu nome. Depois de Lauro da Escóssia, fui quem mais demorou na direção do jornal. Mais que o fundador Jeremias, mais do que João da Escóssia, Escossinha: 10 anos inesqueciveis para mim.

Nestes meus 44 anos de imprensa, passei por muitos jornais, dirigi alguns deles. Nada me orgulha tanto do que a temporada no O Mossoroense. Principalmente sob a direção do querido Lauro da Escóssia. Tenho muita saudade do matraquear da Marinoni, do cheiro de tinta de Dois, de suas piadas, das imoralidades de Zé Abel e das reaçoes permissivas do velho Gato. Tenho saudades de Surica, Vicente, Chico Abel, Fernando, Danilo e Lauro, Lucinha e Tó, Tinteiro, Albecy e Quincão. O Mossoroense foi a melhor escola de cidadania de Mossoró desde 1872".

De 1954 a 1961, Dorian Jorge Freire foi repórter e colunista político da Última Hora, depois fundou e dirigiu, até o golpe de 64, o semanário Brasil, Urgente; trabalhou com Caio Prado Júnior na Revista Brasiliense, fundou e dirigiu, até ser fechada pelos militares, a Editora Sinal; foi repórter e redator das revistas Escola e Rea-

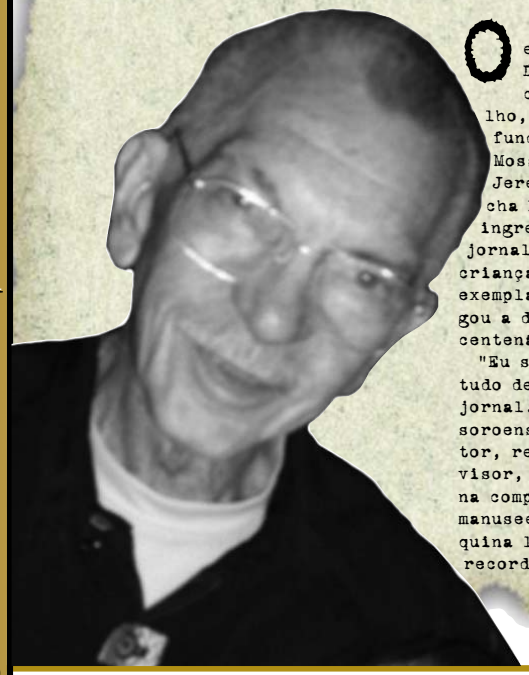


lidade, diretor do Diário de Natal, diretor da Tribuna do Norte, diretor do O Mossoroense.

Dono de um texto precioso - "o maior estilista brasileiro", no dizer de Tristão de Ataíde -, Dorian marcou época no jornalismo brasileiro e foi um dos maiores intelectuais deste país.

Dorian Jorge Freire faleceu em 24 de agosto de 2005, vítima de falência múltipla dos órgãos, depois de 57 anos dedicados ao jornalismo.

De vendedor de jornal a jornalista



O jornalista e advogado Lauro da Escóssia Filho, bisneto do fundador do O Mossoroense, Jeremias da Rocha Nogueira, ingressou no jornal ainda criança, vendendo exemplares, e chegou a diretor do centenário.

"Eu sei fazer de tudo dentro do jornal. No O Mossoroense fui diretor, redator, revisor, trabalhei na composição e manuseei até a máquina linotipo", recorda Lauro que foi, junto com seu pai, responsável por implantar, em 1953, a primeira máquina linotipo do jornal, o que acelerou a produção do periódico.

Aos 80 anos, Lauro Filho mora no Ceará, onde é membro da Comissão de Ética da Subsecional da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), tendo, inclusive, recebido a condecoração de Advogado Padrão 2010. "Meu pai é um exemplo de caráter retíssimo, uma pessoa digna, um eterno apaixonado pelo jornalismo", define Fernanda da Escóssia, filha que herdou do pai o fascínio pelo jornalismo e é hoje editora do caderno "O País", do jornal O Globo.

Em março deste ano, Lauro Filho resgatou a página principal da primeira edição do centenário, datada de 17 de outubro de 1872. Segundo ele, a recuperação é importante resgate histórico. "O trabalho ajuda a preservar a história e é um presente para a atual e futuras geraçoes".

Saga de 140 anos

Lauro da Escóssia Filho

Este jornal está completando 140 anos de sua fundação, uma vez que circulou pela primeira vez no longínquo dia 17 de outubro de 1872, período que representa o início de uma sequência de lutas enfrentadas por seu fundador - Jeremias da Rocha Nogueira - o "aristocrata do talento", em consequência dos seus artigos, sempre muito bem escritos e oportunos, como dos demais seguidores de empreitada, filhos, netos, bisnetos e trinetos. Com o falecimento de Jeremias, o jornal passou às mãos do filho João da Escóssia, o "xilógrafo por excelência". Com a morte de João, foi para seus filhos Augusto e Lauro da Escóssia, "o repórter da história". Passou ainda pela direção do jornalista, advogado e bisneto Lauro da Escóssia Filho. Agora seu editor é o trineto Cid Augusto da Escóssia Rosado.

Jeremias, além de escrever muito bem, era advogado provisionado pelo Tribunal de Pernambuco e tinha como companheiros de aventura o padre português José Damião de Souza Melo, Ricardo Vieira do Couto e Alexandre Soares do Couto. Todos escreviam muito bem.

O fundador, entretanto, encontrou no padre Antonio Joaquim Rodrigues um adversário. O vigário não concordava com os bons costumes maçônicos de Jeremias, de uma maneira tal, que se negou a batizar o filho de Jeremias na igreja, porque o pai e o padrinho eram maçons, fato que obrigou Jeremias a levar o menino para a maçonaria, batizando-o com o nome de João da Escóssia, com dois esses, nome do patrono da Ordem Escocesa Antiga e Aceita - São João da Escóssia. Estavam iniciadas a família Escóssia em lugar de Rocha Nogueira e a luta com o vigário, passando o jornal O Mossoroense a ser antijesuítico.

Exercendo a advocacia, Jeremias, além de outras funções, secretariou a Câmara Municipal de Mossoró e foi defensor nas Comarcas da zona oeste do Estado, de Jesuíno Brilhante, "o bandoleiro romântico". A luta de Jeremias, entretanto, durou pouco, pois faleceu muito jovem, aos 37 anos, mas teve tempo de deixar um acervo invejável que sua inteligência produziu. Com sua morte o jornal também teve vida curta, fechando as portas e somente reabrindo-as a 12 de junho de 1902, pelo filho - João da Escóssia - "o artista da xilogravura", que trabalhava para dar vida ao jornal, às pessoas e aos fatos, bem retratados em pequenos pedaços de madeira, tanto n'O Mossoroense como n'O ECO.

Eram companheiros de João da Escóssia na redação, Alfredo de Souza Melo, filho de José Damião, Antonio Gomes de Arruda Barreto, o Cônego Amâncio Ramalho, Dr. Antonio Soares Júnior, além de outros. João, como o pai, morreu muito novo, aos 46 anos, deixando um acervo imenso de xilogravuras, cujas matrizes foram destruídas pelo tempo. Era um artista, jornalista, xilógrafo, desenhista, gravador, cenarista e autor de teatro.

Com os falecimentos de Jeremias e do filho João, houve um hiato na circulação do jornal. Os filhos Augusto e Lauro não tinham condições de assumir o jornal, que somente voltou a circular na década de 1920/1930. Augusto com 25/30 anos e Lauro com 15/20.

Veio Getúlio ditador de 1930 a 1945. O Mossoroense passou a sofrer perseguições. Augusto e Lauro eram contra a ditadura que, de tão forte, permaneceu por quinze anos. Uma pequena prova foi o que aconteceu em Mossoró, na apresentação de um artista do sul. Mandava a plateia escrever qualquer coisa para ele dizer, sem ver o que estava escrito. Augusto da Escóssia, gozador da melhor estirpe, escreveu e mandou o seu recado. O artista foi dizer o que estava escrito no último envelope e ficou titubeando: "isso eu não posso dizer". E a turma: "diga, diga". O artista, partidário da Revolução de São Paulo, se entusiasmou e gritou aos quatro cantos: "VIVA SÃO PAULO". Imediatamente a polícia entrou em cena, prendeu o artista e alguns políticos conterrâneos, suspeitos da autoria do escrito, como o médico João Marcelino e o industrial Francisco Queiroz. Escossinha, o autor, deixou o teatro caladinho e incólume. A digressão foi feita para mostrar os absurdos da força policial.

O Mossoroense foi testemunha do ataque de Lampião a Mossoró, tendo publicado uma entrevista com o perigoso cangaceiro Jararaca, de autoria de Lauro da Escóssia, então com 17 anos, entrevista que serviu para a primeira página do jornal O Estado de S. Paulo.

Os seguidores do Sr. João Café Filho apoiavam a ditadura. Então chegou uma ordem: "O Mossoroense teria de passar por censura a ser feita pelo Sr. Amâncio Leite".

Augusto e Lauro não se submeteram e preferiram fechar o jornal com a publicação de uma nota que dizia que "os humilhados serão exaltados", como realmente aconteceu. Em pouco tempo caiu a ditadura, o país voltou à normalidade democrática e entre mortos e feridos escaparam todos.

Durante grande parte do período da ditadura, o jornal não circulou, somente voltando às ruas após a deposição do governo Vargas. Augusto da Escóssia falece no Rio de Janeiro aos cinquenta anos de idade, restando a Lauro, aos 40/45 anos a tarefa de continuar com o jornal.

Entre os anos de 1945/1950 o padre Mota, então prefeito de Mossoró, convocou uma reunião da "cúpula" mossoroense, no local onde hoje é o Banco do Brasil, com a finalidade de dar um jornal à cidade. Reuniram-se liberais, perrepistas, cafeístas e outros istas, os quais financiariam tudo para Mossoró ter um novo jornal. Boa vontade que esbarrou no nome. Lauro, meu pai, sugeriu o nome d'O Mossoroense. Os cafeístas não concordaram. Lauro se retirou e proclamou que poria o jornal nas ruas com o nome de O Mossoroense. Assim aconteceu e o jornal prometido pelo padre Mota e pelos cafeístas nunca apareceu.

Na redação d'O Mossoroense, Lauro contou com a ajuda de muitos companheiros, como Jorge Freire, pai de Dorian, José Augusto Rodrigues, Vingt-un Rosado, Mário Negócio, Dix-sept Rosado e outros. O jornal voltou às ruas feito tipograficamente, com letras soltas, uma a uma, e impresso em máquina plana Marinoni, que hoje está no Museu. Lauro teve a ajuda na redação e oficinas de seus filhos Lauro Filho e Danilo, de seu cunhado Fernando Couto, todos bons tipógrafos, e tantos funcionários que trabalhavam com o mesmo entusiasmo, como Nezinho, Leôncio, Assis Coelho, Domingos Costa, Marcílio, José Ferreira, Anastácio, Surica, Expedito, Vicente Santiago (pai e filho), Seu Né, Joaquim Soares, Raimundo Luz, Massilon, Mauricio, Antonio Santiago, José Moba, Francisco e José Abel, Albeci Apolinário, Pedro, além de outros, até que, adquiridas no meu tempo, chegaram duas linotipos.

Segundo a Linotipo do Brasil, O Mossoroense foi o primeiro jornal do interior do país a adquirir as máquinas desse modelo. Era o máximo em composição em linhas para jornal, passando a circular duas vezes por semana e finalmente diário. Antes das linotipos, quando eu falava em jornal diário, meu pai sempre perguntava: "cadê os assuntos? "e os anúncios? e "o noticiário local?". No final das contas, com a circulação do jornal diário, ele sempre foi o campeão em conseguir os anúncios e o noticiário local.

> **Jeremias, além de escrever muito bem, era advogado provisionado pelo Tribunal de Pernambuco e tinha como companheiros de aventura o padre português José Damião de Souza Melo, Ricardo Vieira do Couto e Alexandre Soares do Couto. Todos escreviam muito bem.**

Nessa trajetória, o jornal apoiou memoráveis campanhas, como a de Dix-sept Rosado para prefeito de Mossoró, pela UDN. Dix-sept prefeito formou depois a chapa com Silvio Pedrosa para vice ao Governo do Estado, para perecer pouco tempo depois, no acidente de avião, com seu secretariado, nas águas do Rio do Sal, em Aracaju.

Depois, no meu tempo, o jornal ainda fez as campanhas vitoriosas para governador de Dinarte Mariz (UDN), Aluízio Alves (MDB) e Walfredo Gurgel. (PMDB).

Levamos para a redação do jornal nomes que se firmaram no cenário jornalístico como Dorian Jorge Freire, Jaime Hipólito Dantas, monsenhor Raimundo Gurgel, padre Huberto Bruening, João Batista Cascudo e seu irmão José de Arimatéia (Tatá), Emery Costa, Xavier Vieira, Alberto Mendes, Nilo Santos, Walter Gomes, Ivonete Paula e tantos outros. Walter foi descoberto por mim, quando fui professor de Português do Instituto de Educação de Mossoró e ele aluno. O mesmo aconteceu com Ivonete Paula. Reconheci em ambos a veia jornalística e levei os dois para O Mossoroense, onde se firmaram vitoriosamente. Ivonete me apresentava como seu primeiro patrão.

Depois dessa boa fase, vieram os militares e as enchentes do rio Mossoró. Nova suspensão do jornal, desta vez, não somente pela censura, mas pelas enchentes, quando encontramos certa noite as dependências do jornal alagadas com cerca de um metro d'água cobrindo os fardos de papel. Foi um drama prejudicial, a um custo muito alto, porém devidamente consertado.

Foi nesse período que eu sofri dois atentados. O primeiro nas portas do jornal, quando foram desfechados doze tiros de calibre 38, felizmente sem o autor acertar qualquer deles. Só divisei o fumaceiro. Rechaçado com apenas um tiro, o atirador se evadiu.

O segundo foi às caladas da madrugada, no momento em que, geralmente, eu chegava ou saía da redação, alguém atirou e alguém gemeu, não se sabendo quem teria sido autor ou vítima.

No mesmo período o jornal sofreu dois processos: um movido pela ACDP, decidindo o Juiz, Dr. Olavo Maia, pela publicação n'O Mossoroense da defesa da ACDP. A publicação foi feita. O segundo, movido pelo major Francisco Bezerra Carlos, então Delegado de Polícia, contra mim, em vista da campanha do jornal contra o jogo, na qual era responsabilizada a Delegacia de Polícia de Mossoró, ocupada pelo major Bezerra. Foi julgado improcedente pelo Dr. José Augusto Delgado, então Juiz de Direito de Mossoró.

Não obstante estar morando na capital cearense e trabalhando no Banco do Brasil, em Fortaleza, toda semana eu viajava de ônibus para Mossoró, entrando no jornal às sextas-feiras à noite (22h30min), saindo somente às cinco horas da manhã do domingo.

Volta o país à normalidade democrática, o jornal voltou a circular, eu em Fortaleza e o "velho" Lauro já doente, em Mossoró, não podia continuar na luta. Faleceu aos 83 anos, porém, antes disso, comuniquei-lhe que sua neta mais nova, Fernanda, minha filha, havia decidido deixar a Faculdade de Direito para fazer jornalismo. Foi motivo para uma grande satisfação dele. Satisfação maior teria sido se ele tivesse vivido mais um pouco para saber que a mesma neta, hoje, é editora do caderno País, do jornal O Globo, do Rio de Janeiro.

Diante de todos esses fatos que, em qualquer dia desses serão contados por alguém com mais detalhes, transferi o poder acionário do jornal ao Dr. Jerônimo Rosado Cantídio, sendo hoje seu editor o Dr. Cid Augusto da Escóssia Rosado, jornalista e advogado, descendente dos dois fundadores do jornal: Jeremias da Rocha Nogueira e José Damião de Souza Melo. Cid está à altura do cargo, seguindo a tradição de seus antepassados, o que serve para confirmar o que meu pai um dia afirmou após a transferência d'O Mossoroense: "o jornal está em boas mãos".

Hoje aos oitenta anos, vividos quase sempre em sobressalto, vejo que O Mossoroense está sendo feito com todas as condições de modernidade, em computadores, com tudo a que tem direito como compensação pelos velhos tempos.

É' esta, em resumo, na minha visão, uma parcela da saga d'O Mossoroense, nesses 140 anos de conturbada, porém vitoriosa existência.

Os novos donos e a modernização gráfica

Com o avanço da idade de seu pai, Lauro da Escóssia, e o trabalho em Fortaleza, Lauro Filho decide transferir o poder acionário do jornal ao médico Jerônimo Rosado Cantídio, ligado ao grupo do deputado federal Jerônimo Vingt Rosado Maia, adversário político dos Lauros (pai e filho).

Nessa 4ª fase, Dorian Jorge Freire continuou à frente do jornal. O Mossoroense manteve a linha noticiosa, mas ampliou a militância político e o espaço para opinião.

Durante esse período, houve o salto da tipografia para a impressão offset, com a compra de uma máquina Big Chief 29 e do primeiro fotolito, ao jornal Estado do Maranhão.

Foi também durante a administração de Dorian que o jornal se mudou para a sede própria, na qual permanece até hoje, na rua com seu nome: Travessa O Mossoroense.

Quando deixou a Prefeitura de Mossoró, em 1982, João Newton da Escóssia, filho de Augusto, também passou pelo jornal, na condição de diretor administrativo. Segundo ele próprio, sua permanência foi de aproximadamente um ano, ampliando as açoes do departamento comercial com a venda, somente no primeiro período, de 500 assinaturas.

Durante esse período, houve o salto da tipografia para a impressão offset, com a compra de uma máquina Big Chief 29 e do primeiro fotolito, ao jornal Estado do Maranhão.

O sonho transformado em realidade

Na década de 1970 quando se falava em impressão offset (processo de impressão planográfico que imprime folha a folha, onde os textos no papel são gravados por meio de laser e transferidos a laser para a chapa, sem a necessidade de fotolito intermediário) aquilo soava como algo muito distante da realidade. E para os funcionários do jornal O Mossoroense, um periódico do interior do Estado, então, a offset era uma utopia.

Mas, foi acreditando em tornar o sonho realidade que o jornal adotou no final do ano de 1977 a impressão offset. A modernização ousada para os padroes da época foi proposta pelo então diretor, o jornalista Dorian Jorge Freire.

Quando Dorian chegou de São Paulo para dirigir o jornal, ele trouxe consigo a ideia de trazer a impressão offset. "Outros diretores também tinham essa ideia, mas não tinham como botar em prática", lembra o funcionário Francisco Guerra.

Francisco Guerra recorda de quando Lauro da Escóssia chegou à equipe de impressão e disse: "Em breve vamos ter a offset", a equipe ficou surpresa. "A gente nem sabia o que era isso", confessa o funcionário, relembrando as dificuldades enfrentadas pela direção para concretizar esse projeto.

Com muito empenho, Dorian Jorge Freire e Rosado Cantídio encabeçaram o processo de aquisição da máquina. Eles foram ao Maranhão e compraram a offset. De lá, junto com a máquina veio um técnico para orientar a equipe de impressão sobre como utilizar o equipamento e o processo que seria desenvolvido. E no início de 1978, começou a imprimir os primeiros jornais em offset. A tecnologia facilitou, em muito, o processo de impressão.

Antes, a diagramação era artesanal. Os diagramadores "montavam" as páginas com cola de sapateiro e palito de picolé. Eles cortavam as colunas, pegavam uma folha de cartolina e iam montando do jeito que queriam, deixando um espaço onde seria colocado a foto.

Depois desse processo, iniciava um outro: o da impressão. Francisco Guerra lembra que o jornal tinha máquina com um teclado com 90 caracteres diferentes, toda em tipo de cobre, "eram umas matrizes, que percorriam essa máquina iam e voltavam com a caldeira de chumbo e imprimiam esse chumbo nos caracteres das matrizes e ia saindo linha por linha", diz Guerra e complementa: "Cada página de chumbo pesava em torno de 50kg, eram dois homens para pegar a página para colocar na máquina Marinoni".

Guerra lembra que para fazer um jornal de oito páginas, a equipe começava às 7h da manhã e muitos vezes às 3h da madrugada ainda não tinha terminado. "Com a chegada da offset o sistema de impressão deu uma avançada e conseguimos agilizar o processo de impressão", destaca.

O Estado de S. Paulo noticia mais um fechamento do O Mossoroense

Em 6 de maio de 1984, o jornal O Estado de S. Paulo lamenta mais um fechamento do O Mossoroense, aos 112 anos, e estranha o fato das "forças vivas da cidade e do próprio Estado potiguar "não haverem se manifestado para assegurar a continuidade da circulação do velho órgão de imprensa":

"Continua repercutindo na imprensa do interior a notícia, que publicamos recentemente, do fechamento do O Mossoroense, diário de Mossoró, RN, o terceiro jornal mais antigo do país, em circulação há 112 anos. Mais antigo do que ele são O Diário de Pernambuco, também o mais antigo da América Latina, e o Jornal do Commercio, do Rio de Janeiro, que já foi chamado de 'ata da vida brasileira', por circular na Corte e no velho Distrito Federal.

Se não estamos equivocados, o lugar, cronologicamente, passa a ser ocupado por O Estado de S. Paulo. Não nos rejubilamos, porém, pelo amargo fim do O Mossoroense e de sua gloriosa tradição de porta-voz da Capital do Sal e de elo da chapada do Apodi com o mar. Antes pelo contrário. Cabe-nos o direito de estranhar, vivamente, que nenhuma providência tenha sido tomada pelas forças vivas da cidade e do próprio estado potiguar, a fim de assegurar sua circulação.

Longe de nós pleitear injeçoes de recursos públicos, federais, estaduais ou municipais para mantê-lo vivo, pois seria cerceá-lo em sua liberdade.

Mas há outras saídas perfeitamente razoáveis, que permitiriam a continuidade do velho órgão e sua orientação imparcial. Assim é que, lamentando o fato, nossos confrades da Tribuna do Norte, de Pindamonhangaba, o mais antigo jornal do interior paulista, lembrava para o caso o mesmo remédio que o salvou da ruína. Faz precisamente quatro anos que o prefeito José Maria Alckmin, hoje deputado federal, sancionava a Lei ng 1.672, de 6 de maio de 1980, instituindo a Fundação do 'Dr. João Romeiro' (nome do fundador do jornal), que assegurou a sobrevivência daquele verdadeiro patrimônio da imprensa brasileira.

Não é possível, como lembravam os nossos confrades daTribuna do Norte, que se deixe perecer simplesmente um jornal que durante 112 anos - ainda que tenha tido, como tudo o que é humano, seus erros e falhas - se fez credor de 'relevantes serviços à vida, ao povo, à cidade de Mossoró e ao próprio Rio Grande do Norte'. Principalmente nesta hora em que a comunicação massiva - acrescentaríamos - ameaça duramente a identidade das cidades brasileiras".

O presente de Laíre Rosado e os novos desafios do velho jornal

A reabertura, marcando a 5ª fase, aconteceu em 1985. O também médico Laíre Rosado Filho, diretor-presidente desde então, recebeu de presente as açoes do primo Rosado Cantídio e fez com que, após a enchente daquele ano, O Mossoroense voltasse a circular, desta vez dirigido por Eder Andrade de Medeiros.

Naquele ano, a enchente do rio Mossoró alagou boa parte do centro da cidade. O andar térreo da sede do jornal, que fica a poucos metros do leito do rio, foi inundado e as antigas coleçoes do O Mossoroense que estavam guardadas no prédio foram destruídas.

Na administração de Eder Medeiros - que durou até 1987 -, o diretor-presidente do jornal, Laíre Rosado, comprou, em Recife, o primeiro terminal de vídeo denominado Forma Composer, substituto das máquinas eletrônicas ET-125 que, por sua vez, haviam substituído as linotipos, nos quais os digitadores compunham as matérias datilografadas na redação.

De 1987 a 1989, o jornalista Emery Costa assumiu a direção do O Mossoroense. Nessa época foi implantado o segundo terminal Forma Composer. A década de 1980 é o ponto culminante da informatização dos jornais brasileiros. Os grandes, desde a década anterior, já experimentavam a manipulação de textos por meio dos terminais de vídeo.

Após Emery Costa, sucederam-se os seguintes diretores: José Walter da Fonsêca (1989), Cid Augusto (1989 a 1991), Pedro Almeida Duarte (1991) e Valney Moreira da Costa (1992).

Na administração de Larissa Daniela da Escóssia Rosado, de 1992 a 1998, foi comprada uma segunda impressora offset, modelo ATF Chief 25. O jornal ganhou grande impulso em sua informatização, com a compra de computadores PCs e impressoras a laser. A partir de 1995, a diagramação e a redação também foram informatizadas.

O primeiro microcomputador empregado na redação do jornal foi um XT, utilizado por Cid Augusto para digitar matérias policiais. Laíre Rosado quem o levou. De início, houve reação dos redatores, que preferiam as velhas máquinas de escrever.

O marco mais importante desse período foi a democratização da linha editorial. Sem perder suas características políticas, O Mossoroense, graças ao esforço que envolveu desde os proprietários aos servidores mais humildes, ampliou os seus horizontes, abrindo espaços cada vez maiores para pessoas de outras correntes de pensamento.

Com a saída de Larissa, o jornal passou a ser administrado pelo professor José Cristóvão de Lima, tendo Alvanilson Medeiros Carlos na gerência. Nesta última gestão, vieram novos avanços no campo da informática, com a instalação de microcomputadores avançados em todos os setores do jornal.

Na década de 1990 começaram as transformaçoes que a grande imprensa já sofria desde 1985, com a prática de um jornalismo mais técnico.

O dia 7 de dezembro de 1997 marca a última mudança no formato do jornal. O Mossoroense, de standard, voltou ao formato de 32cm x 47cm adotado em décadas passadas. O projeto foi elaborado pelo diagramador Paulo César Rodrigues.

Em 24 de agosto de 1999, O Mossoroense deu um importante passo na sua trajetória, que foi a inauguração de sua página na Internet, possibilitando a leitura diária de suas notícias em várias partes do mundo.

Por O Mossoroense passaram grandes nomes da intelectualidade e do jornalismo do Estado. Hoje, ele é um jornal com administração, redação e diagramação completamente informatizadas. Apesar da idade, é jovem nas ideias e crê no culto ao passado como único meio de planejar o futuro. Como sempre, enfrenta dificuldades financeiras, mas tem fôlego para lutar por mais algumas centenas de anos pelos "interesses do município, da província e da humanidade em geral".

Ressurgindo das águas

Em 1985 houve em Mossoró uma enchente muito grande e o jornal ficou completamente alagado. Devido ao incidente, o periódico fechou por 12 meses.

"Ninguém sabia de nada, até a direção foi pega de surpresa. Soubemos do fechamento através de uma nota na Tribuna do Norte. Muitos funcionaram ainda vieram trabalhar, mas o jornal estava fechado", relembra o funcionário Francisco Guerra, o Guerrinha para os colegas de redação.

Guerra relata que na época foi feito um acordo entre a direção do jornal, os funcionários e o Ministério do Trabalho para que quando o jornal reabrisse em 12 meses todos os funcionários que formavam a equipe do periódico teriam o direito de voltar por lei, e foi o que aconteceu.

Nesse período em que ficou fechado, muito foi o esforço para fazer com que o jornal O Mossoroense voltasse às ruas. Guerra se recorda que Laíre Rosado tinha programado uma data para a reabertura do jornal, mas para conseguir cumprir o prazo estabelecido foi preciso a direção e os funcionários superarem vários obstáculos.

"Três ou quatro dias antes da data tudo praticamente tinha dado errado. Passamos três quatro dias sem dormir. Era um compromisso meu e de todos que faziam o periódico fazer com que ele reabrisse na data estabelecida. E o jornal saiu no dia previsto e foi uma alegria para todos", conclui Guerrinha.

O Mossoroense:

Uma consultoria que deu frutos

José Cristóvão de Lima
Consultor

Era início do ano de 1997. O Mossoroense, um dos mais antigos jornais do Brasil, tinha uma história para contar e preservar. Como toda empresa de caráter familiar, isto é, administrada por membros da família detentora da maioria do capital social, logo, com uma visão voltada para os interesses do grupo - o que é perfeitamente normal -, sem foco no interesse empresarial, vinha se deparando com dificuldades de gestão, quer seja no campo das finanças, da administração do patrimônio ou dos recursos humanos. Nada diferente de outras tantas empresas que se veem, de repente, tolhidas pelas transformaçoes que se operam cada vez mais rapidamente na sociedade e influem diretamente no mundo corporativo. São mudanças tecnológicas, de processos de gestão, de novas concepçoes das relaçoes entre os diversos parceiros que interagem no dia-a-dia da empresa, além de múltiplas influências externas que requerem novas abordagens e uma compreensão sistêmica da realidade local e global que definem a matriz situacional de uma empresa. Em outras palavras, são exigidas novas soluçoes para os velhos e para os novos problemas, mas com uma visão técnica e fundamentada em teorias de gestão. A grande sacada da administração d'O Mossoroense, naquele momento, foi compreender que o fazer administrativo, àquela altura, requeria um olhar externo, requeria a visão de alguém de fora, que visse os problemas como eles realmente eram e não tivesse complacência com os erros e as falhas de inúmeros colaboradores e parceiros - vícios adquiridos ao longo do tempo -, que a esta altura se tornaram tão próximos e "tão amigos", "quase da família", que ficaria difícil pensar em repreensoes ou correçoes de qualquer natureza. Foi nesse contexto que fomos contatados para prestar consultoria ao O Mossoroense, objetivando redimensionar os processos de administração e criar uma cultura voltada para os resultados que se desejava. O trabalho estendeu-se também à Rádio FM 93, à época FM 94, administrada no mesmo processo como se as duas fossem uma única empresa.

O esforço que fizemos contou com a participação ativa de muita gente, que se envolveu nas mudanças e as encarou como um desafio a ser superado. Desde os membros da administração, estendendo-se aos funcionários de todos os níveis, tiveram papel importante (evito nomes para não cometer injustiças com omissoes).

E aqui registro a total confiança que nos foi depositada pelos donos, Dr. Laíre Rosado e Sandra Rosado e da então diretora-geral Larissa Rosado, colocando em nossas mãos o controle de todos os processos das empresas, inclusive o financeiro, condição necessária para que as decisoes fossem postas em prática como decisoes superiores e assim, sem poderem ser contestadas no nível de execução, tivessem chance de lograr êxito.

Às primeiras medidas que tomamos foram: a) mapear os procedimentos relativos às finanças (faturamento, sistemas de cobrança, pagamento, nível de endividamento, planejamento orçamentário etc.); b) identificar quem fazia o que, e se como era feito atendia às necessidades de operacionalização das empresas. Essas açoes serviram de fundamentação para o planejamento do modelo operacional, do estabelecimento de rotinas e reestruturação do quadro de servidores. Surgiu a partir daí um modelo de gestão que dava conta do tamanho e da complexidade das empresas, a redefinição do quadro de funcionários e identificação de competências. Cada um deveria saber exatamente o que fazer, como fazer e a quem prestar contas. Antes O Mossoroense contava 47 empregados (inclusos prestadores de serviços) e Rádio Resistência com 18. Do total de 65 pessoas, o quadro funcional passou a ter menos de 50. Permaneceram todos os que tinham um papel no novo padrão de gestão e, principalmente, tinham o compromisso com o jornal. Muitos foram relocados em novas funçoes, respeitando-se aptidoes e qualificaçoes. Deu-se preferência aos valores internos já disponíveis, quase não havendo necessidade de novas contrataçoes, salvo para cargos que exigiam especialização, como é o caso do diretor-geral Alvanilson Carlos - aqui citado tão somente para assinalar sua importância no processo de reestruturação -, que foi por nós levado ao jornal como treinando e a quem delegamos o papel de continuar o trabalho que iniciamos. Alvanilson ainda atua como destacado diretor.

> **O trabalho estendeu-se também à Rádio FM 93, à época FM 94, administrada no mesmo processo como se as duas fossem uma única empresa.**

Seguiu-se um longo processo de treinamento. Foram inúmeras reunioes, seminários e cursos, com o propósito de estabelecer um sistema de valores internos e o compromisso com a missão do jornal, já perfeitamente identificada. Faltava essa ser assimilada pelos colaboradores, o que se conseguiu em alguns meses. O jornal, no primeiro trimestre de 1998, já contava com uma equipe afinada, focada no interesse geral e devidamente qualificada.

Outra vertente de açoes se voltara para a questão dos custos do jornal. Dentre as várias medidas destacamos a que culminou com a alteração do formato do O Mossoroense. Citando trechos do relatório apresentado aos diretores em julho de 1997... "a) redução de custos - percebemos que o peso do papel de impressão é excessivamente alto, pelo fato de que o dimensionamento da folha de impressão causa um desperdício muito grande do insumo. Como não é possível adquirir o papel nas dimensoes desejadas, resta a possibilidade de adaptar o formato de impressão ao papel. (...) A adoção do formato adaptado a meia folha de papel, reduziria os custos com esse item em 50 % (cinquenta por cento), (...) As implicaçoes de ordem estética, bem como a influência que a alteração de formato poderia ter no conceito do jornal, devem ser analisadas com muito cuidado, pois a mudança que se propoe é fundamental para a conjuntura atual do jornal e sua sobrevivência. A discussão deve, também, para que possa ter assegurado seu êxito, ser discutida com os profissionais responsáveis pela produção do jornal, tais como editores, redatores, compositores, impressores, etc., de forma a se vincular a efetiva participação de todos nas modificaçoes, caso sejam aceitas".

A partir dessas ponderaçoes o formato do jornal foi modificado. Hoje, pode-se afirmar, não teve nenhum impacto negativo no conceito ou no conteúdo do jornal, somente tendo contribuído para a sua sustentabilidade econômico-financeira.

Muitas outras açoes foram determinantes para um resultado positivo em termos de funcionamento do jornal: controles de custos, redefinição de estratégias comerciais, criação de sistema de caixa e tesouraria integrados - tudo sob um rigoroso controle contábil -, remodelagem de rotinas internas, treinamento permanente de funcionários, estabelecimento de um organograma funcional ágil e enxuto, e principalmente, a adoção de um sistema de remuneração com base no mérito e nos resultados individuais e coletivos, afora muitas outras, consolidaram uma maneira técnica e eficiente de administração que nos parece, ser importante até hoje. E não somos nós que dizemos isso, são depoimentos de pessoas que foram contemporâneas do processo e até hoje atuantes no jornal, que declaram "que o trabalho rende frutos até hoje". Uma grata constatação para nós, que modestamente nos sentimos orgulhosos e, sobretudo, honrados em fazer parte, mesmo que minimamente, da história deste jornal mais que centenário.

"Guerra": uma história de amor e fidelidade

Foi aos 13 anos de idade que Francisco Guerra teve a oportunidade de trabalhar no jornal O Mossoroense como auxiliar de linotipista, através de um amigo em comum com Lauro da Escóssia, que era o diretor do jornal na época, ele foi chamado para vir para compor a equipe do periódico. Desde então, "Guerrinha", como é carinhosamente chamado pelos colegas de redação, construiu uma bonita história de trabalho e fidelidade ao jornal.

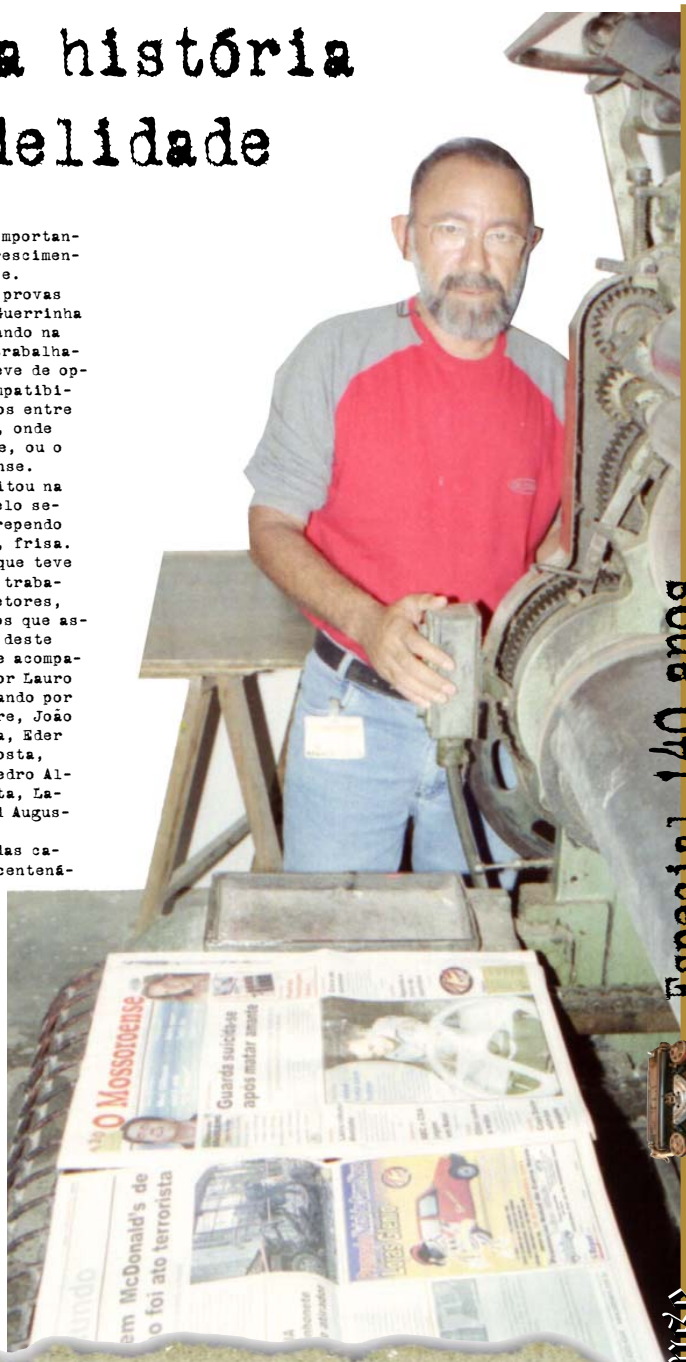
Foram quase 40 anos de dedicação a este centenário, onde passou por funções diversas como operador de linotipo, atuou na impressão, fotomecânica (fotolito), auxiliar de diagramação e chefe de oficina. Atualmente, Guerrinha está afastado por motivos particulares, mas, conforme ele mesmo diz, nunca deixou de ser ligado a este centenário, "porque sempre me senti em casa aqui", declara.

O último comentário é fruto do tempo em que o funcionário passava desempenhando suas funções. "Nós chegávamos às 7h e saíamos às 4h do outro dia, porque não dava pra ir em casa e voltar para fazer o trabalho do outro dia. Então, dormíamos aqui mesmo. Nos dedicávamos 24 horas para possibilitar que o leitor tivesse a informação diariamente", lembra.

Do trabalho simples à grandeza de um homem que muito dedicou seus dias à elaboração deste periódico, é que o jornal O Mossoroense reconhece Guerra como um dos mais importantes elos do seu crescimento nos dias de hoje.

Uma das maiores provas de fidelidade de Guerrinha ao jornal, foi quando na época em que ele trabalhava nos Correios teve de optar devido à incompatibilidade dos horários entre a empresa pública, onde tinha estabilidade, ou o jornal O Mossoroense. Guerrinha não hesitou na escolha e optou pelo segundo. "Não me arrependo nunca da escolha", frisa. Guerrinha relata que teve a oportunidade de trabalhar com bons diretores, "mais da metade dos que assumiram a direção deste centenário eu pude acompanhar, começando por Lauro da Escóssia, passando por Dorian Jorge Freire, João Newton da Escóssia, Eder Medeiros, Emery Costa, Walter Fonseca, Pedro Almeida, Valney Costa, Larissa Rosado e Cid Augusto", conta.

Segundo ele, uma das características do centenário é o carinho e o empenho que seus funcionários prestam à empresa. "A dedicação com que trabalhamos no jornal sempre foi uma marca do O Mossoroense. Mesmo com as dificuldades da época, sempre a gente buscava uma solução pras coisas, isso nos unia nos momentos de dificuldade", diz.



Revisor descreve a relação com o trabalho como um "casamento"

Há quase 20 anos trabalhando no jornal O Mossoroense, o revisor Benjamim Linhares descreve a relação com o trabalho como um "casamento". "Adquiri nesse tempo todo um apego tão grande que por mais que eu queira não consigo me dissociar dele", declara o profissional.

"Vivemos em todos esses anos sabores e dissabores, altos e baixos, mas sobrevivemos e vencemos as tormentas", descreve o revisor, resumindo toda a sua trajetória no O Mossoroense velho de guerra.

Ele conta que quando iniciou sua vida profissional no jornal os redatores trabalhavam na saudosa máquina de escrever, pois computador ainda era novidade na nossa cidade. E destaca que na época era uma dificuldade para colocar o jornal nas ruas, o trabalho iniciava pela manhã cedo e adentrava à madrugada.

"Hoje tudo está maravilhoso, além de computador há também a internet para você trabalhar sem ter muito trabalho", afirma.

Benjamim Linhares enfatiza que a resistência é a principal marca do jornal O Mossoroense. "Posso dizer que para um jornal impresso resistir mais de cem anos no Brasil a crises, concorrências e inúmeras dificuldades tem que ter bravura, heroísmo", comenta o profissional.

E complementa: "O ambiente em todos os setores é de muita cordialidade, todos (a maioria) trabalham felizes. Eu costumo dizer que se o salário fosse bom não teria emprego melhor do que este. Para encerrar gostaria de parabenizar o jornal O Mossoroense pelos seus 140 de existência e torço para que ele nunca cerre suas portas como já aconteceu em outras épocas de muitas dificuldades", finaliza.

Criatividade e ousadia na primeira página

Com 25 anos de experiência no jornal O Mossoroense, o chefe da diagramação, Paulo César Rodrigues, é conhecido pela criatividade imprimida nas primeiras páginas do periódico. Desde 1987, quando iniciou sua trajetória no jornal, Paulo César, o PC como é chamado pelos colegas de redação, vem aprimorando o trabalho de diagramação, acompanhando todas as transformaçoes ocorridas em mais de duas décadas.

Paulo César lembra que quando chegou ao jornal, o processo de diagramação era praticamente artesanal. "Nós literalmente montávamos as páginas. Colávamos os textos e fotos com cola de sapateiro e era feito a montagem página por página", relembra. Dessa tradição, surgiu o termo "montar página", utilizado até hoje para descrever o processo de diagramação.

Devido a criatividade e profissionalismo, todas as capas do jornal O Mossoroense são confiadas a Paulo César, que corresponde à confiança depositada à altura. As capas temáticas do dia 12 de outubro de 2006: "Vote, Brasil"; 7 de maio de 2008: "Silêncio! Eles não querem ouvir sua voz; do dia 2 de julho de 2011, quando completaram 100 mortes em Mossoró, são alguns dos exemplos do talento do diagramador.

Entre tantos trabalhos, Paulo César informa que um dos que mais marcaram foi a capa do dia 13 de dezembro de 2011, que tem a silhueta de Santa Luzia com o povo de Mossoró preenchendo a imagem. "Foi uma das melhores capas para mim", destaca.

Paulo César enfatiza que uma das coisas que mais gosta do jornal é a liberdade de criação. "Aqui todos podem ousar, propor novidades", destaca. Ele define o jornal O Mossoroense como parte de sua vida. O jornal é minha vida, eu entrei aqui antes dos 18 anos de idade e é aqui que quero me aposentar. Já me ofereceram mais dinheiro, mas daqui eu não saio, não troco o que tenho aqui por nada", finaliza.

Crescimento e nova roupagem

O dia 30 de junho de 2001 foi uma data marcante para o jornal O Mossoroense. Em uma das maiores ediçoes da história, em um exemplar com 64 páginas, o centenário velho de guerra apresentava aos leitores um "novo jornal", com uma ampla reforma gráfica e editorial.

Na data em que completava a edição 11 mil, o jornal O Mossoroense amanheceu nas bancas e nas casas dos assinantes mais rejuvenescido do que nunca. Com um novo projeto gráfico, novas editorias, novos cadernos complementares, novos colunistas, mas mantendo a essência que o acompanhou desde a publicação do seu primeiro exemplar: a missão de levar a notícia ao leitor com precisão e credibilidade.

Segundo Emerson Linhares, diretor de redação na época, o novo projeto foi resultado de uma "operação de guerra", que durou 45 dias. "Desde quando assumi a editoria fomos alimentando novas ideias para incrementar o jornal", afirma. Foi então, que foi desenvolvido o novo projeto, mais moderno, acompanhando as transformaçoes da sociedade.

Nesta nova etapa as cidades da região ganharam espaço para divulgar as notícias de cada município com o caderno Regional. A partir de então, o jornal ampliou a circulação para as cidades da região Salineira, Médio e Alto Oeste, e o Vale do Açu. Além disso, também foram implementados os cadernos Mais TV e Escola.

A edição especial ainda trouxe o depoimento de funcionários, colaboradores e parceiros que contribuíram para a renovação. O periódico também contou com depoimentos de prefeitos da época de diferentes municípios da região, que passariam a acompanhar as notícias diárias do jornal centenário.

No editorial da edição especial, a equipe do jornal comemora a nova fase. "Respaldado num ousado e moderno projeto gráfico-editorial, o jornal O Mossoroense inicia mais uma nova fase dessa trajetória, cujo passo inicial foi dado por Jeremias Nogueira da Rocha em 1872".

Emerson Linhares descreve que esse foi um momento muito importante para o jornal. "Investimos em publicidade, fizemos uma série de reunioes e com muito trabalho conseguimos lançar o jornal mais moderno", diz. Modernização essa que acompanha a filosofia do jornal até os dias de hoje.

O talento diante do crime

Transformar cenas de crime em verdadeiras obras de arte. A sensibilidade de ver o detalhe da fotografia e a retratar o submundo policial sem ser chulo e ainda encantar os olhos do leitor é, sem dúvidas, a principal característica do repórter-fotográfico Luciano Lellys. Há 25 anos no jornal O Mossoroense, o profissional passou por boa parte das transformaçoes vividas pelo centenário.

Luciano Lellys começou sua vida profissional em 1988, acompanhando os repórteres policiais Edmilson Lucena e Paulo Wagner, à época na rádio Difusora.

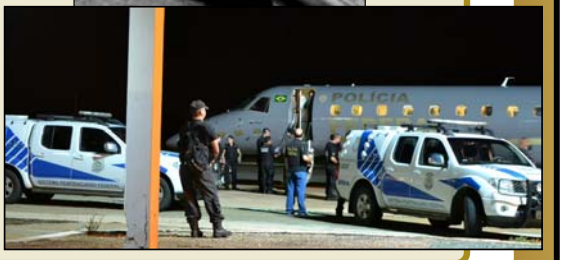
O primeiro assalto a banco em Mossoró e umas fotos do famoso "Falcone" serviram de passaporte para o jornal O Mossoroense. Desde então, foram muitas ocorrências, muito trabalho e belíssimas fotos que ilustraram inúmeras capas do centenário.

O talento e o trabalho do repórter-fotográfico ultrapassaram os limites de Mossoró e suas fotografias já estamparam a capa do jornal Folha de S. Paulo. Dentre tantos trabalhos e coberturas de crimes, uma das que mais marcaram foi o assalto ao Banco do Nordeste do Brasil (BNB), em Assú, na década de 1980.

"Fiquei 24h em frente ao banco acompanhando toda a movimentação do assalto. Lembro que fiquei atrás de um poste que era a minha única proteção em caso de troca de tiros entre o criminoso e a polícia. Gosto de acompanhar as matérias com emoção, apesar do risco é uma satisfação muito grande fazer parte dos acontecimentos", afirma.

Com mais de duas décadas de experiência no jornal O Mossoroense, Luciano Lellys relembra das dificuldades de se fazer o trabalho de fotografia no jornal nas décadas de 1980 e 1990. "A pessoa tinha que fazer a foto, saber mexer em amplificador, revelador, era um processo demorado e trabalhoso. Hoje, é tudo muito mais fácil", descreve Luciano. Ele complementa que a facilidade no trabalho fotográfico trazida pela tecnologia fez com que a qualidade de muito material fotográfico nas publicaçoes caísse um pouco.

"Hoje, qualquer pessoa compra uma máquina digital e se acha fotógrafo. E não é bem assim. O trabalho de fotografia exige conhecimento, experiência, dedicação e, acima de tudo, a sensibilidade para perceber o detalhe do momento e na hora certa fazer uma fotografia que possa repassar uma informação. Pois, a fotografia no jornalismo tem a missão não somente de ilustrar a página, mas de complementar a informação da matéria", pondera.



Pioneirismo na internet

Quando o termo jornalismo na internet surgiu, na década de 1990, mais uma vez foi decretada a "morte" do jornalismo impresso. Em meio a essa "ameaça" muitos jornais viam a internet como um inimigo e resistiam em aderi-la, com medo de serem extintos pelo novo meio de comunicação.

O pensamento compartilhado pela maioria dos jornais não era comum ao da direção do jornal O Mossoroense. Apesar da muita idade, o periódico sempre teve pensamentos contemporâneos e uma visão futurista. E foi por essas características, que enquanto todos tinham na internet uma inimiga mortal, O Mossoroense a viu como aliada e foi o primeiro jornal a se lançar na rede de computadores.

O site do jornal O Mossoroense foi lançado em 1995, no mesmo ano da criação do primeiro site jornalístico no país, o Jornal do Brasil. Na tendência do pioneirismo, o centenário também foi o primeiro jornal fora do eixo Rio de Janeiro-São Paulo a fazer parte da galeria do Universo On-Line (Uol), um dos maiores portais de notícias do Brasil.

O Mossoroense ainda foi o primeiro jornal na cidade a se apresentar na Internet em PDF, para que você leia o jornal com a fotografia, da mesma maneira que ele é apresentado na versão impressa.

No início de sua vida virtual, o jornal O Mossoroense era atualizado pelo webmaster Cliff Oliveira. "Quando fechava o jornal, 2h da manhã, o editor na época ia deixar o disquete com os textos em minha casa. E de lá mesmo fazia a atualização do jornal", conta. Ele lembra que demorava em média uma hora para atualizar o material.

Cliff Oliveira relata que naquela época era difícil acompanhar o acesso à página virtual. "Não tínhamos ferramenta de acompanhamento de acesso. O site tinha um pequeno contador de visitas que não era tão preciso. Mesmo assim, podemos afirmar que nós tínhamos quando iniciamos o site, uma média de 100 visitas diárias, o que naquela época era um grande número de acessos", diz.

Para o profissional foi uma ousadia muito grande do jornal se lançar no mundo virtual naquela época. "A internet era vista como inimiga, demorou até ser vista como aliada. E o jornal O Mossoroense teve essa visão e foi o pioneiro a entrar para a era digital", diz Oliveira.

O jornalismo na internet mais que uma prova da ousadia e coragem do jornal, era a concretização de um sonho do seu diretor Laíre Rosado. Segundo ele, mesmo com todas as dificuldades, a direção manteve a decisão revolucionária de colocar o jornal na internet e o esforço foi recompensado.

"Eu me lembro de uma emoção que eu tive quando estava em uma missão parlamentar em Santiago, no Chile, e fui acessar o jornal O Mossoroense. Vários jornalistas que cobriam o encontro ficaram espantados, sem saber como um jornal da cidade do interior do RN, do porte de Mossoró, já estava informatizado, já estava sendo lido por todo o mundo, o que não acontecia com muitos jornais no Brasil", declarou Laíre.

Transição para o jornal On-line em 2011

Sempre com a visão futurista e o desejo de acompanhar as transformaçoes da sociedade, o jornal em 2011 iniciou uma nova era na tecnologia digital: o jornalismo on-line. O projeto, também fruto de um desejo antigo do diretor-presidente Laíre Rosado, vinha sendo trabalhado há cerca de ano e se consolidou como opção de jornalismo dinâmico e instantâneo, inerente aos novos tempos.

No ar desde 29 de abril de 2011, o novo site do jornal O Mossoroense está no ar, levando ao leitor o noticiário em tempo real e acompanha tendência do jornalismo mundial, entretanto, sem eliminar a versão impressa.

O site oferece as notícias mais importantes à proporção dos acontecimentos dos fatos e continua disponibilizando o conteúdo do jornal impresso. Além das editorias da versão impressa (Cotidiano, Economia, Esporte, Polícia, Política e Regional), a página dispoe ainda de notícias de Brasil e do mundo com os mais relevantes fatos brasileiros e internacionais.

O novo site do O Mossoroense fortalece o projeto bem-sucedido de jornalismo na internet. Além das notícias, a página possibilita uma maior interatividade com o leitor, com espaço para comentários, enquetes e sugestoes.

A home-page registra um grande número de visitas diárias, segundo o webmaster Argolante Lopes. Como o leitor pode verificar no endereço www.omossoroense.com.br, o novo site é leve, de fácil navegação e dinâmico.

Laíre Rosado destaca mais uma vez que O Mossoroense inovou em matéria de jornalismo. "Depois de ser o primeiro jornal a disponibilizar conteúdo na internet, O Mossoroense renova seu pioneirismo ao dispor de notícias também em tempo real", frisa.

NOVIDADES

Mas, apesar dos bons resultados no mundo da internet, o jornal O Mossoroense ainda não se deu por satisfeito e prepara um novo projeto de site para o próximo ano. A proposta é ampliar o número de notícias on-line e montar uma equipe de plantão aos finais de semana, com o intuito de manter o leitor bem informado 24h por dia, todos os dias da semana.

"Nas cores da fé"

Com quase 130 anos de história, já tendo passado por uma série de transformaçoes ao longo de mais de um século de existência, o jornal O Mossoroense iniciou uma nova etapa no ano de 2002: a impressão em policromia, ou seja, a impressão em cores.

Em 22 de setembro de 2002, o jornal O Mossoroense se apresentava pela primeira vez "Nas cores da fé". A primeira impressão colorida fez uma homenagem a Mossoró e sua gente contando a história da Catedral de Santa Luzia, que é o principal marco religioso e de desenvolvimento urbano do município.

A manchete do referido dia traz uma ambiguidade proposital remetendo tanto ao culto à santa das claridades visuais, quanto ao novo ciclo que o jornal estava iniciando. A foto assinada pelo repórter-fotográfico Luciano Lellys externava o sentimento duplo de homenagem à cidade e a conquista do centenário velho de guerra.

Conquista, sim. Porque o processo até chegar à policromia não foi fácil. Assim como todos os outros processos de modernização que o jornal enfrentou. O funcionário Francisco Guerra, que era chefe de oficina na época, conta que o processo de iniciar a impressão em policromia vinha sendo discutido há algum tempo pela direção.

"Na época, ninguém do setor de impressão do jornal sabia trabalhar com policromia. Então, nós fomos até a gráfica da Igramol para ver como era realizado o processo. Fomos eu, Radir Alves e Aristóteles Carlos para acompanhar a impressão em cores", relata Guerra.

Após ter a orientação sobre como era realizada a impressão em cores, foi iniciada a fase de testes no jornal. "Passamos uma semana testando até sair à impressão definitiva", diz Radir. O dia para este marco foi especialmente escolhido na data das comemoraçoes de aniversário da Catedral de Santa Luzia.

A partir de então, todos os domingos as primeiras páginas sairiam coloridas. No início, a impressão da capa em cores era semanal devido ao complexo trabalho de impressão em policromia ser inversamente proporcional à reduzida equipe do jornal e sua pouca experiência com o processo.

Assim foi até 28 de fevereiro de 2007, pois a partir do dia 12 de março de 2007, numa quinta-feira, as primeiras páginas chegam coloridas todos os dias às bancas e casas dos leitores.

POLICROMIA

O processo de impressão em policromia é obtido através da combinação das cores primárias: Ciano, Magenta, Amarelo (Yellow) e preto (Black), abreviado como CMYK. A combinação destas 4 cores primárias pode gerar uma quantidade imensa de cores.

Para imprimir uma página em policromia, a mesma página é impressa quatro vezes em cores diferentes. Programas de computador específicos fazem a separação das cores da ilustração nas quatro cores básicas (CMYK).

No processo de impressão em policromia, as quatro cores são impressas umas sobre as outras. "É importante saber a combinação e a intensidade de cada cor para que a impressão fique perfeita", explica Radir Alves.

Um jornal que faz escola

Lúcia Rocha
Jornalista e cientista social

O jornalismo sempre foi uma paixão, desde criança, quando comecei a ler jornais. O Brasil vivia sob o regime militar e a família não via com bons olhos aquela escolha. Aos dez, a coisa foi ficando mais séria, porque mudamos para a rua Mário Negócio, para bem próximo da casa de seu Lauro Escóssia, então diretor do O Mossoroense.

Criança, logo a gente se apegou com as netas de seu Lauro: Florina - escreve-se Florina mesmo, sem o D - Cláudia e Valéria. As brincadeiras se juntavam ao papo com seu Lauro, ainda em atividade e sempre com um jornal à mão. Ou teclando na máquina, geralmente de bermuda e sem camisa.

Na minha família havia dois primos ligados diretamente à profissão: Assis Cabral, na Rádio Difusora, como noticiarista e depois comentarista esportivo; e Canindeh Alves, locutor e diretor de algumas emissoras de rádio. Ainda criança, por diversas vezes vi Canindeh usando uma máquina de datilografia na casa dele. Seus dedos deslizavam no teclado, parecia um pianista. Impressionava aquela agilidade.

Aos doze, achei que estava na hora de dar o primeiro passo rumo ao jornalismo e ingressei, por conta própria, na escola de datilografia de Rogério Dias, a Dat Rápida, pertinho de casa. Digo por conta própria, porque apenas comuniquei em casa e pagava com dinheiro ganho com a venda de balas na escola de mamãe. Rogério Dias lembra bem disso.

Obediente a família, tive que me contentar com os cursos que a Uern oferecia e cursei Ciências Sociais. Ao final do curso, incentivada por minha sobrinha Teresa Cristina, única pessoa que me incentivava a fazer jornalismo, inscrevi-me com ela no vestibular da UFRN, eu para jornalismo e ela, arquitetura. Somente Teresa sabia. Aprovada, todos ficaram sabendo pelo Diário de Natal, isso em 1987. Naquela época, o único profissional com graduação em atividade em Mossoró era, registre-se, a areia-branquense Aglair Abreu, egressa da UFRN.

Depois de adulta, jamais alimentara o sonho de entrar numa redação. Portanto, devo em primeiro lugar, meu diploma e o ingresso no jornalismo a Teresa, residente na Suécia há alguns anos.

Ao final daquele ano, 1987, a professora da disciplina História do Jornalismo, Otêmia Porpino, comentou que no Curso de Comunicação da UFRN, não havia nada a respeito de um dos jornais mais antigos em atividade, que é o nosso O Mossoroense. Então, passou como trabalho da disciplina naquelas férias, a tarefa de colher a história do jornal.

Foi então que se deu o meu ingresso num veículo de comunicação, nas páginas do centenário O Mossoroense, pela bondade do então diretor Emery Costa.

A sede do jornal já era na Travessa O Mossoroense, o mesmo já pertencia ao grupo liderado pelo então deputado federal Vingt Rosado e comandado pelo seu primo e genro, médico Laíre Rosado.

Quando procurei Emery, ele abriu todas as portas do jornal para a pesquisa e ofereceu um espaço para fazer reportagens.

> **A formação acadêmica é ótima, foi bom demais ter passado pelos bancos da universidade, porém, caráter, dignidade, amor à profissão e um bom texto quem não trouxe do berço pode adquirir na faculdade da vida, basta ter bom senso e ler bastante.**

Tornei-me uma espécie de repórter especial durante todo aquele ano de 1988, escrevendo uma página aos domingos, com reportagens longas, sobre os mais diversos assuntos, desde a chegada de ultraleves, como também uma entrevista com a saudosa Neuma da Mangueira, em passagem pela cidade. Essas reportagens eram feitas aos domingos, acompanhava-me o fotógrafo do jornal, Nequinho. Eu levava o material para Natal e passava a semana datilografando, errando, rasgando páginas, reescrevendo até chegar a sexta-feira, quando pegava a estrada para Mossoró.

O sábado era na redação, acompanhando todo o processo. Entregava as páginas datilografadas para Cosme, que montava a página. Cada letra uma barrinha de chumbo, o jornalismo estava bem distante do advento do computador.

No domingo, saía em campo com outra pauta. Até hoje nunca tive pauteiro. Sempre deram total liberdade para escrever sobre qualquer assunto e jamais os diretores do jornal procuraram saber a pauta, o assunto. Assim, naquele ano de 1988, fiz uma página sobre a participação da mulher na política e entrevistei a então candidata a prefeito da cidade, a pediatra Rosalba Ciarlini. Que chegou a perguntar se a entrevista seria mesmo publicada.

Ficou acertado com Emery que não haveria salário e nenhuma ajuda de custo para o deslocamento nos finais de semana Natal-Mossoró-Natal, enfim, período maravilhoso que jamais deixarei de agradecer a Deus pela oportunidade, por Ele ter usado cada funcionário do jornal para encaminhar-me no ingresso da profissão tão desejada e sonhada.

Foi assim, com o espaço oferecido por Emery que meu texto foi se desenvolvendo, acredite! Os primeiros professores e incentivadores foram dois funcionários cujo currículo é a escola da vida e o próprio jornal, Guerra e Cosme, o "Vovô". Pessoas éticas e por demais gentis, que, ao modo de cada um, davam dicas e falavam de outros colaboradores que passaram pela casa. Um deles me chamava bastante atenção, Dorian Jorge Freire, que só vim a conhecer pessoalmente muito tempo depois.

Naquele ano de 1988, lembro bem de um jovem, menor de idade, que atuava na página policial. Cid Augusto, que passava as manhãs colhendo informações de delegacia em delegacia, juntamente com o fotógrafo Luciano Léllys. Quando chegava ao jornal, Cid sentava e retirava da cintura um revólver, que deixava na mesa, bem junto da máquina, enquanto datilhava as notícias, geralmente em torno de roubo de galinhas, briga de vizinhos, acidentes, num tempo de uma Mossoró mais pacata. Depois Cid procurou o conhecimento acadêmico na UFRN, fez mestrado, hoje um dos melhores textos da imprensa potiguar e diretor do jornal.

Lamento que as empresas não mais oferecem oportunidades de estágio, mesmo sem remuneração, porque correm o risco de processos na Justiça do Trabalho.

Eu até pagaria, se fosse o caso, se pudesse voltar no tempo para remunerar o jornal pela oportunidade que me deu.

No ano seguinte, passei a escrever no semanário Dois Pontos, de Natal, de onde saí para a TV Cabugi, depois São Paulo. Aos poucos estou disponibilizando todo esse material de reportagens no blog.

Tenho a maior satisfação em dizer que passei por três instituições centenárias. Colégio Sagrado Coração de Maria, Colégio Diocesano e jornal O Mossoroense.

Sinceramente, não sei qual rumo seria dado o meu destino se não tivesse aceitado o convite de Emery Costa para fazer 'qualquer coisa' no velho e bom jornal centenário O Mossoroense, uma grande escola para muita gente que atua na imprensa. A mesma escola por onde passara Dorian Jorge Freire, talvez o melhor texto do jornalismo brasileiro, com atuação na imprensa de São Paulo e com quem me espelho não somente no texto, mas na ética e na condução da carreira profissional, acima de tudo.

Guerra e Vovô bem sabem disso. Por diversas vezes falei pessoalmente o quanto eles são importantes para mim. Mas sempre que dizia isso em entrevistas, os colegas supriam essa informação. Injustamente, por sinal. Temos excelentes colegas que desenvolvem a profissão muito bem, independente de possuir o diploma.

A formação acadêmica é ótima, foi bom demais ter passado pelos bancos da universidade, porém, caráter, dignidade, amor à profissão e um bom texto quem não trouxe do berço pode adquirir na faculdade da vida, basta ter bom senso e ler bastante.

O melhor goleador capacita-se mais a cada treino. Seja num time de várzea ou numa grande equipe. Assim também deve ser no jornalismo.

Uma história de luta e resistência

À frente do O Mossoroense desde 1985, o médico Laíre Rosado avalia a trajetória do jornal velho de guerra como uma história de luta e resistência. Em meio à concorrência das novas tecnologias e à velocidade da informação com a internet e as redes sociais, o periódico consegue se manter vivo e cativar cada vez mais os leitores.

Para o médico, o segredo à longevidade está na sua constante modernização, acompanhando as transformações da sociedade.

Laíre Rosado lembra que há 27 anos o jornal era quase que artesanal, feito com máquina de escrever. "Com muita luta conseguimos modernizar a redação, acredito que foi o primeiro do Estado a passar pelo processo de informatização", declara.

Além da modernização das máquinas, O Mossoroense também aperfeiçoou a mão de obra intelectual. "Nos últimos anos, estamos dando prioridade para a contratação de profissionais com curso superior em jornalismo", informa. Ele destaca ainda que o jornal passou por uma adequação do esquema de trabalho, eliminando uma prática antiga, uma pessoa escrever para várias editorias ao mesmo tempo. "O jornal foi dividido por caderno e setores e cada um é responsável pelo seu setor, otimizando o trabalho", diz.

Laíre Rosado enfatiza que apesar de ter uma linha política definida - talvez até por isso -, o jornal tem a credibilidade dos leitores, sobretudo da população mossoroense. Segundo ele, O Mossoroense é o jornal mais aberto, que notícia todas as tendências e que sempre está aberto aos colaboradores.

O diretor-presidente enfatiza que o jornal vem se mantendo vivo por mais de um século, resistindo contra tudo e todos, "inclusive contra políticos que administram a cidade pressionando para que os anunciantes não utilizem as páginas do jornal contra os calotes praticados pelo poder público estadual e municipal", enfatiza.

Com relação ao futuro, Laíre aposta no fortalecimento do jornalismo on-line, com a contratação de equipes e ajuda de colaboradores. "Acredito que essa é a marcha natural pela velocidade com que a notícia é veiculada".

Mas, isso não significa o fim da edição impressa. "Minha ideia é que o jornalismo on-line seja ampliado e o jornal impresso seja um espaço de opinioes, crônicas e mais matérias opinativas e grandes reportagens", finaliza.

Juventude e experiência

O jornal O Mossoroense sempre foi uma grande escola de jornalismo. Boa parte da imprensa local já sentou nos bancos da "faculdade", fundada por Jeremias da Rocha Nogueira.

Atualmente, a equipe do jornal O Mossoroense alia experiência à juventude. No espaço da redação, jovens de vinte e poucos anos atuam ao lado de profissionais com vinte e poucos anos de estrada. Uma troca de sabedoria e vitalidade que reflete no bom resultado das matérias veiculadas pelo impresso.

Um bom exemplo dessa união é a diagramadora Walkíria Martins, que tem a mesma idade que o tempo que seu pai, Paulo César Rodrigues, também diagramador, atua no jornal.

Já o repórter mais jovem da redação, Maricelio Almeida, tem menos idade do que os anos que o repórter-fotográfico Luciano Lellys tem na empresa.

Mais do que a união entre várias gerações do jornalismo, O Mossoroense é uma grande família para os que trabalham no periódico, todos, sem exceção, têm ao menos uma história, ou várias, para contar sobre a dedicação, o companheirismo, as longas horas de trabalho, os obstáculos vencidos para executar as pautas e o empenho diário para fazer o jornal chegar todos os dias às mãos dos leitores.

Atualmente, a equipe é formada pelos jornalistas Cid Augusto, diretor de redação; o mestre Emery Costa, Márcio Costa, editor-chefe; Bruno Barreto, editor de Política; Paulo Walter, responsável pela página policial; Sérgio Oliveira, responsável pela página de esporte; Adriana Morais, editora do Cotidiano; e os repórteres Gelza Gurgel, Maricélio Almeida e Talita Lucena. Além dos repórteres-fotográficos, Luciano Lellys e Marcos Lima; os diagramadores Paulo César, Walkíria Martins e Carlos Eduardo; e os revisores Benjamim Linhares e Carlos Eduardo Paiva. Radir e Alexandre comandam a impressão e a jornalista Ana Cadengue é responsável pelo serviço on-line.

140 anos de garra e determinação

Lahyre Rosado Neto é diretor-geral do O Mossoroense

Há exatos 140 anos era fundado o jornal O Mossoroense. Da história dele, muito pode ser visto nesta edição, prefiro contribuir dividindo um pouco do que vivi ao longo de minha vida aqui no jornal.

Quando criança, vinha brincar com as letras moldadas no chumbo para impressão, depois com as bolinhas de gude, que no jornal eram utilizadas para limpar as chapas para que estas fossem reutilizadas diversas vezes. Houve dias em que o saudoso Gomes Filho pedia que eu lhe contasse o que o pessoal de minha turma andava aprontando para ele colocar em sua coluna. Aqui e acolá fazia uma matéria sobre carros, paixão da infância que carrego até hoje, na maioria das vezes um resumo do que lia em revistas como Quatro Rodas. Depois, quando tive a oportunidade de morar na Inglaterra, escrevia artigos sobre as descobertas e experiências das viagens pelo Velho Mundo. Em 2006, após concluir uma pós-graduação, fui convidado para assumir a direção-geral do jornal.

Nesse tempo todo tive o prazer de conviver com pessoas de bem, determinadas, apaixonadas pelo jornalismo, apaixonadas pelo jornal O Mossoroense. Foi depois de assumir o comando desse diário, que comprovei todas aquelas dificuldades que ouvia falar desde criança. Para se ter uma ideia, em Natal há na atualidade apenas três jornais diários em circulação, em Mossoró são quatro. Antes de trabalhar no jornal, tive oportunidade de trabalhar em uma agência de publicidade na capital e constatar que boa parte dos veículos de comunicação passa por dificuldades financeiras, a não ser aqueles que têm o "canal" do poder público ligado direto a seu caixa.

O jornal O Mossoroense é o único que tem cara e lado, sem comprometer a credibilidade de suas matérias. Não se esconde atrás de slogans bonitos que diferem das práticas jornalísticas do dia-a-dia. Por isso mesmo somos vítimas de uma perseguição implacável por parte dos que estão no comando da Prefeitura Municipal de Mossoró, que desde 2007 não pagam uma conta alta devida e nem anunciam nas nossas páginas, assim como também a FM Resistência, que sofre com o calote e boicote do Executivo municipal.

O que mais me fascina é a garra e a determinação dos que fazem o velho centenário. Não só os que estão aqui hoje, mas a maioria dos que por aqui passaram, nos honram e deixam saudades. Os que aqui estão e os que ainda passarão vão um dia ter o gostinho da vitória, que é a marca dos que vencem na adversidade; vão olhar para trás e ter o orgulho de dizer que fizeram parte deste, que é um dos mais antigos jornais em circulação da América Latina.

Parabéns ao O Mossoroense e todos que se empenharam por ele nesses 140 anos de existência!

Caixa alta, caixa baixa

Fernanda da Escóssia é editora de País do jornal O GLOBO.

A memória me trai quando tento trazer de volta a primeira vez que ouvi falar do O Mossoroense. É uma lembrança tão remota como aprender a andar. Desde que me entendo por gente escuto falar do jornal O Mossoroense como se fosse uma pessoa da família. Um velho amigo, muito velho, daqueles cheios de histórias boas de contar, e que só precisa de um pretexto para começar a revirar o baú de aventuras.

Certa feita, perguntei ao meu pai se uma palavra qualquer deveria ser escrita com letra maiúscula ou minúscula.

- Maiúscula, caixa alta - respondeu ele.

- Caixa alta, pai?

Coisa de tipografia, ele explicou: nos tempos em que comandava O Mossoroense, o jornal que herdara do bisavô, era assim que se falava. O jornal era todo composto letra por letra, com uma máquina chamada tipógrafo, dividida em caixas com as letras marcadas. As letras maiúsculas ficavam nas partes altas, nas caixas altas, e as minúsculas, nas caixas baixas. Daí o nome, caixa alta, caixa baixa.

Não entendi muito bem. Pensei num grande móvel cheio de caixinhas e imaginei meu pai na ponta dos pés, tentando alcançar numa caixa muito alta o B maiúsculo. E naquele jornal feito letrinha por letrinha, como pontos do crochê da minha mãe.

Sou filha de Lauro da Escóssia Filho, neta de Lauro da Escóssia, bisneta de João da Escóssia, trineta de Jeremias da Rocha Nogueira, um dos três fundadores do O Mossoroense. Cresci ouvindo histórias deste cavalheiro republicano e abolicionista que criou um jornal para defender ideais de liberdade. O mesmo que, num protesto, deu ao filho o nome de um santo, João da Escóssia, com dois "esses", como faço questão quando me perguntam se eu sou da Escóssia mesmo.

João se tornou o grande ilustrador do O Mossoroense, o artista xilógrafo cujos desenhos ganhavam vida nas páginas do jornal. Com o filho dele, meu avô, conheci a Mossoró do passado. Historiador nato, Lauro da Escóssia narrou, em "Memórias de um jornalista de província", o susto do cometa Halley, o encanto do primeiro automóvel e a resistência mossoroense ao ataque de Lampião. Meu vozinho tão pacato, de cabelos brancos, quem diria, era o repórter intrépido que fora à delegacia entrevistar o cangaceiro Jararaca.

Anos mais tarde, jornalista formada, eu perguntava ao meu pai, Lauro Filho, o que ele fazia no O Mossoroense. Tudo, ele ria. Escrevia, titulava, cortava, pagava as contas. Quando um colunista faltava, meu pai escrevia a coluna do ausente do mesmo jeito, no mesmo estilo, e ainda assinava o nome do faltoso, para que o leitor não estranhasse.

Desde pequena vejo na casa dos meus pais uma estante com um buraco de bala.

- Que buraco é esse, pai?

- Foi um dia em que tentaram me dar um tiro lá no jornal - e ele ainda ri quando conta.

Ri até dos tempos mais sombrios, quando teve de se afastar de sua cidade e de seu jornal para assegurar a tranquilidade da família. Águas passadas, diz.

Com 140 anos de existência, O Mossoroense é uma trincheira na qual a família Escóssia tem orgulho de haver lutado. Há coisas que ninguém tira de nós, e a História do O Mossoroense é uma delas. História assim, com caixa alta.

Edição e textos: Ana Cadengue
Pesquisa e reportagens: Adriana Morais e Maricelio Almeida
Fotos: Luciano Lellys, Marcos Lima e arquivo O Mossoroense
Revisão: Benjamim Linhares e Carlos Eduardo Paiva
Diagramação: Paulo César Rodrigues

Fontes: Acervo do Museu Lauro da Escóssia, Geraldo Maia, Raimundo Soares de Brito (Ruas e Patronos de Mossoró), Cid Augusto (Escóssia), arquivo do jornal O Mossoroense.

QUARTA-FEIRA, 17 DE OUTUBRO DE 2012

O Mossoroense

Especial 140 anos

140 anos de notícias

1872

2012

140 anos de informação: arquivos do jornal O Mossoroense preservam notícias que marcaram época

Ao longo dos seus 140 anos, o jornal O Mossoroense documentou os fatos mais importantes registrados não somente em Mossoró, mas em todo o Rio Grande do Norte, no Brasil, e no mundo. Em seu arquivo, o periódico conserva informaçoes que marcaram época, obtiveram grande repercussão, e em determinados momentos mudaram o rumo da humanidade. Nas próximas páginas, você vai conhecer melhor toda essa história, e relembrar as principais notícias que estamparam as páginas do jornal que hoje celebra 140 anos de informação.

Em 2 de agosto de 1873, O Mossoroense noticia a instalação da Loja Maçônica 24 de Junho, a primeira da cidade

Instalação da primeira loja maçônica de Mossoró é noticiada pelo jornal em 1873

Pelas páginas do jornal O Mossoroense, os leitores da cidade puderam ser informados a respeito da instalação da primeira loja maçônica de Mossoró. A notícia foi publicada no jornal "A Luz", de Natal, e transcrita no semanário em 2 de agosto de 1873: "Acaba de ser instalada sob os auspícios da Loja 24 de Março, uma loja maçônica com a denominação de 24 de Junho, por ter sido nesse dia que teve lugar a sua instalação".

Para o maçom Olismar Medeiros, integrante da 24 de Junho, a história da Loja se mistura com a do jornal O Mossoroense. "Em junho, a Loja completou 139 anos de existência, e o próprio Jeremias da Rocha Nogueira foi um dos nossos grandes baluartes, um abolicionista. Somos a primeira Loja Maçônica de Mossoró, fato registrado pelo jornal, e a segunda mais antiga do Rio Grande do Norte", destaca.

A Loja teve papel crucial na libertação dos escravos em Mossoró, uma vez que essa ideia surgiu a partir de uma homenagem prestada na 24 de Junho ao casal Romualdo Lopes Galvão, líder da política e do comércio na época. Na ocasião, a ideia de fundar uma sociedade com o objetivo de abolir a escravidão na cidade foi difundida, e no dia 6 de janeiro de 1883, era instalada, na Câmara Municipal, que funcionava no edifício da Cadeia Pública, hoje Museu Lauro da Escóssia, a "Sociedade Libertadora Mossoroense".

"A Loja contribuiu significativamente para o processo abolicionista da cidade, culminando com a libertação dos escravos em 30 de setembro de 1883, sendo Mossoró a quinta cidade do Brasil a registrar tal acontecimento antes da Lei Áurea", acrescenta Olismar Medeiros, integrante da Loja desde 1957, como Lawton (filho adotivo da maçonaria, como ele mesmo explica), e desde 1957 como maçom.

Hoje, a 24 de Junho, instalada na Rua 30 de Setembro, Centro, conta aproximadamente com 108 membros. "Com o surgimento da nossa Loja, outras foram sendo instaladas em Mossoró. Atualmente são 10 Lojas, sendo que apenas três são filiadas ao Grande Oriente Independente do Estado do Rio Grande do Norte , o Goiern: a própria 24 de Junho, a João da Escóssia, criada em homenagem ao filho de Jeremias da Rocha, e a Bet-El", diz Olismar Medeiros.

Cronologia dos fatos

24 de outubro de 1872: O Mossoroense destaca, em sua segunda edição, o primeiro crime ocorrido na cidade após o periódico entrar em circulação. A pequena nota dizia o seguinte: "No dia 16 do corrente, a crioula Bernarda, casada com Francisco de tal, feriu com duas facadas a parda Luisa, dando origem a este acontecimento uma desavença entre elas. A delinquente, sendo presa em flagrante, está sendo devidamente processada".

30 de novembro de 1872: A falta de selos na agência dos Correios é repercutida pelo jornal, problema que estava gerando insatisfação e revolta entre os moradores da Província de Mossoró.

04 de janeiro de 1873: A hoje tradicional Festa de Santa Luzia já era notícia em 1873. O espaço "Noticiário" lamenta o fato de que o encerramento da festa da "padroeira desta freguesia", tenha consistido apenas em uma "simples missa cantada pelo celebrante e outro sacerdote e acompanhada da orquestra desta cidade".

10 de maio de 1873: A quantidade insuficiente de vereadores para a realização de sessão ordinária na Câmara Municipal é noticiada. Em abril daquele ano não havia ocorrido sessão, e nem existia previsão de quando ela seria promovida.

25 de outubro de 1873: É destaque no semanário, o abandono do cemitério local, que de tão deficiente, sua estrutura, segundo o jornal, não suportaria o inverno seguinte.

19 de fevereiro de 1874: Na edição de número 59, é veiculado o recebimento de propostas, pela secretaria do governo, para construção de uma estrada de ferro na província de Mossoró.

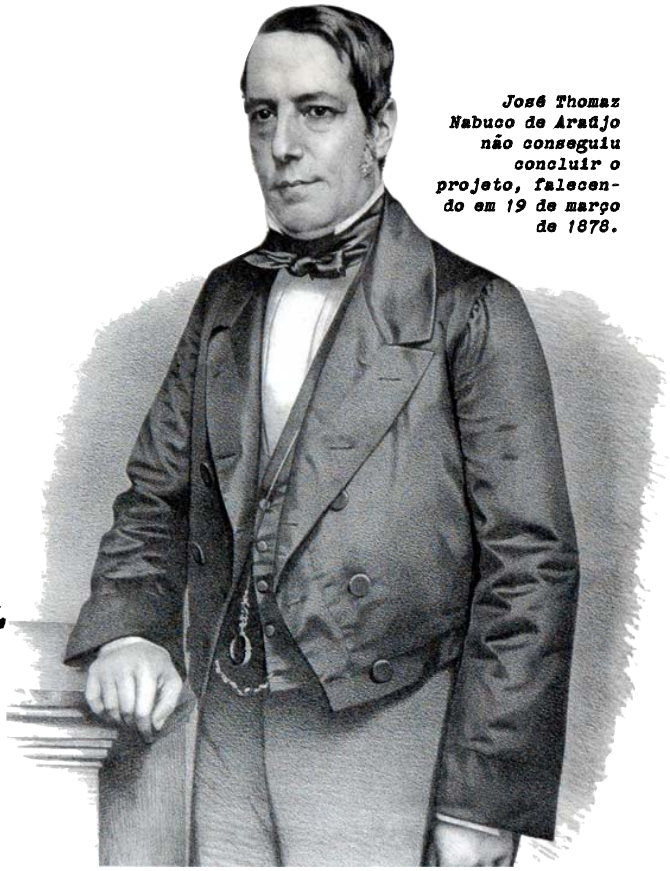
31 de maio de 1873: O Mossoroense repercute o decreto de 25 de abril de 1873, que estabelecia, a partir daquela data, o registro civil dos nascimentos, casamentos e óbitos ocorridos no Brasil.

03 de maio de 1873: O jornal divulgou as estatísticas de uma tragédia: 15 mortos, 39 feridos, 11 contusos, e dois desaparecidos. Esse foi o resultado de um desmoronamento ocorrido no Rio de Janeiro, no dia 29 de abril.

08 de fevereiro de 1874: O falecimento do ex-imperador da França, Napoleão III, ganhou espaço no O Mossoroense nessa data, quando o semanário noticiou a morte do "déspota", ocorrida em 09 de janeiro daquele ano, em Londres.

29 de março de 1874: Com o título "Mathusalens no Brazil", o Mossoroense diz, baseado no jornal estrangeiro "Nação", que o homem mais velho do mundo naquela época residia no Brasil: Martin Cantinho, que vivia em Cabo Frio, província do RJ, teria nascido em 1694, ou seja, tinha em 1874, 180 anos.

Elaboração do Código Civil Brasileiro é detalhada em 1873



José Thomaz Nabuco de Araújo não conseguiu concluir o projeto, falecendo em 19 de março de 1878.

Um dos principais registros encontrados nos arquivos das primeiras edições do jornal O Mossoroense, é o princípio da elaboração do Código Civil Brasileiro. O fato data de 18 de janeiro de 1873, quando o jornal reproduziu notícia veiculada pelo jornal "Pátria". A informação continha detalhes como o nome do jurisconsulto (José Thomaz Nabuco de Araújo) contratado pelo Governo Imperial para confeccionar o Código.

As condiçoes para a contratação do trabalho apresentadas na época eram as seguintes: dar o prazo de cinco anos para o trabalho ser concluído; receber como retribuição 2,000 $ (contos de réis) mensais, e receber como prêmio 100:000 $, no caso de apresentar o trabalho antes do prazo.

José Thomaz Nabuco de Araújo não conseguiu concluir o projeto, falecendo em 19 de março de 1878. A intenção do jurisconsulto, que exerceu as funçoes de deputado geral, presidente de província, ministro da Justiça e senador do Império do Brasil, era criar um código que tivesse efeito prático e alcance social.

Com a morte de José Thomaz, foram sendo elaborados outros esboços, mas somente em 1901, a convite do Ministro da Justiça Epitácio Pessoa, o magistrado Clóvis Beviláqua apresenta o projeto de Código Civil, que viria a ser aprovado pelo Congresso após 15 anos de discussão.

Duramente criticado por vários juristas da época, como Inglês de Sousa e Torres Neto, o trabalho de Beviláqua foi fortemente influenciado pelo Código Civil alemão (BGB) e sofreu várias alteraçoes até sua aprovação, em 1916.

O atual Código Civil Brasileiro (Lei 10.406 de 10 de janeiro de 2002) está em vigor desde 11 de janeiro de 2003.

Casamento de ex-padres já era destaque na edição de 11 de janeiro de 1873

Um tema que até hoje é motivo de debate na sociedade, principalmente entre os seguidores da Igreja Católica, já era discutido pelo jornal O Mossoroense em seus primeiros números: o casamento de ex-padres, destaque na edição de 11 de janeiro de 1873.

Na seção "Noticiário", foi publicada uma nota originalmente veiculada pela "Gazeta de Pariz", e republicada pelo jornal "República". O texto dizia o seguinte: "A Gazeta de Pariz deplora o barulho que se está fazendo por amor do casamento do padre Loyson", acrescentando que na diocese de Paris a média de casamento de ex-padres por ano era entre vinte e trinta.

Para o historiador Geraldo Maia, o registro de informaçoes como esta refletem a importância do O Mossoroense para a sociedade. "O Mossoroense sempre foi um diário da cidade. Quem quer conhecer um pouco da história não somente de Mossoró, mas de cidades da região, do Brasil, e até mesmo de outros países, precisa buscar as páginas do periódico", conta.

Segundo Geraldo Maia, a publicação de fatos relacionados à Igreja Católica eram frequentes logo após o surgimento do jornal, uma vez que o veículo de comunicação tinha como uma de suas principais características a defesa de ideais antijesuítas. "Os assuntos referentes à Igreja Católica, que eram envoltos de polêmica, sempre vinham à tona no O Mossoroense", diz.

Ainda conforme o historiador, o registro de acontecimentos tão importantes, como o da edição de 11 de janeiro de 1873, serve também para que seja feito comparativo com os fatos que hoje estão sendo debatidos. "Nesse caso dos padres, é aquela velha história que se repete, é um assunto que continua em evidência, gerando polêmica", acrescenta.

Passagem do Cometa Halley é anunciada pelo periódico em 1908

Em 21 de janeiro de 1908, os leitores do jornal fundado por Jeremias da Rocha Nogueira foram informados que em dois anos, um acontecimento surpreendente seria presenciado pela humanidade: a passagem do Cometa Halley. A notícia foi publicada da seguinte forma:

"Em 1910, os que lograrem chegar lá, presenciarão o fenômeno mais grandioso que por ventura já tem observado a humanidade: trata-se do Cometa Halley, que há muito vem se aproximando do núcleo solar, e por conseguinte, de nós".

A informação publicada pelo jornal O Mossoroense se confirma, e em 1910 o cometa tem uma de suas passagens mais brilhantes pela Terra, envolta por misticismo e lendas, como a que diz que antes da visita do cometa, toda uma aldeia húngara, convencida de que ele se chocaria com a Terra, fazendo-a em pedaços, acendeu uma grande fogueira na praça e se atirou a uma orgia místico-gastronômica.

Em 1910, uma série de notícias a respeito do cianogênio, gás letal presente na cauda do Cometa, criou um clima de pânico em escala global. Nesse período, pela primeira vez, os astrônomos identificaram os elementos químicos de um cometa, incluindo os componentes venenosos, e a informação repercutiu para a imprensa.

Houve tentativas de explicar que, mesmo ao aproximar-se mais da Terra, na noite de 18 para 19 de maio, o cometa não envenenaria ninguém, mas o clima de pavor já estava disseminado. O que aconteceu a partir daí foi uma bola de neve de superstições, especulação e exploração comercial e religiosa.

A passagem do Halley em 1910 também é marcada pela morte do rei Eduardo VII da Grã-Bretanha, uma vez que naquele período era atribuída ao cometa a característica de "assassino de monarcas", sendo que Eduardo VII já se encontrava doente, e tinha em mente a ideia de abdicar do trono.

Em 1986, O Mossoroense voltaria a anunciar a visita do Cometa Halley à Terra. Dessa vez, o cometa teve uma passagem discreta, desapontando aqueles que esperavam uma aproximação maior com a Terra. A próxima passagem do Cometa, seguindo o período da órbita de 76 anos, deve ocorrer em 28 de julho de 2061, e a expectativa é que mais uma vez, o jornal O Mossoroense noticiará fato de tamanha relevância.

Mossoró é reconhecida como uma das principais produtoras e exportadoras de sal do país em 1910

A economia de Mossoró tem hoje como um de seus principais pilares a exportação de sal marinho, sendo a cidade uma das responsáveis por grande parte da produção registrada em todo o Rio Grande do Norte. Em 1910, o município também se destacava na indústria salineira, como mostrou o jornal O Mossoroense na edição de 30 de outubro daquele ano.

Nessa data, o periódico transcreveu notícia publicada na revista "Associação Comercial do Rio de Janeiro", que dizia que, segundo relatório, as salinas de Mossoró e Macau forneciam a maior parte do sal aos demais estados do Brasil. Naquela época, somente as salinas de Mossoró abrangiam uma superfície de 432 quilômetros quadrados, e produziam 248 milhoes de litros de sal.

"Nossa indústria é mais do que secular. Economicamente, a produção de sal na cidade começou em 1805. Hoje, com a participação significativa de Mossoró, o Rio Grande do Norte produz entre 92% e 98% de todo o sal brasileiro, variação que está associada as nossas condiçoes climáticas, e que totaliza entre 4,5 e 5,5 milhoes de toneladas anualmente", frisa o empresário do setor salineiro, e atual titular da Secretaria de Estado do Turismo do RN, Renato Fernandes.

Para o secretário, o tratamento dado pelo jornal O Mossoroense à economia local sempre foi significativo, oportunizando dessa forma a divulgação de fatos importantes para diversos setores, entre eles, o salineiro.

"O jornal O Mossoroense é um dos orgulhos da cidade, por ser um dos mais antigos do Brasil e por tratar a economia da cidade com muito respeito e isenção. Nós do segmento salineiro ficamos muito felizes com essa data, e parabenizamos o periódico pelos seus 140 anos de informação", conclui Renato Fernandes.

Cronologia dos fatos

Janeiro de 1909: Na primeira edição do ano, é veiculada notícia sobre um grande terremoto que havia destruído a cidade de Messina, na Itália, matando aproximadamente 20 mil pessoas.

26 de maio de 1909: Jornal noticia a morte de Visconde de Sabóia, "uma das maiores ilustraçoes médicas da pátria brasileira".

19 de junho de 1909: Destaque em primeira página a morte do então presidente da República dos Estados Unidos do Brasil, Afonso Pena.

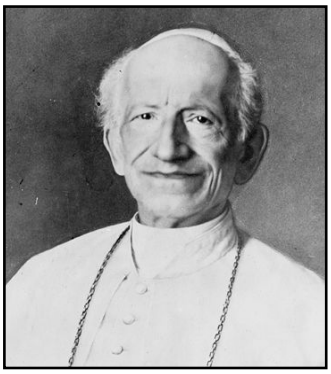
28 de fevereiro de 1910: Destaque, na primeira página, a eleição presidencial que seria realizada no dia seguinte, que tinha como concorrentes o ex-ministro da Guerra do Gabinete de Afonso Pena, Marechal Hermes, e o ex-ministro da Fazenda do Governo Provisório, Ruy Barbosa.

09 de março de 1910: É mostrado o resultado parcial das eleiçoes: Marechal Hermes despontava como presidente àquele momento, com 295.252 votos. Ruy Barbosa tinha alcançado 165.542 votos.

08 de julho de 1910: Notícias vindas do Rio apontavam que a posse do novo presidente ocorreria no dia 20 daquele mês.

19 de outubro de 1910: Autorizada a construção de uma nova estrada de ferro ligando o Brasil ao Paraguai.

20 de janeiro de 1914: A primeira página abre espaço para a mensagem inaugural do Governador Joaquim Ferreira Chaves, lida no dia 12 de janeiro, ao assumir a administração do Estado.



Papa Leão XIII

Papa Pio X

Papa Bento XV

A história da Igreja Católica contada através das páginas do jornal O Mossoroense: periódico informa a morte de oito papas

Fatos que marcaram a história da Igreja Católica também estão documentados nos arquivos do O Mossoroense. A morte de oito papas, entre 1903 e 2005 (o falecimento do pontífice Pio XI em 1939 não foi divulgado, pois nesse período o jornal não estava em circulação, voltando às bancas da cidade em 1946), é um dos registros mais significativos que o periódico preserva em suas páginas. Em 27 de julho de 1903, o jornal destaca o falecimento do papa Leão XIII, com publicação de xilogravura na primeira página.

"O pontífice, que merecidamente, gloriosamente, ocupava o trono de São Pedro, desapareceu da face da terra no dia 20 do cadente. Tal era o se estado mórbido, denunciado frequentemente pelo telégrafo, que antes já era esperado esse desenlace fatal de tão preciosa existência, que já contava 93 anos", enfatizou o jornal no período.

Para o vigário-geral da Diocese de Mossoró, padre Flávio Augusto, a repercussão de notícias como o falecimento do papa Leão XIII, reflete o valor histórico atribuído ao O Mossoroense. "Hoje as notícias são on-line, de muito fácil acesso, mas no início do jornal, publicar acontecimentos de repercussão mundial, e trazer esses assuntos para o acesso local, mostra a importância do jornal para a história, de noticiar acontecimentos que marcaram a humanidade", diz.

Na edição de 14 de agosto de 1903, o jornal publica o nome do sucessor de Leão XIII: assume o posto de maior autoridade eclesiástica da Igreja Católica José Sarto, patriarca de Veneza, adotando a identidade de Pio X. "A morte de Pio X também foi noticiada de forma marcante, já que ele foi um grande pontífice, sendo o responsável por uma importante reforma litúrgica", acrescenta o vigário-geral da Diocese de Mossoró.

São Pio X permaneceu como pontífice até 1914, quando Giácomo della Chiesa, sob o pseudônimo de Bento XV, é escolhido como novo papa da Igreja Católica. "Um jornal se manter tanto tempo em evidência, repercutindo fatos tão marcantes, em uma situação particular como a da nossa região, o Nordeste, é um grande mérito para todos nós", conclui o padre Flávio Augusto.

Disputa entre Brasil e Bolívia pelas terras do Acre é repercutida pelo jornal

Em 14 de fevereiro de 1903, o jornal O Mossoroense noticia o conflito existente entre o Brasil e a Bolívia, países que travaram uma verdadeira batalha pela posse das terras do Acre.

A disputa teve início após os seringueiros que ocupavam o Acre se revoltarem contra a Bolívia, país que detinha a posse das terras. Naquele período, o governo boliviano cedeu todo o território ao truste anglo-americano Bolivian Sybdicate, e os seringueiros proclamaram a independência da região, dando origem à disputa diplomática que ficou conhecida como "Questão do Acre".

Meses depois, o conflito teria fim, e O Mossoroense também repercutiria o que ficou conhecido como "Tratado de Petrópolis", documento de intenção que oficializou a permuta e finaliza a disputa entre o Brasil e a Bolívia em 17 de novembro de 1903.

O Tratado, por ter sido assinado no Rio de Janeiro, recebeu a intermediação do diplomata José Maria Paranhos Júnior, o Barão de Rio Branco, passando a valer de fato com a assinatura do Decreto nº 5.161, de 10 de março de 1904. Foi a partir dessa data que as terras pertencentes à Bolívia foram incorporadas definitivamente ao Brasil.

O acordo custou aos cofres brasileiros dois milhoes de libras esterlinas, pagos à Bolívia, e mais 110 mil libras esterlinas como pagamento de multa ao Bolivian Syndicate, que dois anos antes havia assinado contrato de arrendamento para explorar os seringais acrianos no período de maior crescimento da extração da borracha.

A construção das torres da Catedral de Santa Luzia é notícia em 30 de setembro de 1909

Considerada o marco zero da cidade de Mossoró, a Catedral de Santa Luzia, ao longo de sua história, foi submetida a processos de restauração, e reconstrução, tendo o jornal O Mossoroense registrado grande parte desses momentos. Em sua edição de 30 de setembro de 1909, o periódico informa que naquele dia seriam inauguradas as obras da Igreja Matriz.

"Com uma missa solene, serão inauguradas hoje as obras da nossa Igreja Matriz, que compreendem a completa transformação da fachada de velho templo em estilo gótico, tendo numa das elegantes torres o relógio, que ao povo, em geral, vai prestando inestimáveis serviços", afirmava o texto.

A iniciativa de dar continuidade às obras da igreja foi do padre Pedro Paulino. Na época, ele promoveu uma meritória campanha em prol da conclusão das torres da igreja. Para isso, convocou os fiéis às romarias durante as tardes de domingo, quando seriam transportados tijolos, pedras, areia e cal para o adro da matriz, de forma a não pararem os serviços por deficiência de material. A população atendeu ao chamado do vigário e as torres foram concluídas.

O início da história da Catedral de Santa Luzia, no entanto, data de 5 de agosto de 1772, quando o sargento-mor da ribeira do Mossoró e sua mulher Rosa Fernandes recebem autorização da Provisão das Dignidades do Cabido de Olinda, para construírem uma capela na fazenda Santa Luzia. A capela foi construída com os cruzados do sargento-mor e o auxílio dos devotos circunvizinhos, sendo o primeiro ato litúrgico celebrado em 25 de janeiro de 1773, quando foi batizada uma criança do sexo feminino, cerimônia essa oficiada pelo padre José dos Santos da Costa.

A notícia hoje

Recentemente, a Catedral Diocesana de Santa Luzia, elevada a essa condição em 28 de julho de 1934, quando foi criada a Diocese de Mossoró, foi revigorada, ganhando novas cores, através de um projeto desenvolvido nacionalmente.
O trabalho de pintura da Catedral de Santa Luzia, executado por 15 pintores profissionais e 20 aprendizes, teve início em julho, e foi concluído em 13 de setembro. As novas cores da matriz, aprovadas pela diocese, são Fuga no tempo, uma cor da família dos tons cinzas, e branco, somando 1.100 litros de tinta utilizados.

Cronologia dos fatos

31 de janeiro de 1903: É notícia no jornal a informação de que o presidente da Intendência Municipal, tenente-coronel Antônio Filgueira Filho, cogitava dotar a cidade com uma iluminação muito superior a existente no período, tendo encomendado na Europa um sistema de aparelhos apropriados à luz de querosene.

28 de fevereiro de 1903: A instalação de um serviço telefônico entre Mossoró e o Porto de Santo Antônio é notícia no periódico.

29 de maio de 1903: É veiculada informação referente à negociação de um empréstimo destinado às obras do Porto do Rio de Janeiro.

16 de outubro de 1903: Primeiro registro de cangaceiros no Rio Grande do Norte. Um bando havia atacado fazenda do tenente-coronel João Chrisostomo, em Martins, dando início a um grande tiroteio.

30 de novembro de 1903: Novas notícias sobre a Estrada de Ferro de Mossoró: Nessa edição, é repercutido que o presidente da República havia recomendado ao secretário de aviação, após representação de comissão dos estados do Ceará, RN, Paraíba e Pernambuco, a construção de uma estrada de ferro, partindo do porto de Mossoró e tangenciando o Ceará, RN, e passando pela PB, PE. A extensão seria de 550 quilômetros, e custo não excederia 22 contos cada km. A renda garantida anunciada era de três mil contos anualmente, só com o transporte de sal.

30 de setembro de 1904: É destaque a inauguração da Estátua da Liberdade, na Praça da Redenção, trabalho artístico do arquiteto e escultor Francisco Paulino da Silva, em homenagem ao 30 de setembro.

29 de novembro de 1904: O médico Octávio de Freitas faz uma importante descoberta em benefício da humanidade, afirmando que o pão de ferro (jucá) era um remédio eficaz contra o diabetes, moléstia para a qual a medicina ainda não havia encontrado recursos para combater.

15 de novembro de 1906: A primeira página do jornal dedica seu espaço para a seguinte notícia: "Dr. Afonso Pena é o novo presidente da República brasileira, dando início a um novo governamental".

19 de setembro de 1907: Com 283 votos, o farmacêutico Jerônimo Rosado é eleito um dos intendentes da cidade de Mossoró, após eleições realizadas entre os dias 15, 16 e 17 de setembro.

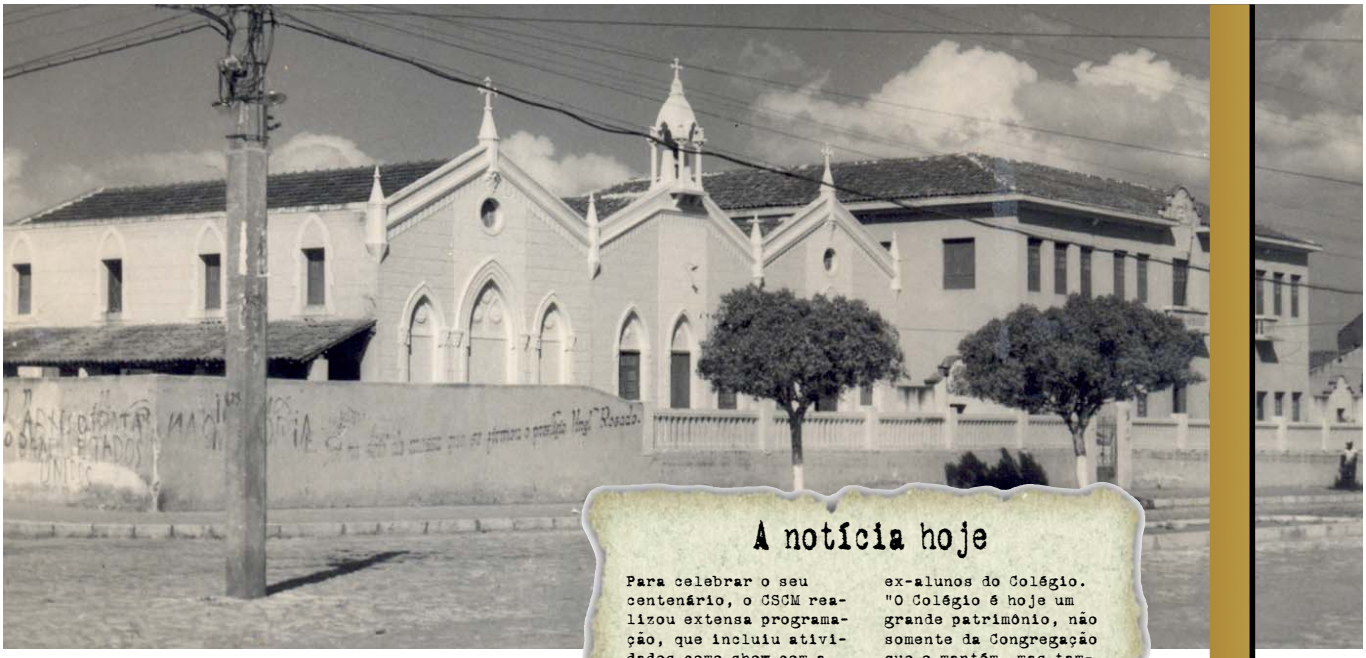
28 de janeiro de 1908: O jornal detalha todas as informaçoes relacionadas à lei que torna o serviço militar obrigatório pelos brasileiros. Destaque para o fato de quem pertencesse ao Exército ativo não poderia se casar enquanto estivesse em serviço.

25 de março de 1908: Destaque para o início do período governamental do governador Alberto Maranhão. Na edição seguinte, a primeira página do O Mossoroense relata um fato bastante curioso. Durante a posse do governador Alberto Maranhão, ocorrida no dia 25 de março, uma "copiosa" chuva foi registrada na cidade, tendo início às 17h, prolongando-se até a madrugada do dia 26. Detalhe: A cidade enfrentava um rigoroso período de seca.

21 de junho de 1908: É notícia a realização de um procedimento cirúrgico ousado para a época: O atleta Roberto Inglis, após ser assaltado, e ter sido ferido à faca, precisou que seu coração fosse retirado da caixa toráxica, dado alguns pontos de sutura na víscera, e depois dois cirurgioes colocaram o coração no lugar.

08 de agosto de 1908: É publicada uma carta aberta ao governador do Estado, relatando as consequências dos efeitos da forte seca que o Estado enfrentava naquela época: "A seca, com seu fúnebre corteja de miséria, assola o Estado, devastando tudo", pontuava o início da carta.

08 de setembro de 1908: Nessa data, o projeto do deputado Alcindo Guanabara, que discorria sobre o divórcio no Brasil, é apresentado. A Comissão de Constituição e Justiça da Câmara, no entanto, havia dado parecer contrário ao projeto, que estabelecia que o vínculo conjugal podia ser dissolvido, ficando os cônjuges com a faculdade de estabelecerem novas núpcias, dois anos depois de passado em julgado a sentença que houver proferido o divórcio, na forma das leis em vigor, e desde que um dos cônjuges o requeresse
Em edição de novembro de 1908, época em que o jornal era publicado três vezes por mês, em dias indeterminados, e cuja edição não se pode visualizar o dia exato em que foi veiculada, é destaque a morte do então presidente da Academia Brasileira de Literatura: Machado de Assis, em artigo que dizia o seguinte: "Morto, é morto o poeta das Americanas, o romancista de Brás Cubas - Machado de Assis, o primeiro dos literatos brasileiros deste século". Machado morreu no dia 29 de setembro, na sua pequena vivenda do Cosme Velho, onde morava há mais de 30 anos.



A notícia hoje

Para celebrar o seu centenário, o CSCM realizou extensa programação, que incluiu atividades como show com a presença do padre Nunes, missa no Cemitério São Sebastião, promovida em homenagem a todas as pessoas que participaram da história da instituição, e momentos de confraternização com ex-alunos do Colégio. "O Colégio é hoje um grande patrimônio, não somente da Congregação que o mantém, mas também pela história que desenvolveu ao longo desses 100 anos, e pelo bem que tem feito à comunidade, educando gerações de mossoroenses e de toda a redondeza", enfatiza Irmã Nerialba.

Inauguração do Colégio Sagrado Coração de Maria:

Jornal apresenta detalhes da instituição de ensino fundada em 1912

Na mesma edição em que o naufrágio do Titanic é destaque, um fato marcante para Mossoró também é noticiado: a instalação do Colégio Sagrado Coração de Maria (CSCM). A publicação continha informaçoes referentes ao prédio onde o estabelecimento de ensino funcionaria, "situado numa das mais invejáveis posiçoes da cidade", e que estava em estado final de construção.

Em 09 de julho de 1912, o assunto volta a ser repercutido, dessa vez, com todos os detalhes sobre o Colégio, relatando inclusive as disciplinas que seriam ministradas na instituição, inaugurada no dia 02 de agosto.

O primeiro grupo de Irmãs (formado por seis religiosas, entre elas a Ir. Leocádia do Menino Jesus, superiora, e primeira diretora do Colégio), vindas de Portugal com o intuito de fundar a instituição de ensino, chegou a Mossoró em 30 de junho de 1912.

O Colégio surgiu objetivando instruir e educar meninas, sendo que no seu primeiro ano de funcionamento o estabelecimento registrou um total de 57 alunas, sendo Maria de Lourdes Nogueira a primeira estudante matriculada.

"O sacrifício das irmãs que vieram de Portugal fundar o Colégio não foi em vão. Foi uma semente lançada que tem dado muitos frutos, em abundância e em qualidade", diz a atual diretora do CSCM, Irmã Nerialba.

O Brasil em números:

O Mossoroense apresenta dados relevantes sobre o país em 1910

Quantos habitantes existiam no Brasil em 1910? Quantas pessoas estavam matriculadas nas redes pública e privada de ensino? Qual era o número total de municípios brasileiros nesse período? Questoes como estas foram respondidas em um detalhado material publicado pelo jornal O Mossoroense em 26 de maio de 1910.

Os dados mostravam que a população do país encontrava-se entre 20 e 22 milhoes de pessoas, distribuídas entre 22 circunscriçoes territoriais autônomas (20 estados, Distrito Federal e o Acre), que compreendiam 1.154 municípios.

Naquele ano, o Poder Legislativo era composto por 1.040 "fabricantes da lei", como o jornal classificou os 189 senadores, 212 deputados federais e os 639 deputados estaduais.

Números curiosos também foram revelados, como o fato de que em 1910 cerca de um milhão de estrangeiros residiam no Brasil.

O país possuía ainda 19 mil quilômetros de vias férreas em tráfego e uma rede telegráfica de 28.395.612 km.

Aproximava-se de um milhão o número de alunos matriculados nas escolas de ensino primário, público e particular, 31 mil os que frequentavam os institutos de ensino secundário, e seis mil o ensino superior.

No Brasil existiam 108 teatros, e o governo havia, até aquele período, feito 23 empréstimos externos e seis internos.

A notícia hoje

Segundo os números divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) no último dia 31 de agosto, a população do país está estimada em 193.946.886 habitantes, um aumento de aproximadamente 781% em relação ao total de pessoas residentes no Brasil em 1910.

Hoje, o território brasileiro está dividido em 27 unidades federativas, sendo 26 estados mais o Distrito Federal, e conta 5.565 municípios.

A composição atual do Poder Legislativo está assim distribuída: 81 senadores, 513 deputados federais, e 1.059 deputados estaduais.

Atualmente, o Brasil possui 41.183.103 estudantes matriculados na rede pública de educação básica - estadual e municipal, conforme aponta dados preliminares do Censo Escolar, publicados na edição do dia 6 de setembro do Diário Oficial da União (DOU). O ensino regular (educação infantil - creches e pré-escolas) tem 40.554.335 matrículas.

Primeira Guerra Mundial:

O Mossoroense registra todas as etapas do conflito que assustou o mundo entre 1914 e 1918

Existem acontecimentos, que de tão importantes serão sempre tema de discussoes, ocupando páginas e mais páginas dos livros de história adotados pelas instituiçoes de ensino. A Primeira Guerra Mundial é, sem dúvida, um desses assuntos que nunca cairão no esquecimento, e o jornal O Mossoroense contribui para que detalhes desse período tão intenso da humanidade sejam preservados, uma vez que todas as etapas do conflito foram documentadas pelo periódico, entre 1914 e 1918.

Um dos primeiros registros referentes à "Grande Guerra" é datado de 3 de setembro de 1914, quando, com o título "Conflagração Europeia", o jornal publica artigo sobre o confronto bélico que havia tido início na Europa em julho daquele ano.

Tempos depois, em abril de 1916, o escritor Blasco Ibanez assina texto que retrata os sentimentos da população espanhola perante à Guerra. Segundo o autor, a maioria da população espanhola estava convencida do 'triunfo final dos aliados", e que os homens inteligentes baseavam sua fé no sucesso final e no enfraquecimento contínuo das forças imperiais.

Dando sequência às notícias da Primeira Guerra Mundial, em 29 de junho de 1916, o jornal repercute o que, segundo alguns critérios, foi a maior batalha naval da história: a batalha de Jutlândia, único confronto em grande escala entre navios de guerra desse período. A batalha ocorreu entre 31 de maio e 1º de junho. Em sua edição de 29 de junho, O Mossoroense destaca o discurso do imperador de Berlim, Guilherme II, onde ele afirma que o ato foi uma "magnífica lição ao orgulho inglês". Segundo as informaçoes, morreram durante o combate entre couraçados 132 oficiais, e 2.414 marinheiros.

Navio brasileiro é atacado: participação do país na Guerra é incentivada

Até o início de 1917, o Brasil acompanhava o conflito bélico apenas como observador. No entanto, em 5 de abril, a participação do país na Primeira Guerra Mundial ganha novos contornos, devido ao ataque direcionado ao navio brasileiro "Paraná", que navegava de acordo com as exigências feitas a países neutros, mas foi torpedeado, por um submarino alemão.

Com o título "Em torno da Guerra", o jornal publica artigo em 09 de maio de 1916, que apontava o rompimento das relaçoes diplomáticas entre o Brasil e o Império Alemão: "Em vista de tão agressivo quão afrontoso ataque aos brios da Nação Brasileira, o governo do País, cioso do cumprimento de seus deveres, e intérprete fiel dos intuitos patrióticos do povo brasileiro, rompeu imediatamente suas relaçoes diplomáticas e comerciais com o Império Alemão", constava a publicação.

Após o ataque ao vapor brasileiro, o governador do Rio Grande do Norte, desembargador Ferreira Chaves, encaminha mensagem aos presidentes das intendências municipais, solicitando a atenção para "o grave momento da vida soberana e altiva da nossa pátria". O então presidente da Intendência de Mossoró, farmacêutico Jerônimo Rosado, convoca reunião para que todos tomem conhecimento a respeito da mensagem encaminhada pelo chefe do Poder Executivo potiguar. O fato é divulgado pelo jornal em 30 de maio de 1917.

Com o rompimento das relaçoes diplomáticas com o Império Alemão, crescem as especulaçoes a respeito da entrada oficial do Brasil na Guerra, e em 6 de junho de 1917, O Mossoroense repercute, em sua primeira página, dois artigos do jornal "D'Província", de Pernambuco, enfocando os momentos e tensão que o país enfrentava. Um dos textos, escritos por chefe do positivismo brasileiro Teixeira Mendes, dizia o seguinte:

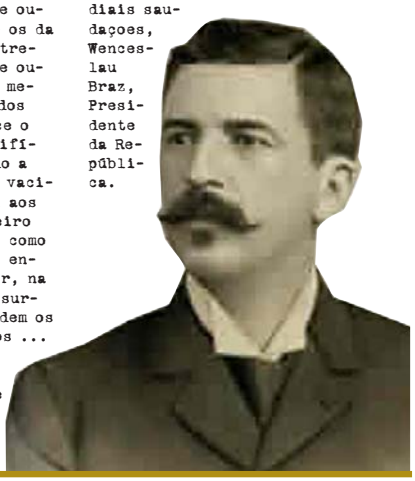
"O Brasil está, de fato, em estado de guerra com a Alemanha. Não que tenha feito a este país uma declaração formal nesse sentido, mas em consequência de afirmaçoes anteriores por ocasião da nota teutônica sobre o bloqueio da Europa. Lamenta que só agora o Brasil tivesse chegado a esse extremo, esperando que um caso que lhe diz respeito diretamente o lançasse em uma atitude que há muito lhe era ditada por seus deveres".

Em 31 de outubro de 1917, o jornal abre espaço para informar que mais um navio brasileiro havia sido torpedeado por um submarino alemão. "É a quarta afronta que o Brasil recebe à sua soberania. Esgotando todos os recursos diplomáticos, a nossa pátria se viu na dura contingência, a bem da sua dignidade e da sua honra, de romper as suas relaçoes com a Alemanha, o país que persistia em desrespeitar a nossa bandeira", dizia o artigo do "Jornal Pequeno", do Recife, republicado pelo O Mossoroense.

Presidente do Brasil comunica ao governador do RN entrada oficial do país na "Grande Guerra"

Através de nota encaminhada pelo Presidente da República, Wenceslau Braz, ao governador do RN, desembargador Ferreira Chaves, a entrada oficial do Brasil na Guerra, anunciada em 26 de outubro de 1917, é noticiada pelo jornal O Mossoroense. Leia a seguir trechos do documento histórico:

"... É a paz a aspiração do país, foi ela em todos os tempos o ideal da nação educada nas normas do trabalho pacífico, do progresso, da ordem, do respeito aos direitos alheios. Desde os primeiros dias da independência, nossa ação internacional jamais se exerceu em detrimento de quem quer que fosse ... Nunca tivemos guerra de conquista; e a índole do nosso povo está a indicar, em largos anos de vida laboriosa, que não nos movemos de outros intuitos que não os da paz e do trabalho. Entretanto, na guerra a que outros povos já deram o melhor do seu sangue e dos seus recursos, conhece o Brasil a soma de sacrifícios que está chamando a fazer e os encara sem vacilação. ... Do litoral aos sertoes, cada brasileiro cumprirá o seu dever, como ele sempre entendeu e entende que deve cumprir, na luta sangrenta cujas surpresas dia a dia excedem os mais avisados cálculos ... É necessário que se dissipem todas as divergências internas e que a nação apareça uma e indivisível em face do agressor. Por isso, o Governo aconselha e espera de todo o país o maior acatamento às suas decisoes ... Nossas tradiçoes liberais ensinaram sempre o respeito às pessoas e bens do inimigo, tanto quanto forem compatíveis com a segurança pública. E assim devemos proceder. É oportuno que aconselhemos a maior parcimônia nos gastos de qualquer natureza, públicos ou particulares. Intensifique-se quanto possível a produção dos campos a fim de que a fome, que bate já às portas da Europa, não nos aflija também; e, antes, passamos ser celeiros de nossos aliados. Estejam todas as atençoes alertas aos manejos da espionagem, que tem todas as formas e emudeçam todas as bocas, quando se tratar do interesse nacional" Cordiais saudaçoes, Wenceslau Braz, Presidente da República.



Primeira Guerra Mundial:

Mossoró acompanha movimento patriótico e cria sua "Sociedade do Tiro"

Diante do sentimento de patriotismo que o país vivenciava após a oficialização da entrada do Brasil na Guerra, Mossoró é convocada a participar do conflito, através da organização de uma "Sociedade de Tiro". No dia 28 de novembro de 1917, O Mossoroense repercute artigo, intitulado "Pela Pátria", quando aponta que a cidade deveria "acompanhar o movimento patriótico que se operava no Brasil":

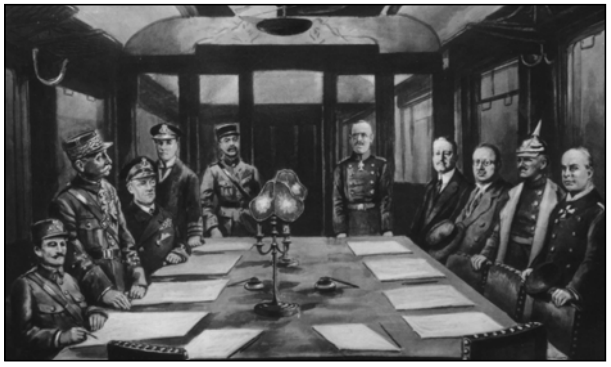
"Não queremos registrar o fato como uma notícia comum, na competente seção desta folha. Sobre o assunto, que é de real importância para o momento que atravessamos, somos levados a aduzir algumas palavras, com as quais não visamos expressar, simplesmente, o regozijo que nos causou esse gesto patriótico da mocidade mossoroense, de par com os aplausos efusivos de que se tornou ela merecedora".

Na sequência, informaçoes do deputado Cunha da Mota mostram que já estava definida a inauguração do "Tiro Mossoroense", e organizada a lista daquelas pessoas que receberiam instruçoes militares para defenderem a pátria querida.

Alguns meses depois, em 5 de junho de 1918, o jornal noticia que no dia 12 daquele mês, tinham iniciados os trabalhos da "Junta de Alistamento Militar" de Mossoró, presidida por Jerônimo Rosado, Coronel Bento Praxedes, tendo como encarregado de registro civil o Major Teixeira de Holanda.

Também foi durante o confronto mundial que ocorreu a instalação do primeiro Tiro de Guerra de Mossoró, fato esse registrado pelo jornal em 18 de setembro de 1918.

Países em guerra negociam sua rendição: o fim do confronto se aproxima



Em 16 de outubro de 1918, O Mossoroense diz que a Alemanha havia evacuado todos os territórios dos aliados e estava disposta a aceitar o programa de paz do presidente americano Woodrow Wilson.

Na edição seguinte, o jornal destaca, em sua seção "Telegramas", que os alemães estavam em franca retirada em todos os setores da Guerra, e que a Turquia já negociava sua rendição. O fim do conflito bélico estava próximo.

Por fim, em 11 de novembro de 1918, é assinado o Armistício de Compiègne, um tratado entre os Aliados e a Alemanha, dentro de um vagão-restaurante, na floresta de Compiègne, região francesa, com o objetivo de encerrar as hostilidades na frente ocidental da Primeira Guerra Mundial. O conflito chega ao fim após quatro anos.

Cronologia dos fatos

29 de janeiro de 1916: Sob o título "Maravilho Invento", é notícia que um frade residente na Itália havia criado um "invento verdadeiramente maravilhoso e que, se parece, vai ser de muita importância no atual momento": a fabricação de um tecido vegetal o qual tem a propriedade de impedir a passagem das balas de fuzil através do corpo humano. Era criado o colete à prova de bala, durante a Primeira Guerra Mundial.

28 de fevereiro de 1916: No dia 19 daquele mês, ocorria o primeiro desastre em um pequeno trecho da linha férrea de Mossoró: uma locomotiva que fazia manobras na estação de Porto Franco colidiu com uma mulher, fraturando uma das pernas.

26 de agosto de 1916: Anúncio de que em poucos dias seria inaugurado o Açude do Saco, bacia hidráulica que traria muitos benefícios para a pequena agricultura da cidade.

09 de setembro de 1916: Destaque a inauguração da estrada de automóveis ligando Mossoró a Limoeiro, sendo que sua viagem inaugural ocorreu no dia 04, com as presenças do Coronel Cunha da Mota, presidente da intendência, e outros representantes políticos.

15 de agosto de 1917: Na seção "Telegramas" é notícia que a China havia declarado guerra a Alemanha, e a explosão de uma fábrica de munições em Hennersdorf, na Alemanha, morrendo 300 operários.

24 de outubro de 1917: Publica-se notícia relatando que a Rússia tinha transferido sua capital para Moscou.

27 de março de 1918: No espaço "Telegramas", mostra-se os números da guerra: A ofensiva alemã à França já havia registrado grande mortandade, de ambos os lados. Estimava-se as perdas em 150 mil homens. Na mesma edição e seção, é notícia que Paris estava sendo bombardeada com canhoes de alcance de 120 km.

30 de outubro de 1918: Mossoró registra cerca de 600 casos da Gripe Espanhola, epidemia que assustava o mundo nesse período.

01 de janeiro de 1919: Jornal publica notícia sobre a morte do príncipe dos poetas: Olavo Bilac, ocorrida no dia 30, no Rio de Janeiro. Na mesma edição, é relatado que no dia 02 de dezembro de 1918 foi instalada na cidade uma filial do Banco do Brasil.

24 de julho de 1919: O prolongamento da Estrada de Ferro de Mossoró é autorizado nessa data. Uma página inteira é dedicada ao assunto, em edição especial.

31 de julho de 1919: Dr. Epitácio Pessoa assume a Presidência da República.

Mossoró evolui:

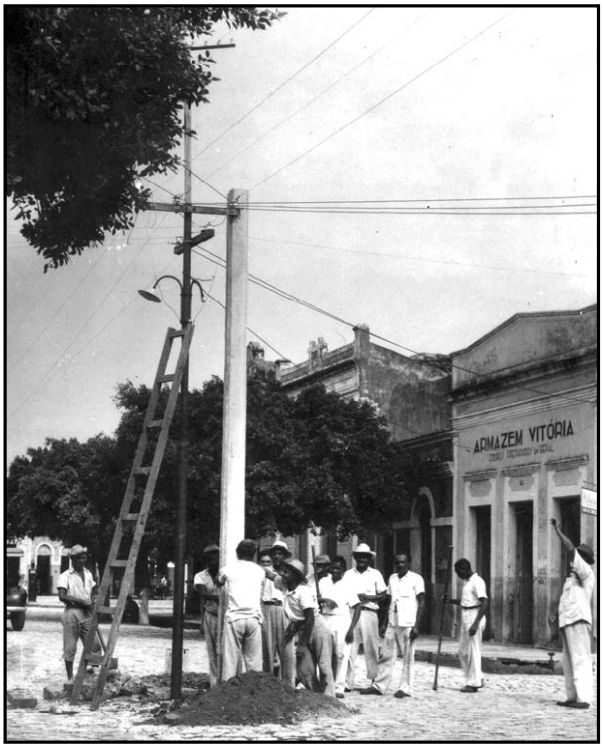
sistema de iluminação elétrica chega à cidade em 1916

Pelas páginas do jornal O Mossoroense estão registradas as etapas da evolução da cidade. Em 29 de julho de 1916, o jornal releva que, em artigo de primeira página, que havia sido firmado um contrato entre a Intendência Municipal e a Sociedade Anônima "Força, Luz e Melhoramentos de Mossoró", para que a cidade fosse contemplada, até o mês de novembro, com a esperada luz elétrica, em novembro. Na mesma edição, foi publicado o estatuto da Sociedade, contendo todos os detalhes de sua criação, objetivos e funcionamento.

Todos os pontos referentes ao contrato firmado entre o município e a Sociedade foram transcritos na edição do O Mossoroense de 18 de agosto de 1916. Em um dos trechos, o traslado diz que a iluminação pública da cidade seria equipada com 120 lâmpadas de 32 velas de filamento metálico, distribuídas pelas ruas e praças da cidade.

As lâmpadas seriam colocadas em braços sobre postes de madeira de até cinco metros acima do solo. A intendência municipal pagou pelas 120 lâmpadas a importância anual de 15 contos de réis, divididos em 12 prestaçoes mensais de um conto e duzentos e cinquenta mil réis.

Além da iluminação pública, também estava prevista iluminação privada, sendo que as instalaçoes domiciliares seriam feitas mediante o proprietário, que teria de pagar pelo consumo mensal de luz particular, taxas que variavam de acordo com o tipo de quantidade e de lâmpadas utilizadas.



A notícia hoje

Segundo informaçoes repassadas pela Companhia Energética do Rio Grande do Norte (Cosern), nos últimos anos foram investidos aproximadamente R$ 5,8 milhoes na ampliação da rede de energia elétrica da cidade, através do Programa "Luz para Todos".

Conforme a Companhia, foram implantados em Mossoró 2.935 postes, 228 km de rede primária e 60 km de rede secundária, além da instalação de 2.970 KVA de carga.

Ainda de acordo com o Cosern, está prevista a retomada do Programa "Luz Para Todos", entre 2012 e 2013, através do Termo de Compromisso firmado em 19/12/2011 entre o Ministério de Minas e Energia (MME), a Companhia Energética do RN, a Agência Nacional de Energia Elétrica (ANEEL) e a Eletrobrás, que beneficiará 4.845 famílias potiguares, até 31/12/2013.

Hoje, o valor da tarifa dos consumidores residenciais, atendidos em baixa tensão (grupo B) é de R$/KWh 0,36373 (sem impostos).

Cronologia dos fatos

10 de janeiro de 1920: Destaque à posse do novo governador do RN, Antônio J. de Mello e Souza, e do presidente da Intendência Municipal de Mossoró, Camillo Porto da Silva Figueiredo.
Na mesma edição estreia a coluna "Vida Social", com notas sobre aniversários, casamentos, apresentaçoes culturais.

24 de janeiro de 1920: Artigo detalha a situação deficiente que se encontrava a Cadeia Pública de Mossoró.

12 de março de 1920: Com o título "Uma nova praga", é publicado artigo relatando os problemas que a cidade estava enfrentando devido ao crescimento da frota de automóveis em Mossoró, em texto que dizia o seguinte:
"...Em rigor, não precisamos dizer qual seja essa nova calamidade, que, atualmente, a todos os momentos ameaça a vida da calma população de Mossoró, porque os nossos inteligentes leitores já compreenderam que, nesta cidade, pior do que a crise, pior do que o sol, pior do que a água, só... o automóvel!"

24 de julho de 1920: Destaque para aprovação, na Câmara dos Deputados, de projeto que revogava o banimento da família Imperial do Brasil, decretado por lei em 21 de dezembro de 1889. Com isso, os restos mortais de D. Pedro II, e sua esposa, poderiam ser trazidos para o Brasil.

30 de Outubro de 1920: O senador potiguar Ferreira Chaves, foi escolhido, no dia 21 daquele mês, como novo Ministro da Marinha, após o pedido de demissão do Dr. Raul Soares.

16 de setembro de 1921: Notícia revela que Ferreira Chaves era elevado ao posto de Ministro da Justiça.

01 de outubro de 1921: É notícia a fundação, no dia 26, de uma nova sociedade musical em Mossoró: O "Grêmio Musical".

12 de junho de 1922: Notícia que no dia 9 daquele mês, o Congresso Nacional havia proclamado Artur Bernardes como presidente do Brasil, e Urbano Santos, como vice, tornando o cargo vago em seguida, devido a morte do vice.

11 de julho de 1925: Enfatizada a sessão solene de inauguração da luz elétrica em Areia Branca, ocorrida em 4 de julho de 1925.
Na mesma edição é repercutida a situação em que se encontrava a União Caixeral, fundada em 27 de agosto de 1911: "... Injustificável é o desinteresse dos empregados de nosso comércio pela única das nossas associaçoes, que tem por objetivo defender os seus interesses", dizia o artigo.

30 de agosto de 1925: Sob o título "A Reforma do Ensino", é destaque a "Lei do Ensino", em vigor desde o dia 26 de julho, e que estabelecia uma nova tentativa do governo para organizar a instrução educacional no Brasil.

23 de setembro de 1926: Destaque, que desde 25 de agosto estava publicada a nova Constituição Política do Rio Grande do Norte, criando o estatuto da aposentadoria, entre outros pontos.

A Igreja de São Vicente sob outro aspecto: construção da capela foi desenvolvida por retirantes que fugiam da seca

Conhecida por ter servido como trincheira para os defensores de Mossoró durante a invasão do bando do cangaceiro Lampião em 13 de junho de 1927, a Igreja de São Vicente começou a ser erguida em 3 de outubro de 1915, quando foi lançada a primeira pedra para a edificação da "Nova Capela" do município. Seis dias depois, O Mossoroense noticia o fato marcante, relatando que um novo templo católico seria construído sob a invocação de São Vicente de Paulo.

De acordo com o historiador Geraldo Maia, apesar de a Igreja ser constantemente associada ao episódio envolvendo o ataque de 13 de junho de 1927 (sendo que foram de sua torre que partiram os tiros que mataram o cangaceiro Colchete e feriram Jararaca), outro fato marcante merece ser destacado: os serviços da construção do templo foram executados pelos retirantes que deixaram sua terra natal e se aventuraram em direção a Mossoró (que naquela época era considerada um grande centro comercial, com abrangência não só no Oeste potiguar, mas também em parte da Paraíba e do Ceará), buscando formas de sobreviver em meio à forte seca que o Nordeste brasileiro enfrentava.

"Era necessário que se oferecesse algum trabalho para que aquela gente pudesse se sustentar dignamente sem se humilhar tanto. E a construção da Igreja de São Vicente de Paulo foi um alento para muitas famílias de retirantes", conta Geraldo Maia.

Segundo o historiador, os trabalhadores recebiam como forma de pagamento pelo serviço efetuado uma pequena quantia em dinheiro, suficiente apenas para comprar seus alimentos. "Isso salvou muita gente. E o detalhe era que eles conseguiram erguer o templo, mesmo em condições sofríveis, cavando buracos, moldando tijolos, um processo que exigia muito mais esforços do que atualmente", declara.

A notícia hoje

A Igreja de São Vicente de Paulo preserva até hoje as marcas das balas trocadas entre o bando de Lampião e os defensores de Mossoró. Conhecida como a Igreja de Lampião, ou a "Igreja da Bunda Redonda", por assim ter sido chamada pelo chefe dos bandidos, o templo é palco do espetáculo "Chuva de Bala no País de Mossoró", encenado no adro da Capela há dez anos, e que retrata a invasão do bando do temido cangaceiro em 1927.

A Igreja também permanece até hoje com o mesmo estilo idealizado pelo arquiteto Francisco Paulino, pois quase nada mudou em sua arquitetura original.

Bloco carnavalesco "Clube dos Baraúnas" é fundado em 1924, dando origem décadas depois ao time de futebol

Uma das mais antigas e tradicionais agremiação carnavalesca de Mossoró foi fundada em 14 de janeiro de 1924: O "Clube dos Baraúnas", associação cultural que deu origem, décadas depois, ao time de futebol Baraúnas.

A fundação do Clube foi noticiada pelo jornal O Mossoroense em 9 de fevereiro. O bloco surgiu com o intuito de representar o povão da cidade, sobretudo os moradores do bairro Doze Anos, zona sul da cidade.

Na década de 1960, os diretores do bloco carnavalesco resolveram estender a sua atuação, criando o time de futebol, tendo o Baraúnas ganhado o primeiro campeonato que disputou: o Torneio Início do Campeonato Mossoroense.

Nos anos seguintes, o clube ainda conquistou outros dois títulos do Campeonato Mossoroense e duas Taças Cidade de Mossoró. Hoje o Baraúnas é o clube do interior do Rio Grande do Norte com o maior número de títulos que tem a chancela da Federação Norte-riograndense de Futebol (FNF), são oito no total.

O tricolor, como é conhecido entre seus torcedores, conquistou dois títulos do Torneio Início, dois turnos do Campeonato Estadual, um Torneio Seletivo, duas Copas RN e ainda venceu o Campeonato Norte-riograndense duas vezes no ano de 2006.

O feito que trouxe mais reconhecimento nacional para o Baraúnas foi a campanha na Copa do Brasil no ano de 2005. O clube é o único do Estado que conseguiu chegar às quartas-de-final da competição nacional, eliminando, naquele ano, os clubes América Mineiro, Vitória e Vasco da Gama.

Revolta Paulista de 1924: Levante militar é notícia no jornal O Mossoroense

Considerado por historiadores o maior conflito bélico ocorrido na cidade de São Paulo, a "Revolta Paulista de 1924" foi notícia no jornal O Mossoroense, em sua edição de 31 de julho daquele ano. Em sua primeira página, o periódico destacou o assunto, com artigo que iniciava da seguinte forma: "O grande levante militar de São Paulo foi, antes de mais nada, uma dolorosa surpresa para o país", dando sequência a um artigo completo sobre o assunto.

Caracterizada como a segunda revolta tenentista (movimento político-militar e série de rebeliões de jovens oficiais de baixa e média patente do Exército Brasileiro no início da década de 1920, descontentes com a situação política do país), a revolta foi deflagrada na capital paulista em 5 de julho de 1924, ocupando a cidade por 23 dias, forçando o presidente do Estado, Carlos de Campos, a fugir para o interior de São Paulo, depois de ter sido bombardeado o Palácio dos Campos Elíseos, sede do governo paulista na época.

No interior do estado de São Paulo aconteceram rebeliões em várias cidades, com tomada de prefeituras. Os revoltosos foram finalmente derrotados nos primeiros dias de agosto de 1924, retornando o Presidente Carlos de Campos à capital paulista.

Os tenentes e demais militares que participaram desta revolta e das demais revoltas da década de 1920 receberam anistia dada por Getúlio Vargas logo após a vitória da Revolução de 1930. No bairro de Perdizes, a revolução de 1924 ainda é comemorada anualmente.

1927: Mossoró registra a primeira eleitora da América Latina

O pioneirismo de Mossoró sempre foi enaltecido por sua população, possuindo a cidade inúmeros elementos que corroboram com esse pensamento, entre eles, o fato de ter ocorrido em Mossoró a primeira inclusão de uma mulher no quadro de eleitores não só do município, mas da América Latina.

O Mossoroense, sempre atento aos principais acontecimentos da cidade, noticia, em sua edição de 30 de outubro de 1927, que a senhora Celina Guimarães Viana havia solicitado o seu registro como eleitora do município.

"Opera-se no atual momento um movimento de justa simpatia em nosso pequenino Estado ... no tópico atinente à mulher riograndense o direito de votar e de ser votada nas pugnas eleitorais para qualquer cargo público. E para esta finalidade, Mossoró como ser a líder do seu estado, não quis ficar indiferente ao gesto de Natal, que em dias anteriores alistou a sua primeira eleitora, a professora Júlia Barbosa, e também vem de alistar em data de anteontem a primeira eleitora do município, Celina Guimarães Viana...", destaca o jornal.

Apesar de não ter sido a primeira mulher a requerer a sua inclusão no alistamento militar, Celina Guimarães é considerada a primeira eleitora porque a professora Júlia Alves Barbosa teve o seu deferimento retardado pelo juiz Manuel Xavier da Cunha Montenegro, da 1ª Vara da capital. Dada a condição de solteira da requerente, somente despachado e publicado pelo Diário Oficial do Estado em data de 1º de dezembro. Dessa forma, coube a Celina o pioneirismo.

Em 4 de dezembro de 1927, o jornal publicou reportagem intitulada "A Primeira Eleitora Brasileira", enfatizando a informação de que no dia 25 de novembro, o nome de Celina Guimarães havia sido confirmado na lista de eleitores do Rio Grande do Norte, fazendo com que, em virtude da Lei nº 660 de 25 de outubro, teve o Brasil a sua primeira eleitora.

"Na audiência eleitoral daquele dia, em que acorrera ao chamamento para o exercício dos direitos políticos, a primeira mulher sul americana (porquanto dos 36 países do mundo que sufragam o voto primeiro só o Brasil agora iniciou) recebeu o Dr. Israel Ferreira Nunes, Juiz de Direito interino da Comarca, com a mais viva satisfação, e ali mesmo, após a verificação dos documentos comprobatórios com que requerera a sua qualificação de eleitora, exarou o seu jurídico despacho, mandando incluir o seu nome na lista geral dos eleitores...", apontou O Mossoroense.

Sancionada pelo governador José Augusto Bezerra de Medeiros, regulamentando o Serviço Eleitoral no Estado do Rio Grande do Norte, a Lei de nº 660 estabelecia não mais haver "distinção de sexo" para o exercício do sufrágio eleitoral e condições de elegibilidade. O projeto que alterava a lei ordinária foi de autoria do deputado mossoroense Adauto Câmara, que o apresentou na Assembléia Legislativa com aprovação unânime.

Meses após o feito histórico, em 2 de setembro de 1928, O Mossoroense publica entrevista com a professora Celina Guimarães. Perguntada sobre sua ideia de feminismo, ela respondeu: "Na sociedade atual é cada vez mais complexo o papel da mulher. Quando todos os habitantes dos centros civilizados se agitam pelo trabalho e pela alegria, sentem as sugestoes dos movimentos de progresso e de estímulos, e vivem uma vida de atividades que os impele as conquistas e as vitórias, já aí não se pode mais considerar que no mundo haja lugares para os inúteis."

Cronologia dos fatos

06 de março de 1927: É publicado o estatuto do Centro Espírita Redenção de Mossoró, criado em 28 de novembro de 1926. O documento possuía seis capítulos, com informaçoes sobre o objetivo da sociedade, seus deveres e direitos, administração, receita e despesas, etc. e tinha como presidente o senhor Aurélio Valente.

01 de maio de 1927: Notícia que o hidroavião Jahú, pilotado pelo brasileiro Ribeiro de Barros, havia caído no mar próximo à Ilha de Fernando de Noronha, sendo os aviadores salvos por um paquete italiano. Na edição de 22 de maio, é destaque que o avião havia conseguido aterrissar nas águas do rio "Potengi", em Natal, no dia 14 daquele mês, sendo motivo de festa para o Estado.

31 de julho: Notícia de que o paradeiro de Lampião havia sido descoberto, em Recife. O bandido estaria escondido no serrote "Risco", do Riacho do Navio.

07 de agosto: O Mossoroense publica entrevista com o comparsa do cangaceiro Massilon Benevides no ataque à cidade de Apodi: o bandido Manoel Ferreira, conhecido "Bronzeado".

16 de outubro: Informada a morte do prefeito Rodolfo Fernandes. "Mossoró despertará no dia 11 do corrente aos dobres plangentes de finados com que os campanários da cidade anunciavam o falecimento do Coronel Rodolfo Fernandes", relatou o jornal.

30 de outubro: Veiculada informação a respeito da fundação da "Congregação Esportiva Mossoroense", entidade constituída pelos presidentes de cinco clubes da cidade - Ypiranga, Humaytá, Santa Cruz, Mossoró e Palmeiras - cujo objetivo era superintender os destinos esportivos de Mossoró. Fundado no dia 16 daquele mês.

Ainda na edição de 30 de outubro, é publicada a Lei n. 93, que determina a denominação de Praça Coronel Rodolfo Fernandes, que antes tinha o nome de Praça 06 de janeiro.

06 de novembro de 1927: Destaque para o naufrágio do transatlântico "Princesa Mafalda", em Porto Seguro, na costa na Bahia, vitimando cerca de 300 pessoas.

17 de março de 1929: Publicada notícia que que estava quase completo o plano de construçoes do Leprosário São Francisco de Assis, "estabelecimento de morpheticos", em Natal. "O atual governo chegará ao seu término deixando resolvido, entre nós o problema da lepra, que consistirá em ter recolhidos ao 'Leprosário' todos os doentes do mal de Hansen existentes no Estado", dizia o jornal.

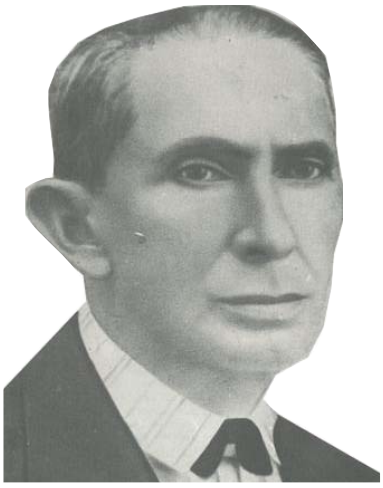
26 de outubro de 1930: O então presidente do Estado, Washington Luís estava preso, devido a Revolução, assumindo o governo do RN, o General Leite de Castro. Também na edição é enfatizado que toda matéria do jornal seria revisada pelo prefeito provisório Cônego Amâncio Ramalho Cavalcanti.

09 de novembro de 1930: Na seção Telegramas, é notícia que o presidente Getúlio Vargas havia assinado, no dia 8, um decreto dissolvendo o Supremo Tribunal Federal.

30 de novembro de 1930: Morte do farmacêutico Jerônimo Rosado. O jornal destaca em sua capa a morte do ex-presidente da intendência municipal, ocorrida no dia 25 daquele mês. "Raras vezes o nosso povo sentiu-se tão profundamente abalado no seu coração e na sua alma, como desta vez, quando se propalou pela "urbs" inteira a infaustosa e lascinante notícia do falecimento do farmacêutico Jerônimo Rosado".

Hunos da nova espécie:

A cobertura do jornal O Mossoroense durante a invasão do bando de Lampião à cidade de Mossoró



"A nossa pena de jornalista treme, ao fazermos divulgar na presente notícia, os dias de horror, infortúnio e apreensoes de que foi teatro Mossoró, por ocasião da incursão do famigerado grupo sinistro capitaneado pelo mais audaz e miserável de todos os bandidos que tem infestado o Nordeste brasileiro e o pacato território do Rio Grande do Norte - Virgulino Lampião, esta majestade do crime e do terror, alma diabólica de pervertido tarado cujo rastilho de misérias vem desassombradamente espalhando em todos os recantos onde passa com o seu cortejo macabro e facinoroso. Assim, logo às primeiras horas de domingo último, 12 de junho, correu célere por toda a nossa cidade, a notícia alarmante de que o grupo famanaz desses hunos da nova espécie tentara atacar e saquear a vizinha cidade do Apodi, tendo sido obrigado a recuar em vista da resistência heróica que encontraram por parte dos habitantes da pequena cidade, e que desesperado por este fracasso, rumara o mesmo para a povoação de São Sebastião, deste município, e dali viria a Mossoró com o intento de locupletar as algibeiras do sinistro chefe - Lampião, em seguida incendiado a cidade, prosseguindo, então, vitorioso, a trajetória infame do seu traçado hediondo de toda a sorte de crimes". Foram essas as primeiras palavras publicadas pelo jornal O Mossoroense após a invasão do bando do cangaceiro Lampião a Mossoró, em 13 de junho de 1927.

A edição de 19 de junho, documento histórico que comprova o fato até hoje questionado por parte da população, relata com riqueza de detalhes todas as etapas do ataque, caracterizado como a única derrota do bando, repercutido nacionalmente naquele período, e lembrado até hoje como um dos principais feitos do povo mossoroense.

O início

As primeiras notícias relacionadas ao ataque de cangaceiros à região datam de 15 de maio de 1927. Nessa data, o jornal publicou que da noite do dia 10 para o dia 11 de maio, a cidade de Apodi havia sido assaltada, por um grupo de aproximadamente 17 cangaceiros. Na edição seguinte, em 22 de maio, na seção "Telegramas", é destaque que o bandido Lampião estava internado com o seu grupo no estado do Ceará.

O ataque

Em um dos trechos da edição de 19 de junho, o jornal notícia como o combate ocorreu. Leia a seguir a transcrição da notícia: "O famigerado bando não nos encontrou desprevenidos ... Sabendo dos nossos hábitos pacíficos, desse vagarosamente e ao meio dia de 13 começa a ser avistado. A uma légua desta cidade, manda uma intimativa ao Cel. Rodolfo Fernandes, para que lhe envie 400 contos de réis, sob pena de nos invadir. A tal ultimatum, respondido negativamente, segue-se outro que não teve melhor sorte, e o celerado e seus adeptos entram em contato conosco, pouco antes das 16h. Divididos, aparecem em diversos pontos. O sino da Matriz repica, alertando o posto da torre que se prepara para a luta. Ao troar dos fuzis, casa-se ribombo do trovão, pois que pouco antes começara a chover. Se o céu nos mandava lágrimas, também saudava, abafando o som dos disparos. Era comovente o espetáculo. Investem os bandidos as primeiras trincheiras, ladeiam, cortam caminho, surgem ao lado da estação da Estrada de Ferro, onde entram no prédio da União de Artistas e se entrincheiram; aparecem à margem direita do rio, defendida pela trincheira da barragem; o Telégrafo Nacional, ao lado da Matriz, acha-se também defendido. Onde chegam, aí está o fogo ... As torres da Matriz e da capela de São Vicente, as trincheiras atacadas diretamente, as de retaguarda, mantêm nutrido tiroteio. Os bandidos recuam, voltam à carga e repelidos novamente se retiram para o seu acampamento, deixando morto o bandido Colchete e vários feridos. De nossa parte, nenhuma morte nem ferimento se verificou."

A expectativa de um novo ataque

Sob o título "Mossoró continua em armas, na expectativa de um novo ataque", a primeira página do jornal dedica seu espaço para publicar as informaçoes mais recentes referentes aos ataques do bando de Lampião a Mossoró. O texto dizia que a cidade ainda estava apreensiva quanto à possibilidade de um novo ataque "pela horda canibalesca de Virgulino Lampião, este terrível quadrilheiro do Nordeste, pelo insucesso do assalto que levou a efeito na noite de 13". No mesmo número também é destacado que o Lampião teria se refugiado, após a derrota sofrida em Mossoró, na zona do Jaguaribe, cidade de Limoeiro, no Ceará.

Ainda na edição de 26 de junho de 1927, são publicados trechos de uma entrevista concedida pelo próprio Lampião ao jornal "O Nordeste", de Fortaleza. No tópico referente à Mossoró, o cangaceiro frisou:

"Houve boa resistência em Mossoró, porém não me desagradou o resultado da luta; os inimigos estavam bem entrincheirados, mas consegui com 34 homens apenas, fazê-los recuar, abandonando as trincheiras; chegamos a tomar a cidade, mas em vista do "tenente" Sabino Gomes ter caído em uma emboscada na frente da casa do chefe político, fui obrigado a fazer a retirada; o grosso de minhas tropas atinge a 190 homens e a retaguarda da mesma ficou sob comando de Luiz Pedro". Na mesma entrevista Lampião nega que tenham morridos bandidos de seu grupo, uma vez que, segundo ele, Jararaca não pertencia ao bando.

Em 03 de julho de 1927, o jornal repercute entrevista com a senhora Maria José Lopes, ex-prisioneira da quadrilha de Lampião, que passou 16 dias como refém do bando. "O bando aprisionou-me pelas 11h do dia 10 de junho, no sítio da minha propriedade denominado Aroeira, do município de Luís Gomes. Logo os bandidos cometeram as maiores depredaçoes, maltrataram-me, bem assim pessoas de minha família, quebrando toda mobília de casa, queimando alguns utensílios e conduzindo ainda pequenos objetos", disse a senhora.

Questionada sobre onde havia ficado durante a invasão do bando a Mossoró, Maria José Lopes respondeu que os prisioneiros estavam bem perto da cidade, sob a mira de seis bandidos. "Após o ataque desta cidade, nada ouvi dos bandidos sobre resultado; e daqui partimos às 6h30 da noite. O grupo foi descansar em um roçado distante três léguas", disse.

Em 17 de julho, o jornal destaca informaçoes repassadas por meio de carta por uma pessoa vinda do Ceará, que apontava o local onde o bando estava refugiado após a derrota em Mossoró. "A perseguição a Lampião no estado do Ceará tem sido uma vergonha. É sabido que o prefeito de Missão Verde é um célebre protetor de Lampião", dizia trechos da reportagem.

Jararaca é entrevistado pelo O Mossoroense

Gravemente ferido durante o ataque de seu bando à cidade, Jararaca ficou recolhido na Cadeia Pública de Mossoró, local onde concedeu entrevista ao professor Eliseu Viana, declaraçoes essas publicadas no O Mossoroense. A edição de nº 884, datada de 19 de junho de 1927, que consta esse acontecimento foi extraviada dos arquivos do periódico, mas o texto pode ser consultado no livro "Lampião em Mossoró", escrito pelo historiador Raimundo Nonato.

Na conversa com Eliseu Viana, o cangaceiro José Leite, o "Jararaca", revelou que fazia parte do bando de Virgulino Ferreira há um ano e seis meses, e que o ataque a Mossoró teria sido aconselhado por Massilon, não sendo este o desejo de Lampião. Na entrevista, o bandido se autodenominou como um cangaceiro temível em toda zona pernambucana, contou que sempre encontrou proteção no território cearense, tendo o Padre Cícero do Juazeiro fornecido munição a Lampião.

Jararaca ainda detalhou a forma como foi alvejado durante o combate, afirmando que o primeiro balaço que o atingiu partiu de cima da Capela de São Vicente, enquanto procurava tirar a munição de colchete e conduzir a arma do mesmo. O cangaceiro confessou também que a vida de bandido era muito ruim, mas que sempre procurou evitar maustratos de seus companheiros, pois teve educação e era muito respeitado no bando.

Após ser divulgada no O Mossoroense, a entrevisa ganhou proporçoes nacionais, sendo republicada no jornal O Estado de S.Paulo, onde obteve uma vendagem recorde de cinco mil e quatrocentos exemplares.

Na edição de 26 de junho, é informado que Jararaca havia morrido nas proximidades da cidade de Assu, em consequência dos seus graves ferimentos, enquanto estava sendo transferido para a Cadeia de Natal. O cangaceiro foi enterrado em Mossoró, e até hoje seu túmulo continua sendo um dos mais visitados no Cemitério São Sebastião.

A Revolução de 1930 em Mossoró: a cidade sob "Novos Rumos"

A Revolução de 1930, liderada pelos Estados de Minas Gerais, Paraíba e Rio Grande do Sul, que culminou com o golpe de Estado que depôs o presidente da República Washington Luís, impediu a posse do presidente eleito Júlio Prestes e pôs fim à República Velha, levando Getúlio Vargas a assumir o destino da nação, também surtiu efeitos em Mossoró.

Na edição de 26 de outubro de 1930, o jornal O Mossoroense publica extenso artigo relatando os "Novos Rumos" que a cidade enfrentava a partir daquele momento. Dizia o periódico: "Estamos, pois, na vigência do governo revolucionário no Estado a partir do dia 4 do corrente, quando as tropas do glorioso Exército Nacional tomarão posse do Estado do Rio Grande do Norte, entrando no dia 5, triunfalmente em Natal. Como se vê, houve brusca transição do passado regime para o atual. Em Mossoró, a cidade mater da liberdade, o despertar da revolução foi por entre a bandeira branca da paz, sem nenhuma efusão de sangue". Na mesma edição, é destaque, na capa do jornal, que toda matéria publicada pelo informativo seria revisada pelo prefeito provisório Cônego Amâncio Ramalho Cavalcanti.

Uma das principais movimentaçoes ocorridas em Mossoró após a Revolução ser deflagrada, registra-se em 5 de outubro, quando os adeptos da Aliança Liberal, formado pelo Partido Republicado Mineiro (PRM), chegaram a Natal, e na sequência, vieram até a cidade, onde invadiram a Coletoria de Renda de Mossoró, de onde retiraram e quebraram o retrato do governador Juvenal Lamartine. Durante essa mobilização, até mesmo a sede do jornal O Mossoroense foi alvo dos revolucionários, que ameaçaram destruir o periódico, na época dirigido pelo deputado federal Rafael Fernandes.

Os revolucionários ficaram alojados nas dependências do então Colégio Santa Luzia. Durante o tempo em que permaneceram em Mossoró, o comércio da cidade manteve suas portas fechadas, inclusive a agência do Banco do Brasil, pois havia o receio de saque e depredação. O povo de Mossoró só voltou à tranquilidade com chegada da tropa federal, que assumiu o controle militar de toda cidade.

No dia 12 de outubro de 1930, assumiu o governo do Estado o interventor Irineu Jófile, que nomeou o Cônego Amâncio Ramalho para o cargo de Prefeito de Mossoró, em substituição a José Octávio, que havia assumido a gestão administrativa do município no dia 6, tendo sido o prefeito que menos tempo permaneceu no exercício do cargo.

União Caixeiral: prédio próprio é inaugurado em novembro de 1934

Fundada em 27 de agosto de 1911, a Sociedade "União Caixeiral", entidade cujo objetivo era assistir social e educacionalmente à classe de empregados do comércio de Mossoró, ganhou sua sede própria 1934.

Em 4 de novembro, O Mossoroense notícia que no dia 30 de outubro, a nova sede era inaugurada, instalada na praça da Redenção. As obras haviam sido iniciadas em 1931.

A Sociedade era formada por comerciantes, intelectuais da cidade e caixeiros viajantes que transportavam mercadorias para Mossoró. A construção da sede própria da entidade foi articulada pelo comerciante Alcides Dias Fernandes.

Antes da edificação do prédio que sediara a "União Caixeiral", as reunioes dos sócios eram realizadas nas dependências do Colégio Diocesano, na época localizado na praça Vigário Antônio Joaquim, onde atualmente se localiza o Banco do Brasil.

Na estrutura criada por Alcides foi montada a Escola Técnica de Comércio União Caixeral, primeira instituição de ensino superior profissionalizante de Mossoró, que serviu de berço para a criação da Faculdade de Ciências Econômicas (Facem), instituída através da Resolução nº 01/43, de 18 de agosto de 1943.

Na Escola Técnica, eram ministradas aulas de disciplinas como economia de mercado, análise de balanço, contabilidade de custos e contabilidade financeira. A Escola Técnica permaneceu em atuação até o ano de 2000, com apenas seis alunos matriculados em seus últimos dias de funcionamento.

À luta do grupo de idealistas da União, somou-se a União Universitária Mossoroense, entidade fundada em 9 de julho de 1955, composta por universitários de Mossoró que estudavam em outras cidades. A entidade foi presidida por João Batista Cascudo Rodrigues que veio a ser o primeiro reitor da Universidade Regional do Rio Grande do Norte, atual Uern.

A notícia hoje

O imponente prédio que abrigou as atividades da Sociedade União Caixeiral hoje preserva em seu espaço obras raras, títulos datados de 1822, como "Odisseia", de Homero. As instalaçoes da entidade foram reformadas, e em 2006, o acervo da Biblioteca Municipal Ney Pontes, que em setembro celebrou os seus 64 anos de existência, foi transferido para a estrutura localizada na praça da Redenção.

Atualmente, a Biblioteca conta aproximadamente com 56 mil livros em sua coleção, e recebe uma média diária de 200 visitantes.

Cronologia dos fatos

15 de fevereiro de 1931: Relato a respeito da decretação da revisão do Código Civil Brasileiro e da Lei Eleitoral.

22 de fevereiro de 1931: Inauguração oficial da praça Coronel Rodolfo Fernandes. Na mesma edição é notícia que tinha sido aberta a estação de rádio do Vaticano, pelo Papa Pio XI.

15 de março de1931: Notícia que no dia 18, entraria em vigor no Estado o decreto que obrigava o registro de nascimento a todos os brasileiros nascidos a partir de 1º de janeiro de 1889 e não registrados até a data da publicação do decreto.

12 de abril de 1931: Era destaque a inauguração do Cinema Falado em Natal, o Cine "São Pedro".

19 de julho de 1931: Repercutida publicação de decreto que simplificaria a ortografia nacional, "considerando a vantagem de dar uniformidade à escrita do idioma nacional, utilizado nas repartiçoes públicas nos estabelecimentos de ensino a ortografia aprovada pela Academia Brasileira de Letras e pela Academia de Ciências de Lisboa"

16 de agosto de 1931: Duplo assassinato: Jornal destaca que no dia 12, um duplo assassinato ocorreu na cidade. "Não há notícia, na vida de Mossoró, desde os seus primórdios, ter esta cidade assistido quadro semelhante ao que esse dia se descortinou perante nós, com acentos da mais viva indignação". Foram assassinados dois irmãos, Silva e Lucas Felipe, na Avenida Tavares de Lira. O caso ocorreu em um estabelecimento comercial, onde o feitor geral da Estrada de Rodagem de Mossoró- Assu, Belarmino Araújo, atirou contra os jovens, acusando-os de roubo.

04 de outubro de 1931: O jornal destaca a passagem do primeiro aniversário da "Revolução Brasileira", relatando que Mossoró comemorava a data em um ambiente de paz, e "sob as esperanças mais vivas de um porvir bonançoso".

01 de novembro de 1931: Durante as comemoraçoes de um ano da Revolução, o chefe do governo provisório, Getúlio Vargas, assinou decreto concedendo anistia ampla para todos os crimes políticos ocorridos em território brasileiro até aquele momento.

24 de janeiro de 1932: O Mossoroense publica artigo explicando aos seus leitores as regras do novo imposto territorial, decretado pelo Governo Estadual, e ao qual estavam sujeitas todas as terras, independente do seu valor. Nessa edição também é notícia a fundação da "União de Professores de Mossoró".

A história do Cine Pax:

O Mossoroense destaca em suas páginas a trajetória do maior reduto cinematográfico da cidade

Por não estar circulando em 1943, O Mossoroense não noticiou a inauguração do Cine Pax (principal reduto cinematográfico da cidade durante décadas), ocorrida em 23 de janeiro, com a exibição do filme "Formosa Bandida".

Mesmo assim, o periódico logo após o seu retorno às bancas, abriu seu espaço para informar aos seus leitores a programação da "conceituada casa de diversoes cine-teatrais", como assim definiu a publicação, em sua edição de 18 de janeiro de 1947, quando homenageou os quatro anos de existência do espaço cultural.

O Cinema foi idealizado por uma associação constituída por pessoas que pertenciam a uma classe social mais abastarda na época, as quais dividiam açoes sobre a propriedade. Esta associação era constituída de mil açoes, divididas entre diversas pessoas.

O projeto arquitetônico do Cine Pax foi elaborado pelo francês George Lumier, que veio ao Brasil para construir a Catedral de Fortaleza. Informados a respeito da presença do arquiteto, os acionistas do PAX trataram de convidá-lo para construir o prédio do novo cinema de Mossoró.

Ao longo de sua existência, longa-metragens que obtiveram sucesso internacionalmente foram exibidos em suas salas, como por exemplo, "Os Dez Mandamentos", "Dio come ti amo" e "Titanic".

O Cine Pax chegou a fechar as portas algumas vezes, tendo sido utilizado como igreja evangélica e sede de comitê político. Em diversas ocasioes, o cinema serviu de palco para shows musicais e teatrais. Por lá, se apresentaram artistas como Vicente Celestino, Roberto Carlos e o frei cantor mexicano José Mojica.

O Cinema interrompeu definitivamente suas atividades no início de janeiro de 2008, dois meses antes de completar 65 anos de história. Na época, o cinema havia entrado em recesso para a realização de uma reforma, exigida pelo Ministério Público, mas não pôde cumprir com as modificaçoes arquitetônicas necessárias.

Após o seu fechamento, os fãs da sétima arte de Mossoró perderam o único cinema da cidade, e somente em 2010, os mossoroenses puderam desfrutar do prazer em assistir aos lançamentos nacionais e internacionais nas telas de um cinema, com a inauguração de cinco salas de cinema no Mossoró West Shopping.

A notícia hoje

Logo após ser fechado, o prédio do Cine Pax abrigou em suas instalaçoes uma loja de variedades, que também encerrou seu funcionamento, dando lugar a loja de departamento feminino e masculino, que permanece em funcionamento no local.

Constituição Estadual de 1947 institui a primeira legislatura da Câmara Municipal de Mossoró

Com a redemocratização do país, após o fim do Estado Novo, em 29 de outubro de 1945, data em que o presidente Getúlio Vargas foi deposto, o Brasil passou por significativas mudanças, entre elas, a reconstitucionalização dos poderes Executivo, Legislativo e Judiciário, e é nesse período que é instituída a primeira legislatura da Câmara Municipal de Mossoró.

Em 29 de novembro de 1947, o jornal O Mossoroense divulga que estavam fixados em 16 o número de vereadores da cidade, quantidade de edis estabelecidos a partir da Constituição Estadual, promulgada no dia 25 daquele mês. Nessa edição, é publicado um resumo do documento, que fixava também a data para as eleiçoes municipais, o salário dos servidores públicos, entre outros pontos.

"Está o Rio Grande do Norte sob o regime constitucional, com a promulgação de sua Carta Magna. Acontecimento de relevo na vida política de um povo, passa o Estado, após um longo período de mando pessoal e da vontade própria dos governantes, ao regime da lei, com a reconstitucionalização de seus poderes Executivo, Legislativo e Judiciário, independentes e harmônicos entre si, emanados do povo e exercidos em seu nome", informava o jornal.

A notícia hoje

Após duas legislaturas compostas por 13 vereadores, a Câmara Municipal de Mossoró passará a ter, a partir de janeiro de 2013, 21 representantes, eleitos no pleito do último dia 7. O direito de ampliar o número de vereadores da cidade foi concedido a partir da Emenda Constitucional número 58/2009, que permitiu aos municípios a ampliação do número de cadeiras no Poder Legislativo de acordo com o aumento populacional medido pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

A lei, entretanto, prevê que não haverá aumento no repasse do Executivo ao Legislativo para acomodar os novos parlamentares, ou seja, as Câmaras Municipais terão que manter funcionários e os novos vereadores com o mesmo orçamento que possuem atualmente.

No Rio Grande do Norte, pelos critérios estabelecidos pela Emenda, poderiam elevar o número de parlamentares, além de Mossoró, as cidades de Natal (de 21 para 29 vereadores), São Gonçalo do Amarante (de 10 para 17); Parnamirim (de 12 para 18); Assú (de 10 para 15); e, Caraúbas, Currais Novos e Monte Alegre (passará de nove para 11 vereadores cada um dos municípios).

Petróleo em Mossoró:

Vereador Vingt Rosado indica pesquisa no solo da cidade em 1948

Câmara Municipal indica estudos. A existência de petróleo em solo mossoroense começou a ser cogitada em 1945, quando o agrônomo Vingt-un Rosado se deparou com um artigo de autoria do geólogo John Casper Branner, da Universidade Stanford, Estados Unidos, intitulado "Possibilidade de Petróleo no Brasil", publicado em 1922.

Branner enfatizou, em seu artigo, que haviam cinco horizontes geológicos que produziam petróleo no mundo, chamados Devoniano, Carbonífero, Permiano, Cretáceo e Terciário, sendo esse último, localizado nas formaçoes costeiras, zona que segundo o geólogo, continha petróleo na Bahia, e também em Mossoró.

A partir das leituras iniciais em esparsos artigos, Vingt-un tornou-se ferrenho defensor da ocorrência de petróleo no Estado do Rio Grande do Norte e de seus benefícios econômicos e financeiros.

Em 27 de junho de 1948, o jornal O Mossoroense repercute a possibilidade de ser encontrado na cidade o precioso combustível, e publica indicação do então vereador Vingt Rosado a respeito da pesquisa da existência de Petróleo na cidade:

"... Desde Branner que se fala da possibilidade, embora um pouco vaga, da existência de Petróleo em Mossoró ... Poderíamos possuir petróleo nas duas idades geológicas de que se compoem os terrenos de Mossoró: no cretáceo, em que se localiza a Formação da Chapada do Apodi e no Terceário, em que está a planície ao norte da cidade... O Conselho Nacional de Petróleo informou à Assembleia do Estado que fora votada uma verba para a perfuração de poços na Chapada do Apodi. A minha indicação é no sentido é que esta Câmara telegrafe ao Conselho Nacional de Petróleo dizendo da sua satisfação por esta medida e ao Dr. Paulo Fernandes pedindo o seu interesse, na capital da República, junto aquele Conselho, para que se concretizasse ainda este ano, o serviço cuja iniciativa brilhante lhe coube, e que tantos benefícios poderiam trazer ao município de Mossoró", dizia a indicação.

A partir de 1949 foram realizados diversos estudos geológicos no litoral do Rio Grande do Norte, mas os resultados não foram satisfatórios. Mesmo assim, os estudos prosseguiram, e o agrônomo Vingt-un Rosado continuou defendendo a existência de petróleo em Mossoró.

Em 1966, o prefeito de Mossoró contratou uma firma para abrir um poço d'água, supervisionado pelo geólogo Lúcio Cavalcante, na praça Padre João Mota. O poço jorrou petróleo misturado com água e serviu de combustível para as lamparinas da população pobre "durante meses". Mesmo assim, os poços experimentais perfurados pela Petrobras indicaram que a quantidade não era suficiente para a extração em nível comercial, e abandonou a proposta.

A primeira acumulação economicamente viável em um poço perfurado para captação de água que deveria atender ao Hotel Thermas, o poço MO-13, que originou o campo de Mossoró, em 1979. Ao lado desse equipamento, foi perfurado pela Petrobras um semelhante, que ainda é produtor. Nos anos seguintes, novos campos foram sendo descobertos, e hoje, o petróleo representa uma das forças matrizes da economia mossoroense, sendo a cidade a principal produtora em terra do Brasil.

Cronologia dos fatos

10 de maio de 1947: STE decide cancelar as atividades políticas do Partido Comunista do Brasil.

19 de julho de 1947: Disco voadores teriam caído em Currais Novos. O jornal noticia que segundo notícias vindas de Natal, dois discos voadores teriam caído em Currais Novos. Na edição seguinte, a procedência dos discos que assustavam o mundo é descoberta: "Trata-se de um invento de um cidadão britânico, que residia no Chile, e guiava os discos por rádio".

10 de janeiro de 1948: Seria inaugurado no dia seguinte o mercado público de Mossoró, pondo fim à venda de mercadorias em pedras.

31 de janeiro de 1948: Gandhi assassinado! Com esse título, o jornal destaca, que de acordo com informaçoes vindas de Nova Deli, foi morto a tiros por um fanático muçulmano, o chefe Indu Mahatma Gandhi, "símbolo da resistência contra sorte de opressão e o maior pacifista da humanidade".

30 de março de 1948: Jerônimo Dix-sept Rosado Maia é eleito prefeito de Mossoró, nas eleiçoes realizadas no dia 21 de março, com 4.427 votos, seguido pelo candidato Sebastião Fernandes Gurgel Filho, que obteve 2.992 votos. No mesmo pleito, Jerônimo Vingt Rosado Maia é eleito vereador de Mossoró, sendo o mais bem votado.

19 de setembro de 1948: Experiências de televisão no Brasil estavam ocorrendo, sendo que a Rádio Nacional havia feito uma demonstração pública, instalando estúdios na avenida Rio Branco, no Rio de Janeiro.

31 de outubro de 1948: Destaque o assassinato, no dia 29, do deputado Virgílio de Melo Franco, presidente da União Democrática Nacional, seção de Minas Gerais. O crime foi praticado por seu ex-empregado, Pedro Ferreira, a tiros.

16 de janeiro de 1949: Liberada a venda de automóveis para o todo o Brasil.

06 de fevereiro de 1949: O bairro Alto da Conceição seria contemplado com um Mercado Público, cujos trabalhos já haviam sido iniciados.

31 de março de 1949: Destaque as açoes do então prefeito Dix-sept Rosado na área da cultura. Entre eles, a criação de uma biblioteca Infantil, do Museu Municipal, e da Coleção Mossoroense, com uma pequena tiragem.

27 de novembro de 1949: Entraria no ar, em breve, em fase experimental, a Rádio Difusora de Mossoró, na frequência de 1.170 kilociclos. A rádio foi inaugurada em 7 de setembro de 1950.

O Rio Grande do Norte de luto: Morre o governador Dix-sept Rosado

A edição do jornal O Mossoroense de 14 de julho de 1951 retrata um dos episódios mais tristes da história política do Rio Grande do Norte: a trágica morte do governador Dix-sept Rosado, que havia assumido a chefia do Poder Executivo estadual há poucos meses, em 31 de janeiro. A notícia foi repercutida da seguinte forma:

"Ainda duramente golpeado pelo triste desenlace que para o Estado representou a tragédia de Tacima, quando há pouco mais de dois meses perdeu a vida o Dr. Mário Negócio, Secretário-Geral, sofre esta infeliz e malsinada terra, para quem a fatalidade reservou o mais duro desígnio, um outro tremendo acontecimento lutuoso que enternece, pranteia e avassala todos os corações. Desapareceu tragicamente num desastre de avião, a mais sólida expressão de sua vida pública - o Governador Jerônimo Dix-sept Rosado".

O acidente ocorreu no dia 12 julho, quando um avião, modelo DC3, da companhia Linhas Aéreas Paulistas, caiu na altura de Aracaju, vitimando 32 pessoas, entre eles, três auxiliares da administração de Dix-sept Rosado. A aeronave havia partido de Natal com destino à capital do país, Rio de Janeiro, onde o governador firmaria um convênio com o Banco do Brasil para a execução de obras de melhoria do saneamento de Natal.

Após fazer breves escalas em Recife e Maceió, o avião se preparava para a próxima escala em Aracaju. Chovia forte na capital sergipana, o que dificultava a aterrissagem. Por conta das condiçoes meteorológicas desfavoráveis, a tripulação optou por efetuar um pouso guiado por instrumentos e Radiofarol (NDB). Às 9h, durante a tentativa de pouso, uma das asas da aeronave se chocou com uma árvore localizada às margens do Rio do Sal, cerca de três quilômetros da cabeceira da pista. Com o choque, a aeronave cairia ao solo, despedaçando-se em seguida. Por conta da chuva forte e da área da queda ser de difícil acesso, as equipes de resgate alcançariam a região dos destroços apenas 11 horas depois da queda.

"A dura fatalidade que dilacera o coração do Rio Grande do Norte, privando o Estado da assistência decidida que o pranteado chefe de seu Executivo vinha pautando, particularmente nos fere acerbamente, a nós mossoroenses, que desde os primeiros instantes de vida nos habituamos a ver em um Rosado um intransigente esteio de nosso progresso, tamanha a dedicação que sua ilustre família conterrânea sabe devotar, quando a seus ombros pesa o encargo de uma responsabilidade", enfatizava o jornal.

A tragédia culminou no fechamento da empresa Linhas Aéreas Paulistas, que durante sete anos de operação, perdeu cinco de suas aeronaves em decorrência de acidentes, impossibilitando dessa forma que os serviços da empresa continuassem a ser oferecidos, já que a companhia passou a contar com apenas dois aviões.

Com a morte de Dix-sept Rosado, assume o governo do Rio Grande do Norte seu vice, Silvio Pedrosa, notícia essa publicada pelo O Mossoroense em 22 de julho de 1951. Nessa mesma edição, é destaque ainda que Câmara Municipal de Mossoró havia convocado reunião extraordinária, na qual prestaria homenagem ao governador falecido, dando o seu nome à vila de Sebastionópolis, que passaria a se chamar Governador de Dix-sept Rosado.

Quatro meses após o desastre aéreo de Aracaju, a ideia da construção de um monumento dedicado a Dix-sept Rosado estava se propagando pelo Estado, tendo Mossoró, inclusive, donativos para tal feito. A intenção era inaugurar a estatua já em março de 1952, durante as comemoraçoes do centenário de emancipação política da cidade. Mossoró. O obelisco, no entanto, só foi inaugurado em 30 de setembro de 1953, em cerimônia realizada na Praça Vigário Antônio Joaquim.

Cronologia dos fatos

05 de março de 1950: Informado que Getúlio Vargas seria candidato à Presidência da República.

16 de abril de 1950: Descoberto o túmulo de São Pedro. Notícia anunciada pelo Papa Pio XII.

30 de abril de 1950: Mossoró registra 125 milímetros de chuva, em apenas 30 minutos, no dia 28, precipitaçoes que inundaram várias ruas da cidade.

04 de junho de 1950: Nessa edição, é publicado artigo onde era retratado a preocupação referente ao números de leitos de hotéis disponíveis para abrigar os turistas que estariam no Brasil durante a Copa do Mundo de 1950. Também no artigo, é enfatizado a construção do Maracanã, "estádio monumental e que pode obrigar com todas as comodidades possíveis e imagináriais, algumas dezenas de milhares de expectadores. É mesmo o maior do mundo, deixando para trás, em beleza arquitetônica, conforto e técnica de construção, os similares de outros países. Honra, realmente, a capacidade realizadora do povo brasileiro"

25 de junho: Anunciado que Dix-sept Rosado foi o nome escolhido para pelos partidos PSD, PSP e PR para concorrer ao cargo de governador do RN.

23 de julho de 1950: É notícia a derrota do Brasil para o Uruguai na final da Copa do Mundo. "Perante cerca de 200 mil pessoas, no estádio do Maracanã, no Rio de Janeiro, disputaram a finalíssima da Copa do Mundo, as representaçoes do Brasil e do Uruguai, saindo vencedora a equipe azul celeste, que numa tarde gloriosa para sua pátria, derrotou o selecionado brasileiro por 2 tentos a 1".

30 de julho de 1950: O potiguar Café Filho é escolhido, pelo PSP, para ser companheiro de chapa de Getúlio Vargas, sendo candidato a vice-presidência da República.

27 de agosto de 1950: Repercussão da visita do candidato Getúlio Vargas a Mossoró. "Mossoró viveu na manhã de sexta-feira um dos seus mais entusiasmados momentos de vibração. Seriam cinco ou sete mil pessoas que aguardavam a chegada do senador Getúlio Vargas", dizia o jornal.

08 de outubro de 1950: Mostrado resultado parcial das eleiçoes presidenciais, onde o candidato Getúlio Vargas estava vencendo com 945.919 votos, contra 440.698 votos do Brigadeiro Eduardo Campos. O resultado também apontava o favoritismo de Dix-sept Rosado na disputa pelo governo do Estado.

15 de outubro de 1950: "Dix-sept Rosado está eleito governador". Com a apuração quase finalizada, o candidato da Aliança Democrática já era considerado eleito, obtendo mais da metade dos votos em todo o Estado. Na edição de 29 de outubro, é mostrado o resultado final, tendo Dix-sept ganho com maioria de 33.382 votos.

Constituição de 1934: etapas do processo de elaboração da nova Carta Magna do país são repercutidas pelo jornal

Após a Revolução Constitucionalista de 1932, o governo provisório de Getúlio Vargas se viu obrigado a adotar medidas que dessem normalidade ao regime republicano. Dessa maneira, o governo criou uma nova Lei Eleitoral e convocou eleições que foram realizadas no ano posterior. A partir de então, uma nova assembleia constituinte tomou posse em novembro de 1933 com o objetivo de atender os anseios políticos defendidos desde a queda do regime oligárquico. Todo esse processo foi noticiado pelo jornal O Mossoroense.

A convocação da Assembleia Constituinte foi anunciada pelo periódico em sua edição de 22 de outubro de 1933. No ano seguinte, em 27 de maio de 1934, o jornal repercute um dos principais pontos da Carta Magna do país que estava em fase de elaboração: a aprovação de emenda, concedendo capacidade eleitoral aos maiores de 18 anos, de ambos os sexos, sendo que após ser instituída, a Constituição permitiu o voto para maiores de 21 anos, autorizando a adoção do voto secreto e direto. Somente os analfabetos, soldados, padres e mendigos não poderiam ter direito ao voto.

Em 22 de julho de 1934, foi noticiada uma nova Constituição, "...Lei Magna que vai nortear doravante a atividade do país e que será o pedestal da reação popular contra os desmandos dos governos, contra a desordem moral, a desordem política e toda espécie de desordem que porventura perturbe a livre manifestação e o livre evoluir da consciência pública, na marcha evolutiva da vida nacional", dizia O Mossoroense.

A Constituição entrou em vigor em 16 de julho, possuindo 187 artigos. Em termos gerais, a nova carta ainda preservava alguns pontos anteriormente lançados pela Constituição de 1891. Entre muitos itens foram respeitados o princípio federalista que mantinha a nação como uma República Federativa; o uso de eleições diretas para escolha dos membros dos poderes Executivo e Legislativo; e a separação dos poderes em Executivo, Legislativo e Judiciário.

Na questão trabalhista, a Carta Magna proibia qualquer tipo de distinção salarial baseada em critérios de sexo, idade, nacionalidade ou estado civil. Ao mesmo tempo, ofereceu novas conquistas à classe trabalhadora com a criação do salário mínimo e a redução da carga horária de trabalho para oito horas diárias.

Além disso, instituiu o repouso semanal e as férias remuneradas, a indenização do trabalhador demitido sem justa causa e proibiu o uso da mão-de-obra de jovens menores de 14 anos.

As primeiras eleições constitucionais após a Revolução de 1930 foram realizadas em 14 de outubro de 1934, data em que O Mossoroense assim noticiou o feito: "O dia de hoje a de assinalar a arrancada cívica na qual o povo brasileiro dirá, exercendo o direito do voto, das suas preferências por aqueles que venham a merecer a sua confiança... A revolução, deflagrada e vitoriosa há quantos anos, enfeitava a sua bandeira com um idealismo promissor de melhores dias para o Brasil. Idealismo oco e falaz! A sua pregação resultou no mandonismo feroz de uns demagogos de ocasião".

Cronologia dos fatos

07 de fevereiro de 1954: Rainha Elizabeth II sofre ameaça de morte, por meio de carta.

25 de fevereiro de 1954: Cerca de 200 mil trabalhadores ameaçavam paralisar suas atividades, no dia 25 de março, caso não fosse decretado o novo valor do salário mínimo.

28 de março de 1954: "Quanto ganham os craques da seleção brasileira?" Reportagem especial revela uma das principais curiosidades do torcedor brasileiro: o salário dos craques da seleção de futebol. Hoje, os valores pagos a esses profissionais continuam sendo alvo de discussoes.

11 de abril de 1954: Ex-ministro do trabalho, Jânio Quadros, é indicado para concorrer à Presidência da República, tendo sido informado da indicação no dia 10 de abril.

18 de abril de 1954: O movimento estudantil brasileiro estava preparando uma campanha nacional de combate à corrupção. Na mesma edição é destaque que o Centro Mundial contra a Gripe estava testando uma vacina eficaz contra o vírus.

21 de maio de 1954: Presidente Vargas decreta novos valores para salário mínimo, instituindo os seguintes pisos: Rio de Janeiro - 2,4 mil cruzeiros, São Paulo - 2,3 mil, Rio Grande do Sul, Paraná e Santa Catarina - 1,8 mil, e demais estados 1,3 mil..

24 de junho de 1954: No dia 23, é repercutida a inconstitucionalidade do decreto 35.450, que alterava o salário mínimo, por não ter obedecido os pressupostos legais.

08 de julho de 1954: Seleção Alemã é campeã da V Copa do Mundo. O time consagra-se como vencedora da competição, jogando contra a Hungria, em partida que terminou com o placar de 3x2.

24 de dezembro de 1954: Destaque que candidato a Presidência do Brasil, então governador mineiro Juscelino Kubistchek visitaria Mossoró, possivelmente no dia 17 de janeiro.

23 de janeiro de 1955: Pela primeira vez é realizada uma cirurgia de bócio tóxico em Mossoró, na maternidade Almeida Castro. A paciente Margarida Almeida, residente em Lucrécia, foi operada pelo médico César Alencar.

13 de fevereiro de 1955: Notícia que havia sido assinado contrato entre a prefeitura de Mossoró e a construtora Cia. Stander de investimentos, para a edificação de um Hotel em Mossoró.

12 de junho de 1955: Homologada a escolha de Jânio Quadros como representante do PSD como companheiro de chapa de Juscelino a presidência.

24 de julho de 1955: Destaque a visita dos candidatos Juscelino e Jânio a Mossoró e Areia Branca

07 de agosto de 1955: Após a visita de Juscelino e Jânio, vem a Mossoró o candidato do PSP à Presidência, Ademar de Barros, naquele dia 7.

14 de agosto de 1955: Notícia a morte de Carmem Miranda. "A cidade recebeu num pleito da mais sentida emoção, o corpo de Carmem Miranda, a "pequena notável", vitimada por um colapso nos EUA". Rio.

21 de agosto de 1955: Destaque que no dia 24 seria feriado no Estado, devido ao aniversário da morte de um ano do presidente Vargas.

28 de agosto de 1955: Mossoró possuía 14.328 eleitores, e 57 seçoes eleitorais.

09 de outubro de 1955: Resultado do pleito de 1955: Dinarte Mariz é eleito governador do RN, vencendo em 38 municípios. Juscelino e Jango estavam liderando as eleiçoes presidenciais, com diferença de 242.941 votos, para o cargo de presidente.

03 de julho de 1956: Tragédia nos EUA: Dois avioes chocam-se no ar, matando 127 pessoas.

11 de julho de1956: Publicado que seria endereçado ao Secretário de Conselho de Abastecimento, memoriais referentes à construção do açude de Apodi, e o açude de Santa Cruz.

Rússia prepara o maior funeral de todos os tempos: morre o ditador Josef Stalin

Em 8 de março de 1953, O Mossoroense informa que a Rússia estava planejando "o maior funeral de todos os tempos" para sepultar, na Praça Vermelha, os restos mortais de Josef Stalin, líder da União Soviética desde a década de 1920.

Stalin faleceu aos 73 anos, em sua casa, no Palácio de Hudicator. Sob sua liderança, a União Soviética desempenhou um papel decisivo na derrota da Alemanha nazista na Segunda Guerra Mundial.

O governo de Stalin começou rigoroso, o líder do partido assumiu uma conduta de ditador e passou a caçar e matar todos que pudessem causar alguma ameaça ao sistema. O líder expulsou do partido e do exército soviético todos os inimigos consolidados ou em potencial.

Milhoes de pessoas foram presas sob seu governo ditatorial. Mas Stalin fez a União Soviética crescer significativamente, assumindo o caráter de superpotência no mundo e criando um império proporcional ao Antigo Império Russo. A partir de 1928, impôs uma industrialização intensiva e a coletivização da agricultura, o que gerou uma reorganização social.

O nome Josef Stalin passou a ser utilizado quando esteve deportado por causa de uma prisão na Sibéria. Stalin significa, em russo, homem de aço. Após as prisoes e deportaçoes, Stalin se aproximou de Lênin e seu grupo que planejavam a Revolução Russa. Entrou então para o Partido Social Democrata Russo e tornou-se o braço direito de Lênin. O Partido Bolchevique, que reunia os defensores de reformas na Rússia pela via revolucionária, assumiu o controle da Revolução Russa de 1917 e o poder no país. O partido converteu-se em Partido Comunista, no qual Stalin se tornou secretário-geral do Politburo, o órgão máximo dentro do partido.

Stalin faleceu em 5 de março, em decorrência de uma hemorragia cerebral. Seu corpo passou a ser exposto no mesmo salão em que se encontra o corpo de Lênin, na Praça Vermelha, em Moscou. Porém, no XX Congresso do Partido Comunista, realizado em 1956, foram apresentados dados que revelavam a ordenação da morte pelo ditador de aproximadamente quatro milhoes de pessoas, sendoque pesquisadores acreditam que esse número possa chegar a 20 milhoes de indivíduos. Após a denúncia, o corpo do "Pai dos Povos", como era chamado Stalin, foi enterrado próximo aos muros do Kremlim, onde permanece até hoje.

Cronologia dos fatos

19 de novembro de 1950: Eleito vice-presidente, Café Filho vive um dilema: permanecer com o seu mandato de deputado, ou assumir a função a qual o povo lhe escolheu. Dizia: "A perspectiva de ter que deixar aminha cadeira de deputado não fascina e até já me provoca uma espécie de saudade antecipada. Não tomarei nenhuma deliberação. O juiz, afinal, será o meu partido - PSP - a cujos interesses condiciono minha atitude, estando disposto, inclusive, a sacrificar o meu ponto de vista pessoal, no caso".

21 de janeiro de 1951: Tribunal Superior Eleitoral proclama, no dia 17, Getúlio Vargas e Café Filho, como presidente e vice-presidente do Brasil, respectivamente.

28 de janeiro de 1951: Notícia o impeachment do Governador do RN, José Varela. Ato decidido pelo Assembleia Legislativa, que apreciou os "desmandos administrativos do Governador em seus últimos instantes de mandato".

04 de fevereiro de 1951: Dix-sept Rosado é empossado governador, no dia 31 de janeiro. Em seu discurso de agradecimento, o chefe do Poder Executivo frisou: "Ao investir-me das elevadas funçoes de Governador Constitucional do Rio Grande do Norte, a que fui conduzido pela vontade soberana e democrática dos meus conterrâneos, expressa em pleito memorável nos anais danossa história política, desejo agradecendo ainda uma vez a generosa confiança com que fui honrado, reassegurar os propósitos de corresponder aos anseios e aspiraçoes populares".

18 de março de 1951: Foto do deputado Dix-huit Rosado, em encontro com o presidente Getúlio Vargas.

01 de abril de 1951: Notícia a morte do então secretário-geral do Governo do Estado, Mário Negócio. O trágico acidente ocorreu na estrada entre Natal e Recife, próximo a cidade de São José Campestre. No desastre de carro, morreu também o proprietário do veículo Osmar Medeiros.

03 de junho de 1951: "Chuvas artificiais do Estado". Nessa edição, é destaque que, atendendo ao convite do vice-presidente Café Filho, e do governador Dix-sept Rosado, o engenheiro Janot Pacheco viria ao RN, com o objetivo de elaborar experiências meteorológicas no Estado, como já havia feito no Ceará.

10 de junho de 1951: Destaque desastre ocorrido na Central do Brasil, cuja composição elétrica se chocou com um carro tanque que conduzia 18 mil litros de gasolina, matando 51 pessoas carbonizadas, deixando 47 passageiros feridos.

01 de julho de 1951: Notícia que seriam iniciados os serviços de saneamento básico em Mossoró., tendo o Governo do Estado adquirido 40 toneladas de material para execução dos serviços.

08 de julho de 1951: Notícia relatando a morte de Augusto da Escóssia Nogueira, ex-diretor do Mossoroens.

14 de julho de 1951: Fatalidade! O Rio Grande do Norte de luto. Perdem a vida em um desastre de avião o Governador Dix-sept Rosado, três auxiliares de sua administração, além de vários passageiros de um DC3 das Linhas Aéreas Paulistas.

09 de setembro de 1951: Autorizada a instalação de uma nova rádio em Mossoró, a Rádio Tapuyo, pertencente a organização Diários Associados do Brasil.

30 de setembro de 1951: Inaugurado, naquela data, o mercado público do Alto da Conceição, e o serviço telefônico de Mossoró .

15 de março de 1952: Destaque a inauguração do Ambulatório José Pereira Lima, no Alto da Conceição.

23 de março: Notícia a morte de Isaura Rosado Maia, viúva do farmacêutica Jerônimo Rosado.

31 de agosto de 1952: Homologada a candidatura de Vingt Rosado para prefeito de Mossoró.

30 de novembro de 1952: Entraria em vigor, a partir de 1º de dezembro, o Horário de Verão em todo o país. Na mesma edição é repercutida a instalação de telefones automáticos em Mossoró, a partir de material importado da empresa Siemens.

21 de dezembro de 1952: São diplomados, no cartório eleitoral da 21ª zona, aos cargos de Prefeito e Vice-prefeito, os senhores Vingt Rosado Maia e Joaquim Felício de Moura, sufragados pela coligação partidária Aliança Democrática, formada pelo Partido Republicano, Partido Social Democrático e Partido Trabalhista Brasileiro.

22 de março de 1953: Nesta edição O Mossoroense apresenta uma novidade aos seus leitores: o Suplemento Integráfico (SINGRA), publicação que seria veiculada todos os domingos, abordando diversos assuntos, com inúmeras ilustraçoes.

31 de março de 1953: Destaque a posse do prefeito Vingt Rosado, na Câmara Municipal.

21 de junho de 1953: Informada a execução do casal Rosenberg. Em Nova York, o casal Julius e Ethel Rosenberg, é eletrocutado, por ser autor de crime de traição contra os Estados Unidos, por haverem revelados segredos atômicos à Rússia.

28 de junho de 1953: Noticiada a inauguração da Escola Ambulatório Padre Dehon, que ocorreu naquele dia, entidade que tinha como objetivo prestar serviços às crianças pobres do bairro Alto de São Manoel.

29 de novembro de 1953: Repercutida a proposta de desmembramento de Mossoró, para dar autonomia municipalista ao Distrito de Governador Dix-sept Rosado, retirando da cidade quase 50% de seu território, que passaria a constituir outra unidade administrativa do Rio Grande do Norte. O projeto foi derrotada na Assembleia Legislativa, onde 20 deputados votaram contra, e 14 a favor da "mutilação" do município.

Aeroclube de Mossoró: primeiro e único acidente da entidade é registrado em 1954

Fundada em 4 de janeiro de 1940, com o objetivo de incentivar a prática do amadorismo civil da aviação entre os jovens mossoroenses, o Aero Clube de Mossoró registrou seu primeiro e único acidente fatal em 3 de julho de 1954, fato noticiado pelo jornal no dia seguinte.

Pilotada pelos alunos Edson Sabóia e Valdir Fernandes, a aeronave, um modelo "teco-teco", caiu nas imediaçoes da fábrica de redes Santo Antônio, no bairro Baixinha. Os dois não resistiram ao desastre, e faleceram no local.

O Aero Clube de Mossoró teve como seu primeiro instrutor o aviador Mário Santos, da Escola de Pilotagem do Aero Clube do Rio de Janeiro. A entidade possuiu uma frota de avioes tipo "paulistinha", dentre os quais destacaram-se o "Mário Barreto", chegado em 1942, o "Cidade de Mossoró", adquirido em 1944, o "Capitão Silvio Canizares" e "João Monteiro Rocha", em 1945, e o "Raimundo Fernandes" que foi doado pela firma Tertuliano Fernandes & Cia., para ser usado em treinamento avançado.

Os sócios instaladores da entidade foram Camilo Pereira de Paula, João Bruno da Mota, Aldemir Fernandes, Francisco Felício de Morais, Enéas da Silva Negreiros, Raimundo Nonato da Silva e os irmãos Jerônimo Dix-sept Rosado Maia e Jerônimo Vingt Rosado Maia. Em novembro de 1942, depois de dois anos de treinamento, o instrutor Mário Santos brevetou a primeira turma de aviadores civis de Mossoró.

Jerônimo Dix-sept Rosado Maia, que estava na época com 31 anos de idade, foi um dos brevetados da primeira turma, e por quatro anos presidiu o Aero Clube de Mossoró. Durante sua gestão, adquiriu novos aparelhos de treinamento e construiu campos de pouso no interior do Estado, além de dotar a entidade de inúmeros melhoramentos.

A notícia hoje

Mesmo não oferece nenhum curso de formação para novos aviadores, o Aero Clube continua ativo. Funcionando nas dependências do Aeroporto Dix-sept Rosado, a entidade conta hoje com aproximadamente 50 sócios, que mantêm vivas as esperanças da entidade voltar a funcionar em sua normalidade.

"Há sete anos, reativamos o Aero Clube, implantando alguns cursos, mas por falta de apoio do poder público, e falta de recursos, essa oferta foi interrompida. Como somos uma entidade sem fins lucrativos, precisamos do apoio, da contribuição de setores que colaborem com a nossa causa", explica Sérgio Maia, atual presidente do Aero Clube.

Segundo Sérgio Maia, é lamentável que o Aero Clube Mossoroense não esteja disponibilizando cursos de formação, levando em consideração a estrutura que a entidade possui. "Temos uma estrutura melhor do que os Aero Clubes de Fortaleza e Natal, por exemplo, pois estamos instalados em um hangar com capacidade para 10 aeronaves, só precisamos de recursos para darmos sequência as nossas atividades", conclui o presidente.

Cronologia dos fatos

12 de julho de 1956: Estavam cancelados todos os títulos eleitorais do Brasil. Segundo a Lei nº 2.550, todos os eleitores deveriam se alistar novamente, de acordo com o Tribunal Superior Eleitoral.

14 de julho de 1956: Destaque declaração de Café Filho, referentes as dúvidas quanto a autenticidade da carta-testamento de Vargas: "Tenho minhas dúvidas quanto a autenticidade da carta-testamento de Vargas", dizia o ex-presidente.

03 de agosto de 1956: Aprovado projeto na Comissão de Justiça da Câmara, autorizando a transformação do Banco do Brasil em uma entidade pública.

17 de agosto de 1956: Polêmica: Vereadores de Mossoró aprovam aumento de 100% sobre os subsídios dos parlamentares. Na mesma sessão, é aprovada isenção para o Grande Hotel, que estava em fase de construção na cidade.

09 de novembro de 1956: Estava suspensa a luta no Canal de Suez, que teve início em 29 de outubro de 1956, quando Israel, com o apoio da França e Reino Unido, que utilizavam o canal para ter acesso ao comércio oriental, declarou guerra ao Egito..

15 de novembro: Destaque a realização da Convenção de Genebra, quando foram abordados temas relacionados à força "Atômica", e a sua utilização no planeta.

18 de novembro de 1956: Assinado ato de desapropriação da estrada de ferro de Mossoró, publicado na edição de 17 de novembro do DOU, passando o controle da Estrada a União a partir daquela data.

22 de novembro de 1956: Repercutida negociação entre os Estados Unidos e o Brasil para a instalação de uma rede de radares em Natal.

13 de dezembro de 1956: Estava assegurada a instalação de uma filial do Banco do Nordeste em Mossoró. Na mesma edição, é destaque que seria lançado, em 1º de janeiro de 1957, o primeiro satélite artificial da Terra.

16 de dezembro de 1956: Destaque manchete que revelava: "De 12 em 12 minutos morre uma criança no Brasil". Dados levantados em todo o Brasil apontavam que a cada hora morriam no país crianças.

03 de janeiro de 1957: Inaugurada, em João Pessoa, a energia da rede elétrica da cachoeira de Paulo Afonso.

05 de janeiro: Noticiado o início das obras de escavação do Rio Mossoró.

11 de janeiro de 1957: Informado o falecimento da poetisa Gabriela Mistral, morta no dia 10, vítima de câncer. Gabriela foi a primeira escritora latino-americana a receber o Prêmio Nobel de Literatura, em 1945.

15 de janeiro de 1957: Destaque a fundação da Federação Carnavalesca de Mossoró, entidade que tinha como objetivo supervisionar os festejos do Momo na cidade.

01 de fevereiro de 1957: Publicada portaria da 2ª Vara da Comarca de Mossoró, onde é determinada que sejam proibidos de frequentarem casas de jogos e cabarés, os menores de 18 anos.

05 de fevereiro de 1957: O então secretário de educação do Estado, Tarcísio Maia, afirma a reportagem do jornal O Mossoroense que dentro de 40 dias seriam iniciados os serviços de construção da estrada Mossoró-Tibau.

20 de fevereiro de 1957: Repercutida notícia que no Rio de Janeiro, a Polícia havia proibido o "Rock And Roll": "O Chefe de Polícia determinou severa punição aos dançarinos do Rock And Roll, a dança maluca que está enervando e alucinando o povo, tendo proibido terminantemente sua prática, mesmo por parte de adultos. Os proprietários de orquestras estão sendo intimados a procurar novo ritmo em suas exibiçoes, mesmo nos grandes clubes, durante os festejos carnavalescos, onde o policiamento, nesse sentido, será dos mais severos", dizia O Mossoroense. Destaque também nessa edição que no dia posterior seriam iniciadas as obras da estrada Mossoró-Tibau.

O princípio da Revolução Cubana: O Mossoroense registra movimento orquestrado por Fidel Castro em 1956

Primeiro movimento que conseguiu resultados positivos contra a hegemonia norte-americana que dominava a América Central, a Revolução Cubana atingiu o seu ápice em 1959, quando o governo revolucionário assumiu o comando do país, após derrotar o presidente Fulgêncio Bastista, que em 31 de dezembro de 1958 fugiu para a República Dominicana.

O golpe que tiraria do poder o ditador Batista começou a ser orquestrado alguns anos antes de ser colocado em prática. Em 1953, começou a se planejar um grande movimento guerrilheiro nacionalista, liderado por Fidel Castro.

A proposta política era derrubar o ditador Batista e acabar com a corrupção. O revolucionário reuniu um pequeno grupo de homens e tentou tomar o Quartel de Moncada (em Santiago de Cuba), e dominar o restante das forças militares do país, mas fracassou no ataque e foi preso.

Dois anos depois, foi solto e exilou-se no México, onde reuniu 82 guerrilheiros e articulou o golpe que derrubaria a ditadura de Batista. Fidel e seu "Exército Rebelde" desembarcaram no litoral de Cuba, em dezembro de 1956, iniciando assim a Revolução de Cuba, acontecimento noticiado pelo O Mossoroense em 12 de dezembro daquele ano:

"Eclodiu na manhã de hoje, precisamente às 5h40, um movimento revolucionário com a finalidade de derrubar o governo do presidente Fulgêncio Batista. Aos primeiros disparos, as forças oficiais permaneceram de prontidão contra os rebeldes, sufocando imediatamente a revolução. Do primeiro combate armado, morreram 16 pessoas, enquanto 10 outros ficaram feridos", destaca o jornal.

Dias depois, O Mossoroense publica nota relatando a suposta morte do chefe da Revolta, Fidel Castro, informação não confirmada, sendo que em edições posteriores, o assunto volta a ser discutido.

A notícia hoje

Passados mais de 50 anos da Revolução Cubana, o país conseguiu obter êxito em diversos campos, eliminando o analfabetismo, implantando um sistema de saúde pública universal, diminuindo significativamente as taxas de mortalidade infantil e reduzindo o índice de desemprego.

No campo político, no entanto, Cuba segue com um sistema de partido único, o Partido Comunista Cubano, apontado como um sistema ditatorial.

Em 24 de fevereiro de 2008, com a renúncia do irmão devido a problemas de saúde, Raúl Castro assumiu o comando da ilha, prometendo algumas reformas econômicas, como o incentivo a mais investimentos estrangeiros e a mudanças estruturais para que o país possa produzir mais alimentos e reduzir a dependência das importaçoes. Entretanto, o regime segue fechado no campo político, reprimindo brutalmente os dissidentes.

Apesar das polêmicas, a Revolução Cubana é considerada um capítulo importante da história da América Latina, por constituir o primeiro e único Estado socialista do continente americano. Atualmente, Cuba é único país socialista do Ocidente, e um dos poucos do mundo, ao lado da China, da Coreia do Norte, do Vietnã e do Laos.

Cronologia dos fatos

20 de janeiro de 1958: Destaque proposição dos Estados Unidos, que estava elaborando um plano para extinguir o Exército Brasileiro, controlar o fornecimento de novas armas militares, e instalaçoes de bases teleguiadas, em troca de assistência econômica. A proposição não foi aceita pelo Conselho Nacional de Segurança.

12 de fevereiro de 1958: Instalação uma agência do Banco do Nordeste em Mossoró, fato ocorrido no dia 10.

27 de fevereiro de 1958: "Getúlio não se teria suicidado". Destaque a versão do historiador mineiro, Augusto Lima, que teria reunido provas para comprovar que o presidente Getúlio teria sido assassinado por pessoas do Palácio Presidencial.

13 de maio de 1958: Votado naquele dia o projeto de aposentadoria integral dos trabalhadores brasileiros, concedendo aposentadoria aos segurados de institutos de aposentadoria e pensoes que tivessem no mínimo 55 anos de idade e 30 anos de serviço. O projeto foi aprovado por unanimidade no Senado Federal no mesmo dia, sendo sancionada também naquela data.

27 de maio: Após 30 anos sem exercer o direito ao voto, os deficientes visuais do Brasil voltam a exercer sua cidadania, após o Tribunal Superior Eleitoral encaminhar projeto de resolução determinando que os cegos se inscrevessem no processo de alistamento eleitoral, a partir da grafia em braile.

06 de outubro de 1958: Publicado resultado parcial das elei

ções ocorridas no dia 03 de outubro. Em Mossoró, os candidatos mais votados até aquele momento eram: **Dix-huit Rosado (foto)** (Senado Federal, com 3.853 votos); Tarcísio Maia (Deputado Federal, com 2.909 votos), Vingt Rosado (Deputado Estadual, com 3.133 votos). E Severino Ramos (Vereador, com 715 votos) Resultados esses apurados na 33ª Zona.

15 de dezembro de 1958: Lançada a candidatura do general Teixeira Lott à presidência da república, no pleito de 1960.

Brasil vence a Suécia e conquista primeiro título mundial em 1958

"Pela primeira vez na história do seu futebol, conseguem os Brasileiros o título máximo na disputa da Copa do Mundo". Foi assim que o jornal O Mossoroense noticiou a conquista inédita da seleção brasileira de futebol, no dia 29 de junho de 1958, em edição extra, dedicada quase que exclusivamente ao assunto que dominava o noticiário internacional.

A matéria principal destacava o placar que sacramentou a vitória do Brasil sobre a Suécia, em partida realizada em Estocolmo: "... O placar de 5 x 2 selou a vitória dos nacionais contra a Suécia, num atestado autêntico da supremacia do nosso futebol em todo o mundo, mesmo jogando em canchas estrangeiras. Nossos aplausos, portanto, ao nosso selecionado, que teve em Gilmar, Belini, Nilton Santos, Djalma Santos, Zito, Orlando, Garrincha, Didi, Vavá, Pelé e Zagalo os artífices da vitória".

A edição detalha o jogo, a comemoração dos brasileiros, informando, por exemplo, que os brasileiros não haviam jogado bem nos primeiros instantes da partida, principalmente sua defesa, colocando o jogador Belini como o único culpado do primeiro gol da Suécia, no primeiro tempo.

No dia seguinte, em 30 de junho, O Mossoroense repercute a comemoração realizada na cidade pela vitória do Brasil na Copa do Mundo, em matéria com o título "Carnaval nas ruas de Mossoró pela vitória do Brasil na Suécia. Toda a população vibrou de entusiasmo comungando da mesma satisfação nacional". A concentração da festa dos mossoroenses ocorreu na Praça Rodolfo Fernandes, e a vibração dos torcedores se estendeu até a sede da Associação Atlética do Banco do Brasil (AABB).

Algumas curiosidades foram registradas no histórico jogo que consagrou o Brasil como campeão mundial. Como a seleção brasileira e a Suécia tinham uniforme amarelo, houve um sorteio para decidir quem jogaria com a vestimenta principal na final. O Brasil perdeu o sorteio, e o time precisou jogar de azul, sendo esse o desejo do chefe da delegação do país, Paulo Machado de Carvalho.

Após a vitória do Brasil sobre a Suécia na final, o capitão Bellini recebeu a taça e as atenções de todos que queriam fotografá-la. O jogador, então, ergueu a taça do mundo sobre sua cabeça, de modo que todos a pudessem fotografar. Nascia assim o famoso gesto, que desde então vem sendo repetido pelos campeões ao logo dos anos.

Cronologia dos fatos

26 de janeiro de 1959: Um fato inédito chama atenção das autoridades médicas: Uma criança de apenas 10 anos de idade, dá a luz a gêmeos, no estado do Rio de Janeiro.

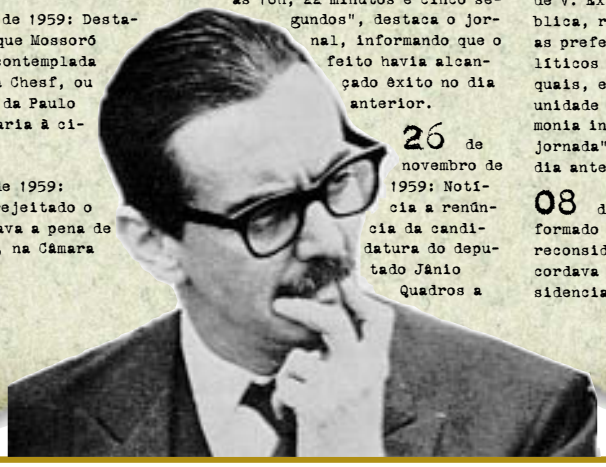
19 de março de 1959: Destaque informação que Mossoró não tinha sido contemplada com as linhas da Chesf, ou seja, a energia da Paulo Afonso não chegaria à cidade.

31 de maio de 1959: Mais uma vez é rejeitado o projeto que criava a pena de morte no Brasil, na Câmara dos Deputados.

14 de setembro de 1959: Destaque a chegada do primeiro foguete à lua. "O foguete lunar russo, que deveria chegar à lua às 18h, 21 minutos e um segundo, atrasou um pouco, atingindo a Lua às 18h, 22 minutos e cinco segundos", destaca o jornal, informando que o feito havia alcançado êxito no dia anterior.

26 de novembro de 1959: Notícia a renúncia da candidatura do deputado Jânio Quadros a presidência da república. Jânio encaminhou uma carta ao presidente da UDN, comunicando a decisão: "Nobre presidente, nesta data renuncio a minha candidatura a Presidência da República. Não consegui, como é do meu conhecimento, de V. Excelência e da opinião pública, reunir em torno do meu nome as preferências dos partidos políticos que me apoiavam e com os quais, eu procurava realizar a unidade política do país e a harmonia indispensável para a nossa jornada". A renúncia ocorreu no dia anterior.

08 de dezembro de 1959: Informado que Jânio Quadros havia reconsiderado a renúncia e concordava em voltar a disputa presidencial.



Criação da Sudene é aprovada em maio de 1959

Idealizada com o objetivo de equilibrar a diferença existente no crescimento econômico e industrial entre o Nordeste e Centro-Sul do Brasil, a Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (Sudene) foi oficialmente criada pela Lei nº 3.692 em 15 de dezembro de 1959, mas a aprovação do projeto que instituía o novo órgão foi destaque na edição de 27 de maio daquele ano.

O jornal informava que a Superintendência tinha a intenção de oferecer melhores condiçoes de vida aos habitantes do polígono das secas, região reconhecida pela legislação como sujeita à repetidas crises de prolongamento das estiagens e, consequentemente, objeto de especiais providências do setor público.

Um dos principais fatores que influenciaram a criação da Sudene foi justamente a nova seca que afetou o Nordeste em 1958, situação que aumentou o desemprego rural e o êxodo da população.

A Sudene surgiu como uma autarquia subordinada diretamente à Presidência da República, tendo como secretário executivo o economista Celso Furtado, responsável pela estratégia de atuação do órgão, entre 1959 e 1964.

Após uma sucessão de escândalos, em 1999, a imprensa iniciou um debate sobre a existência do órgão, extinto oficialmente em 2001, durante a administração do presidente Fernando Henrique Cardoso. No entanto, a Superintendência foi recriada em 2002, desta vez como Agência do Desenvolvimento do Nordeste (Adene).

A Adene foi criada pela medida provisória número 2.146-1, de 4 de maio de 2001, alterada pela medida provisória número 2.156-5, de 24 de agosto de 2001 e instalada oficialmente pelo decreto número 4.126, de 13 de fevereiro de 2002. Com a lei complementar nº 125, de 03 de janeiro de 2007, a Sudene foi reimplantada, com atuação nos Estados do Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia e alguns municípios de Minas Gerais. O órgão permanece em funcionamento até os dias atuais.

Reportagens especiais narram as consequências do rompimento do açude de Orós em 1960

Considerada uma das maiores tragédias vividas pelo povo cearense, o rompimento da barragem de Orós, localizada na região do Rio Jaguaribe, teve cobertura especial do jornal O Mossoroense. O periódico enviou na época o jornalista Lauro da Escóssia Filho para o Ceará, de onde todas as informaçoes a respeito do triste acontecimento foram colhidas.

A barragem de Orós não suportou o volume da água vinda do rio Jaguaribe, e rompeu no dia 26 de março de 1960. Com a intensidade das chuvas registradas naquele período, a possibilidade do açude romper a qualquer momento fez com que O Mossoroense direcionasse o jornalista Lauro da Escóssia Filho até o Estado vizinho alguns dias antes da tragédia. Na edição do dia 25 de março, reportagem assinada por Lauro retratava, em detalhes, a situação em que se encontrava a cidade de Aracati.

Segundo o jornalista, Aracati havia se transformado em uma cidade fantasma, uma vez que os moradores haviam abandonado o local, com medo da possível inundação, e grande parte dessa população estava sendo transferida para Mossoró.

As previsoes de que as paredes do açude de Orós não resistiriam a pressão das chuvas se confirmaram no dia seguinte após a publicação da matéria que destacava o esvaziamento do município de Aracati: em 26 de março, rompia a barragem, cujas obras ainda estavam em andamento, causando destruição na região do baixo Jaguaribe, atingindo cerca de 170 mil pessoas, correspondente a 60% da população local.

"O Orós transpôs a parede e suas águas corriam com uma velocidade incrível, enchendo os povoados, as cidades. O distrito de Mapuá foi o primeiro. Ficou completamente arrasado. Seguiu-se a cidade de Jaguaribe. Apenas 40% das casas resistiu à força das águas do rio Jaguaribe ... Sucumbiu inteiramente a vila de Castanhão. Almas foi totalmente destruída, Jandoim, Limoeiro do Norte, Quixeré, Russas, Borges, Jaguaruana, Itaiçaba, Cabreiro, nenhuma dessas vilas e cidades resistiu à fúria torrente de "Orós", dizia reportagem de Lauro da Escóssia, publicada em 29 de março de 1960.

Na mesma edição, é informado que o presidente Juscelino Kubitschek havia prometido inaugurar o novo "Orós" no mês de novembro seguinte. Também foi revelado que Câmara dos Deputados tinha solicitado a liberação de mais de um bilhão de cruzeiros para a vítima das enchentes no Ceará.

Devido a tragédia, a bancada da União Democrática Nacional (UDN) na Câmara dos Deputados sugeriu que a data de inauguração da nova capital federal, em fase final de construção, fosse alterada. No entanto, JK confirmou a inauguração de Brasília para o mês de abril, embora sem grandes solenidades, em virtude da situação em que se encontrava o estado do Ceará.

As possíveis causas do rompimento do açude são apresentadas na edição de 07 de abril. Segundo o economista Celso Furtardo, superintendente da Sudene, a tragédia ocorreu porque a obra não foi completamente concluída em um período seco. "Na minha opinião, foi a inflexibilidade da direção do DNOCS na execução do plano de obras do projeto de construção da barragem", afirmava.

21 de abril de 1960:
O Mossoroense destaca inauguração de Brasília

"Brasília não é uma cidade, é uma trincheira avançada". A afirmação do então presidente Juscelino Kubistchek foi publicada no jornal O Mossoroense em 21 de abril de 1960, data que marca a concretização de um dos principais legados do governo JK: a construção da nova capital federal, Brasília.

"Há três anos, pela primeira vez, dormi nesta construção que o próprio povo denominou Catetinho, traduzindo o espírito que imperava em todos os corações: a transferência de governo para o interior", dizia o presidente, em declaração à imprensa nacional, transcrita no período de Mossoró.

A história de Brasília começou a ser escrita, oficialmente, em setembro de 1956, quando o Congresso Nacional aprova o projeto de lei que autorizada sua construção. A notícia foi comemorada com lágrimas por JK, principal defensor da transferência da capital federal do Rio de Janeiro para um espaço quase virgem do Brasil, em Goiânia.

"Brasília é hoje mais que uma simples ideia criadora, já não existe mais apenas nas anotações coloridas dos mapas. Brasília já é em nossos dias uma realidade positiva, uma ideia a caminho de sua decisiva objetivação, a concretização do sonho de tantos patriotas que, durante mais de um século, desejaram que o Brasil fosse um todo, um território contínuo e uma população unida", destacava O Mossoroense em 21 de abril.

Erguida em apenas 43 meses, Brasília foi alvo de polêmicas durante todo seu processo de construção. O Governo Federal era acusado de destinar recursos para uma obra grandiosa, enquanto o país enfrentava dificuldades em alguns setores, e o Nordeste era afetado por intensas chuvas.

E já no dia de sua inauguração, informações publicadas no jornal O Mossoroense apontavam que alguns deputados, que haviam recebido, em dinheiro, a ajuda de custo destinada a compra de passagens aéreas para transferência para Brasília, preferiram fazer o transporte de suas famílias para a capital em automóveis e ônibus.

O projeto arquitetônico

Escolhido por JK para projetar todas as edificações monumentais da nova capital, Oscar Niemeyer é o responsável por transformar a arquitetura de Brasília em um dos símbolos do país.

Oscar já havia desenhado as principais instalações da Pampulha, bairro projetado de Belo Horizonte, Minhas Gerais, por JK enquanto prefeito da cidade, em 1940. Depois da Pampulha, Niemeyer, em poucos anos, já era reconhecido como um dos maiores arquitetos de sua geração.

O arquiteto teve papel de destaque no projeto da sede das Nações Unidas (1947), em Nova York; em construções de grande escala como o Edifício Copan (1951) e o Parque do Ibirapuera (inaugurado em 1954), ambos em São Paulo; e ainda no Edifício Niemeyer (1954), em Belo Horizonte.

As realizações mais notáveis de Niemeyer em Brasília são as do chamado período heroico, do início da construção, em 1957, à inauguração, em 1960. O Congresso, o Palácio do Planalto, o Supremo e a Catedral. O Alvorada, cujas portas se abriram em 1958, havia sido projetado antes mesmo da escolha do Plano Piloto. Outra obra-prima do arquiteto na cidade, o Palácio Itamaraty foi projetado depois do governo Juscelino e terminado no fim dos anos 1960, já com os militares no poder.

Com esses edifícios, que apresentavam soluções e formas ao mesmo tempo variadas, chamativas e elegantes, e com uma arquitetura que conseguia transmitir ao conjunto uma rara coerência, Niemeyer tornou-se uma estrela.

Cronologia dos fatos

28 de junho de 1960: Anunciado que no dia seguinte seria lançada a pedra fundamental da sede da Associação Atlética Banco do Brasil (AABB), situada na margem direita do rio Mossoró, no bairro de Santa Luzia.

02 de agosto de 1960: Notícia que havia sido lançado no Brasil o mais poderoso antibiótico do mundo: o DMCT, que demonstrou ser de duas a quatro vezes mais eficaz contra micróbios causadores de enfermidades do que os antigos antibióticos à base de tetraciclina.

04 de setembro de 1960: Curiosidade sobre o pleito de 1960 publicada no jornal: Três candidatos, Jânio Quadros, Marechal Lott e Ademar Barros, disputavam o posto de presidente do Brasil, e enfrentariam nas urnas a escolha de cerca de 15 milhoes de eleitores. O escolhido seria o quarto presidente do país a ser eleito após a redemocratização do Brasil, em 1945. Na história da República brasileira seria o 15º presidente escolhido pelo povo, sendo o primeiro Prudente de Morais, em 1894.

26 de setembro de 1960: Repercutida a inauguração da nova sede do Banco do Brasil em Mossoró, que passaria a funcionar em edifício situado à praça Getúlio Vargas.

11 de outubro de 1960: Divulgado o resultado final do pleito de 03 de outubro: Para Governador, é eleito Aluízio Alves, com diferença de 24.522 votos. Para presidente, foi eleito Jânio Quadros, tendo como vice João Goulart.

06 de novembro de 1960: Destaque a posse, no dia anterior, do primeiro prefeito constitucional de Natal: Djalma Marinho, eleito no pleito de 03 de outubro.

08 de novembro de 1960: "Cena de sangue na Assembleia Legislativa do Rio Grande do Norte": O Mossoroense detalha que no dia anterior, o deputado Moacir Duarte, por não suportar as críticas feitas pelo Governo, durante discurso do deputado Carvalho Neto sacou seu revólver, e disparou contra o parlamentar, atingindo-o. O mesmo revidou, atingindo o deputado Garibaldi Alves. Em

10 de novembro, é noticiado que, devido ao incidente, a Assembleia seria fechada, sendo reaberta somente quando houvessem condições necessárias.

A volta do presidencialismo no Brasil: plebiscito poe fim ao regime parlamentarista adotado em 1961

Com a renúncia do presidente Jânio Quadros, em 25 de agosto de 1961, sete meses após assumir o poder, uma crise política é instalada no Brasil: os ministros militares marechal Odílio Denys, brigadeiro Grum Moss e almirante Sílvio Heck, informaram ao presidente interino do país, deputado Ranieri Mazzili, que vetavam a posse do vice-presidente João Goulart, pois alegavam possuir provas de seu envolvimento com o comunismo internacional.

Dessa forma, o Congresso Nacional, objetivando por fim a crise que se agravava, em uma sessão histórica realizada em 30 de agosto de 1961, tomou sua decisão: confirmou Jango como presidente constitucional do Brasil, mas paralelamente submeteu à apreciação dos três ministros militares uma proposta de emenda parlamentarista, onde ficaria mantido o presidente como chefe do Estado, tendo um Primeiro-Ministro eleito pelo Congresso como chefe do Governo.

O parlamentarismo então é instituído no país, em 02 de setembro de 1961. Mas o novo regime durou menos de 17 meses, e em 06 de janeiro de 1963, através de um plebiscito convocado pelo próprio presidente João Goulart, mais de 80% dos eleitores optaram pela volta do presidencialismo, acontecimento amplamente repercutido pelo jornal O Mossoroense em sua edição de 09 de janeiro, que informou, inclusive, o resultado local da votação.

Em Mossoró, na 34ª Zona, 6.932 eleitores decidiram pela fim da manutenção do ato adicional que havia instituído o parlamentarista no país. Apenas 690 decidiram pela continuidade do regime, 109 votaram branco, e 108 eleitores anularam o voto. Apuradas todas as urnas, 12.515 mossoroenses disseram não ao modelo adotado em setembro de 1961, e 1.095 pessoas defenderam o regime em vigor naquele período.

Em sua edição de 23 de janeiro, O Mossoroense informou aos leitores que a partir daquele dia estava restabelecida a Constituição de 1946, após a queda do ato adicional de 03 de setembro de 1961.

O sistema presidencialista, no entanto, permaneceu em vigor até março de 1964, quando o golpe militar derrubou o presidente **João Goulart (foto)**, dando início ao período de ditadura que durou até 1985, ano da eleição indireta de Tancredo Neves, que havia sido o primeiro ministro do Brasil logo após a instituição do parlamentarismo, para presidência da república.

Cronologia dos fatos

28 de abril de 1963: Iniciada a construção da Casa de Saúde e Maternidade de Santa Luzia. O empreendimento era de propriedade do Centro Hospitalar de Mossoró, sociedade anônima que se organizava anualmente na cidade.

10 de maio: Morre, no dia 06, vítima de um colapso cardíaco, o senador cearense Carlos Jereissati.

23 de maio: Abordada notícia que relatava a instalação de uma Central Telefônica em Mossoró que possibilitaria ligaçoes entre a cidade o restante do Brasil. A iniciativa do governador Aluísio Alves viabilizou a instalação de uma extensa rede de telefonia em diversos municípios do Estado.

20 de junho: Destaque que em 53 novos municípios do Rio Grande do Norte, haveriam eleiçoes municipais no mês de dezembro. Grande parte das cidades foram criadas no ano anterior, ou tiveram sua criação ratificada pelo poder legislativo naquele ano. Entre os municípios que realizariam o pleito pela primeira vez estavam Governador Dix-sept Rosado, Tibau do Sul, Alto do Rodrigues, entre outros. Em 37 comunas, seriam escolhidos os dois poderes (legislativo e executivo), e nas 16 apenas haveria eleição para a Câmara Municipal.

21 de novembro de 1971: Marte só daqui a 20 ou 30 anos

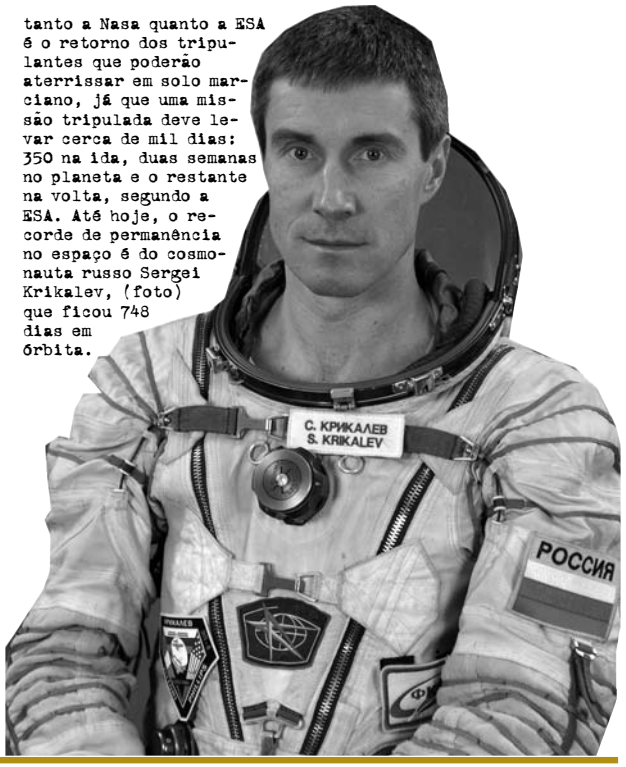
"O homem não pisará em Marte em menos de duas ou três décadas". A afirmação do cientista Dennis Fielder, então membro da equipe de planejamento da Nasa, foi publicada pelo jornal O Mossoroense em 21 de novembro de 1971. Passados 41 anos, as previsoes da época não se confirmaram, e até hoje, o homem não conseguiu chegar ao "planeta vermelho".

Na reportagem veiculada em 1971, informava-se que uma viagem a Marte exigiria a montagem de uma nave com cerca de 120 metros de comprimento. "A nave-mãe teria três motores nucleares para conduzi-la até o planeta, com uma tripulação de 12 homens, que viveriam a bordo de um sistema ecológico, auto-regenerativo, aproveitando tudo, desde o ar até a água".

Segundo a matéria, a viagem até o planeta duraria cerca de 200 dias, tempo suficiente para a nave entrar em órbita marciana. "Usando a mesma técnica para acoplamento do projeto Apollo, a tripulação regressaria à nave-mãe, para a viagem de volta à órbita terrestre, onde trocariam para uma nave reutilizável, a fim de pousar na terra", dizia o texto referindo-se ao retorno dos tripulantes, após semanas, ou meses em Marte.

Os estudos mais atuais da Nasa indicam que o objetivo de enviar astronautas ao Planeta Vermelha só deve ser concretizado em 2030, sendo que já se encontra sobre a superfície de Marte, desde agosto deste ano, o explorador batizado de "Curiosity", que tem como missão, prevista para durar dois anos, buscar uma resposta à antiga pergunta de se a vida existiu em Marte ou se o planeta pode abrigar vida no futuro.

Além da Nasa, a agência espacial ESA, composta por 17 países europeus, também pretende levar seres humanos a Marte. Mas um problema que preocupa tanto a Nasa quanto a ESA é o retorno dos tripulantes que poderão aterrissar em solo marciano, já que uma missão tripulada deve levar cerca de mil dias: 350 na ida, duas semanas no planeta e o restante na volta, segundo a ESA. Até hoje, o recorde de permanência no espaço é do cosmonauta russo Sergei Krikalev, (foto) que ficou 748 dias em órbita.



TV em cores no Brasil é inaugurada oficialmente em março de 1972

Em plena era digital, a televisão apresenta uma qualidade de imagem cada vez mais perfeita, resultado de um processo de evolução vivenciado desde que foi lançada, na década 1920. No Brasil, um dos principais aprimoramentos sofridos pela televisão foi a inauguração, oficial, da transmissão em cores, em 31 de março de 1972.

Em 14 de março daquele ano, o jornal O Mossoroense já revelava aos seus leitores que o equipamento trazido para o Brasil por Assis Chateaubriand em setembro de 1950, passaria a ter suas transmissoes exibidas em cores, um avanço significativo para a época.

"A benção do Papa VI, a transmissão da representação da Paixão de Cristo em Nova Jerusalém, em Pernambuco, ou dos atos religiosos em Tubarão, Santa Catarina, projeção de um filme sobre o Brasil e o discurso do presidente Médici constituirão a programação oficial da inauguração de TV a cores no Brasil, no dia 31 de março", informava o periódico, acrescentando: "A programação do dia 31, por cair na sexta-feira santa, terá um caráter discreto, ficando para o domingo as apresentações mais populares e esportivas'.

Apesar de ter sido oficialmente aberta em 31 de março (data escolhida pelo governo militar em virtude do aniversário do golpe ocorrido em 1964) as exibições em cores da TV no Brasil tiverem início em 19 de fevereiro de 1972, quando uma transmissão singela da Festa da Uva, feita a partir de Caxias do Sul, Rio Grande do Sul, encheu de cores os olhos dos telespectadores brasileiros.

Em 09 de maio, O Mossoroense revela que a cidade receberia mais cedo o sinal da TV em cores do que Natal, sendo que no dia anterior já tinha ocorrido uma demonstração da transmissão, pela empresa TELESOM.

A história da cor na televisão brasileira foi longa, com avanços e retrocessos. A TV Excelsior foi a primeira emissora no país a tentar transmitir em cores, utilizando o sistema norte-americano NTSC, produzindo, em 1962, o programa "Moacyr Franco Show".

Em 1970, a Embratel reuniu convidados na sua sede no Rio de Janeiro, no Edifício Itália, em São Paulo, e, em Brasília, para transmitir em cores, o Mundial de Futebol de 1970, realizado no México. Era uma transmissão experimental, o sinal recebido em NTSC era convertido em PAL-M, captados pelos aparelhos instalados nas três cidades. Poucos assistiram à transmissão colorida da copa de 1970, pois os aparelhos eram praticamente inexistentes no Brasil.

Somente em 1971, as emissoras decidiram investir na tecnologia em cores, quando o governo militar decretou uma lei que determinava a transmissão de uma porcentagem mínima de programas coloridos. A emissora que não obedecesse, teria a concessão cancelada. Sem alternativa, foi criado o sistema oficial que geraria imagens em cores, o PAL-M, sendo o padrão M vindo do sistema NTSC, mesclado com o PAL da Europa, criando assim, um sistema próprio: o PAL-M foi autorizado em 1972.

Cronologia dos fatos

17 de janeiro de 1971: Destaque a libertação do embaixador Giovanni Enrico Bucher, que ficou 40 dias sob o poder de terroristas durante a ditadura militar. "A sua chegada em casa, recebeu o primeiro abraço da sua irmã Marie Anne Alex, e nos jardins da sua residência, conversou com os jornalistas para dizer que não poderia falar ainda à imprensa, antes de manter entendimentos com as autoridades", dizia a matéria principal do jornal.
Na mesma edição, é informado que no dia 30 daquele mês seria lançado mais um foguete tripulado à lua, o Apolo 14, a exemplo do feito dos foguetes Apolo 11, 12 e 13. O lançamento seria feito da base de Cabo Kennedy. Os tripulantes da Apollo 14 eram os astronautas Shepard, Stuart e Nixon

28 de janeiro e 1971: "Cigarro provoca câncer e úlcera, afirma médico". A matéria abordava o posicionamento de médico Roberto Alvarenga, que manifestava-se contrário ao uso do fumo, uma vez que o cigarro, segundo ele, provocava câncer e úlcera: "Cigarro dá câncer. Qualquer irritação constante gera câncer. E o que o cigarro faz no pulmão não passa de uma irritação constante, durante anos".

19 de fevereiro de 1971: Morre o primeiro Bispo Diocesano de Mossoró, cardeal Dom Jaime de Barros Câmara, arcebispo do Rio de Janeiro. O religioso faleceu no dia 18 de fevereiro, em São Paulo, no Palácio Paulino.

17 de abril de 1971: "Empresta-se grande significação a presença dos Governadores dos Estados do Nordeste durante o dia de hoje em Natal, a fim de participarem da recepção ao Presidente Emílio Garrastazu Médici, chefe do Executivo Nacional que às 14h30 estará desembarcando no Aeroporto Internacional de Parnamirim para inaugurar amanhã a BR-304 que liga a capital norte-riograndense a Fortaleza", Foi assim que O Mossoroense noticiou a vinda do presidente Médici para inauguração da BR-304, em 1971.

09 de outubro de 1971: Repercutido posicionamento do Ministro da Justiça, Alfredo Buzaid, que havia vetado a criação de um terceiro partido político no Brasil, mantendo a tendência de permanecer as duas agremiaçoes partidárias já existentes naquele período: Arena e MDB.

05 de novembro de 1971: Destaque o falecimento do Monsenhor Walfredo Gurgel, ex-governador do Estado.

30 de março de 1971: "Muro da Vergonha aberto hoje, depois de vinte anos". Foi assim que o jornal anunciou que os berlinenses ocidentais começariam a cruzar, a partir daquela data, o muro que separava as duas parte da capital alemã, para visitar parentes e amigos na Alemanha Oriental, pela primeira vez em 20 anos. "As visitas se tornaram possíveis depois que o governo da Alemanha Oriental, decidiu cancelar na época da páscoa, as restrições impostas quando o tráfego entre as duas Alemanhas foi cortada por um muro, chamado da Vergonha ... Calcula-se que cerca de meio milhão de pessoas aproveitarão a oportunidade e levarão flores para seus parentes que estão do outro lado a espera desse momento", abordava o jornal.

Caso Watergate:

Presidente Richard Nixon é o primeiro e único presidente dos Estados Unidos a renunciar ao cargo

C "O presidente Richard Nixon, pronunciou, na noite passada, discurso de renúncia do posto de Presidente dos Estados Unidos. O pronunciamento foi transmitido para todo o país por cadeia de emissoras de rádio e televisão que anunciava, instantes após, a investidura hoje do senhor Gerald Ford na Casa Branca", foi assim que o jornal O Mossoroense anunciou o desfecho do "Caso Watergate", que culminou com a única renúncia de um presidente na história dos Estados Unidos

Richard Nixon comprometeu sua carreira política ao se envolver no escândalo mundialmente conhecido como "Caso Watergate", quando na madrugada de 17 de junho de 1972, cinco integrantes do Comitê para a Reeleição do Presidente foram presos na sede nacional do Partido Democrata, no edifício Watergate, às margens do rio Potomac, em Washington, em operação que tinha como objetivo sabotar a campanha do oponente de Nixon, o senador George McGovern, através da instalação de escutas telefônicas no local.

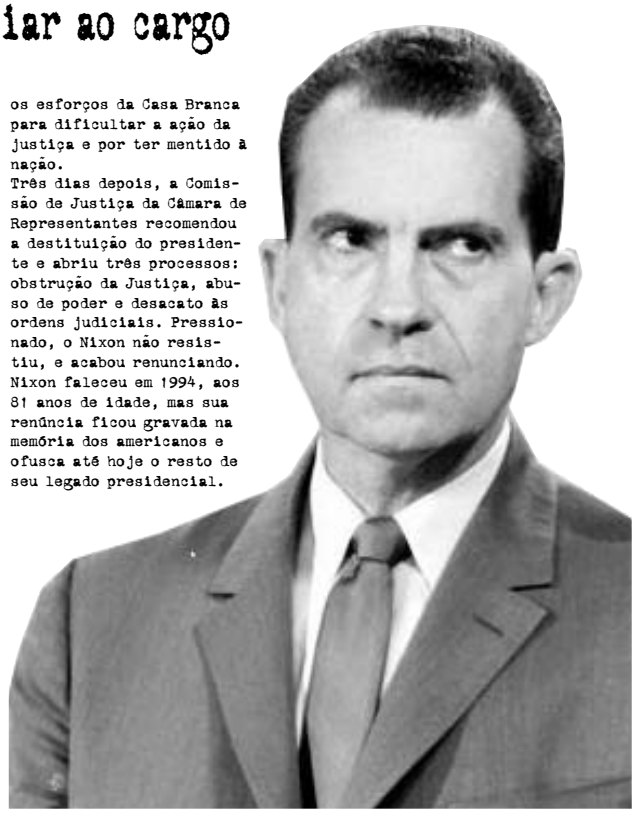
O escândalo estourou vários meses depois graças à imprensa americana, e acabou provocando, em outubro de 1973, a abertura de um processo de impeachment contra o presidente, acusado de envolvimento direto nas escutas telefônicas ilegais.

A história mostra que o presidente não teve conhecimento prévio da invasão. Mas, depois de informado, fez tudo o que pôde para obstruir a Justiça e impedir que seus assessores fossem punidos. Os jornalistas Bob Woodward e Carl Bernstein, do jornal "The Washington Post", descobriram, por meio de uma fonte misteriosa apelidada de "Garganta Profunda", o envolvimento de Nixon.

Em 24 de julho de 1974, a Suprema Corte exigiu que Nixon enviasse à Justiça os registros de suas conversas privadas, que comprovavam que tinha orquestrado desde junho de 1972 os esforços da Casa Branca para dificultar a ação da justiça e por ter mentido à nação.

Três dias depois, a Comissão de Justiça da Câmara de Representantes recomendou a destituição do presidente e abriu três processos: obstrução da Justiça, abuso de poder e desacato às ordens judiciais. Pressionado, o Nixon não resistiu, e acabou renunciando.

Nixon faleceu em 1994, aos 81 anos de idade, mas sua renúncia ficou gravada na memória dos americanos e ofusca até hoje o resto de seu legado presidencial.



Cronologia dos fatos

27 de abril, o jornal publica matéria relatando que o Rio Mossoró registrara a maior enchente de sua história: "Vimos acompanhando há 60 anos, precisamente, as periódicas enxurradas do rio Mossoró, e podemos afirmar, sem receio de contestação, haver sido registrado em 1974 a maior enchente de toda sua história".

18 de maio de 1975: O Mossoroense noticia a primeira morte na cidade causada pela meningite. "Em absoluto furo de reportagem, lamentamos informar ao nosso público que a meningite chegou a Mossoró, já atingiu diversas pessoas e já causou uma morte", informava.

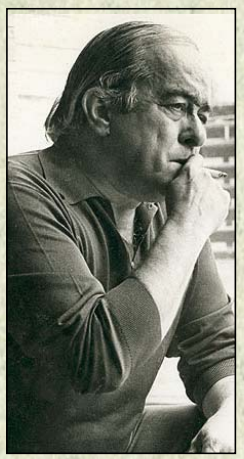
10 de agosto de 1975: Notícia principal destaque que a desidratação ocasionada pelo forte calor que estava sendo registrado em Mossoró, vinha vitimando algumas pessoas na cidade. Segundo a matéria, somente no dia anterior, Mossoró tinha registrado 37 graus. Em ediçoes anteriores, é destaque que cerca de 300 casos de desidratação tinha sido registrados em Mossoró em apenas uma semana, 20 de julho.

04 de janeiro de 1979: O Mossoroense publica entrevista exclusiva com o religioso Frei Damião, que entre outras temas abordados, emitiu sua opinião a respeito do aborto: "Os que praticam o aborto, sob qualquer pretexto, está excomungado pela Igreja. É pecado grave e a culpa não é só da mãe, mas de todos que participam do ato criminoso: médico, seus assistentes, farmacêuticos que fornecem remédios, donos de hospitais. Todos que sabendo do ato não procuram evitá-lo"

10 de março de 1979: Destaque a inauguração da Penitenciária Agrícola Mário Negócio

15 de março de 1979: Notícia posse dos novos governantes do país: O presidente Geisel dá lugar a João Baptista Figueiredo. No Rio Grande do Norte, Tarcísio Maia se despede do governo, ficando em seu lugar Lavoisier Maia.

28 de março de 1979: Informado que havia terminado no dia anterior a greve dos metalúrgicos do ABC, em São Paulo, logo depois do apelo do ministro do Trabalho Murilo Macedo, sendo que os 90 mil trabalhadores em greve só voltaram ao trabalho depois que o sindicalista Luís Inácio Lula da Silva, falou a todos, em assembléia extraordinária.



10 de julho de 1980: É notícia a morte do escritor Vinícius de Morais. Ele morreu vítima de um ataque cardíaco, em 09 de julho, no Rio de Janeiro.

24 de julho de 1980: Destaque a inauguração do conjunto habitacional Abolição III, construído pelo governado do Estado. Foram 1.046 casas entregues a população, em solenidade que contou com a presença do então presidente da república, Figueiredo.

05 de junho de 1981: Destaque a visita de Madre Teresa de Calcutá ao Brasil. Ele veio ao país para participar, em São Paulo, da 72ª Convenção Internacional do Rotary. O prêmio Nobel da paz de 1979, deixou uma mensagem para os brasileiros: rezem, acrescentando: "Amai-vos una aos outros como o Pai ama a cada um de nós".

21 de junho de 1981: Destaque o estado de saúde do Papa João Paulo II, que havia sido baleado por terrorista turco no dia 13 de maio. Segundo a reportagem, o papa havia voltado ao hospital, com febre alta e suspeita de infecção pulmonar.

Golpe Militar poe fim ao governo e a vida do presidente chileno Salvador Allende em 1973

Dois anos após assumir o governo chileno, o presidente Salvador Allende é vítima de um golpe militar que o tirou do poder, e pôs fim a sua vida. O trágico acontecimento foi documentado pelo jornal O Mossoroense, que em 13 de setembro de 1973 noticiou o fato da seguinte maneira:

"A junta militar que assumiu o governo chileno confirmou oficialmente ter deposto o presidente Salvador Allende. Comunicado oficial transmitido por uma emissora controlada por militares, informou que Allende matou-se a tiro durante o ataque militar ao Palácio Presidencial. O comunicado dizia ainda que o corpo do presidente foi sepultado em um cemitério de Santiago, após cerimônia fúnebre assistida pela família".

Na edição é seguinte, O Mossoroense informa que a Junta Militar havia decidido fechar o Congresso Nacional Chileno, declarando vagos os cargos de deputados e senadores em exercício.

Salvador Allende perdeu por três vezes as eleiçoes presidenciais, em 1952, 1958 e 1964, antes de se eleger presidente do Chile, em 1970, como candidato de uma coligação de esquerda, a Unidade Popular. Entrou para a história como o primeiro marxista a chegar ao poder pelas urnas.

Durante seu governo nacionalizou as minas de cobre, a principal riqueza do país. Além disso, transferiu o controle das minas de carvão e dos serviços de telefonia para o Estado, aumentou a intervenção nos bancos e fez a reforma agrária, desapropriando grandes extensoes de terras improdutivas e entregando-as aos camponeses.

Mas seus atos não eram bem vistos pelas grandes corporaçoes norte-americanas, e os Estados Unidos, não admitiam a instauração de um segundo regime socialista em sua área de influência, e em 29 de junho de 1973 houve então a primeira tentativa de golpe militar, fracassada.

Porém, na madrugada de 11 de setembro de 1973, avioes militares sobrevoaram e bombardearam o palácio presidencial., onde se encontrava Allende,que pôs fim à própria existência. Com o suicídio do presidente chileno, estava instaurada a ditadura de Augusto Pinochet, que durou até 1990, deixando mais de três mil mortos no país.

A notícia hoje

No mês de setembro, a justiça do Chile ratificou o fim da investigação sobre a causa da morte de Salvador Allende e confirmou a tese do suicídio do ex-presidente.

Em maio de 2011, os restos mortais de Allende, sepultados no Cemitério Geral da capital chilena, foram exumados, e após dois meses de diversas análises, uma equipe multidisciplinar de peritos concluiu que a causa de morte do ex-presidente se deveu a uma "lesão perfurante da cabeça por um projétil de arma de fogo de alta velocidade a contato", o que na medicina legal significa suicídio.

Na época, o juiz Carroza declarou que Allende se suicidou no dia 11 de setembro de 1973 com um fuzil AK-47 colocado entre seus joelhos e apontado para seu queixo.

Jornal noticia o fim da Guerra do Vietnã

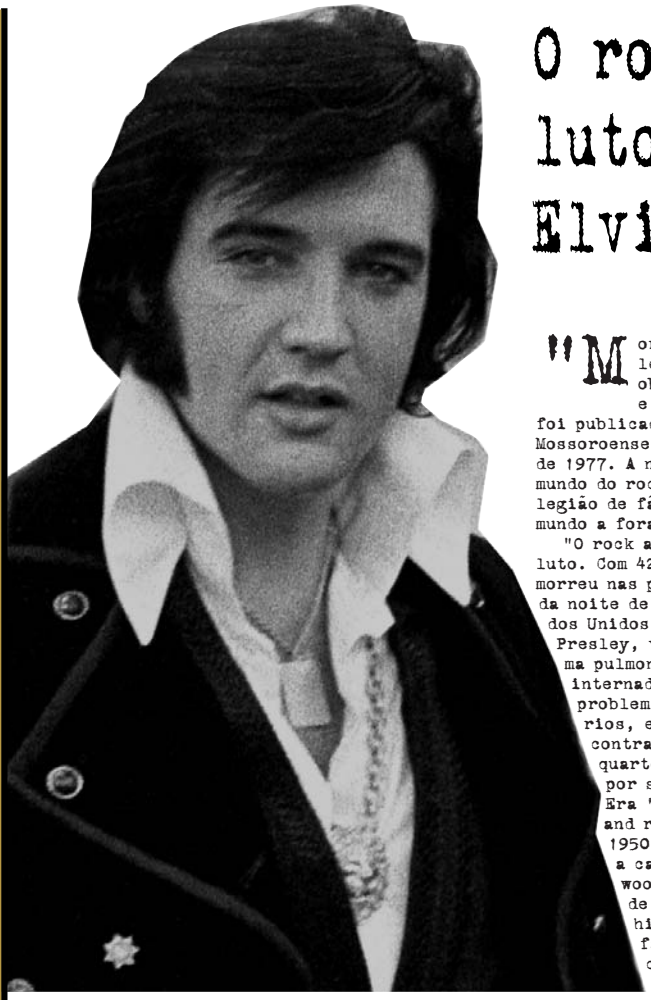
Considerado o mais longo conflito militar que ocorreu após a II Guerra Mundial, a Guerra do Vietnã, iniciada no final dos anos 1950, teve seu desfecho em 30 de abril de 1975, quando ocorreu a invasão e ocupação comunista de Saigon, então capital do Vietnã do Sul, e a rendição total do exército sul-vietnamita. O fim do confronto, repercutido mundialmente, também foi destaque nas páginas do jornal O Mossoroense:

"Saigon caiu, ontem, em poder dos comunistas. As tropas vermelhas entraram na capital com vários tanques e metralharam, demoradamente, o Palácio do Governo. Nele, contudo, não estava mais ninguém. Todos os governantes já haviam fugido. Horas antes, num esforço desesperado para conseguir um entendimento com os comunistas, o último presidente do Vietnã do Sul pedira a retirada total dos norte-americanos do país", relatava o periódico em sua edição de 12 de maio de 1975.

Divido em dois países durante a primeira metade da década de 1950, o Vietnã do Norte e o Vietnã do Sul possuíam divergências políticas e ideológicas, sendo o Norte com orientação comunista e o Sul, aliado dos Estados Unidos, vivendo sob ditadura militar, através de um sistema capitalista.

A relação entre os dois Vietnãs, ficou insustentável, quando em 1959, guerrilheiros comunistas atacaram uma base norte-americana no Vietnã do Sul, fato esse que deu início a guerra.

O conflito deixou mais de um milhão de mortos (civis e militares) e o dobro de mutilados e feridos. A guerra arrasou campos agrícolas, destruiu casas e provocou prejuízos econômicos gravíssimos no Vietnã. O Vietnã foi reunificado em 2 de julho de 1976 sob o regime comunista, aliado da União Soviética.



O rock and roll de luto: morre o astro Elvis Presley

"Morreu Elvis Presley". A manchete, objetiva, direta, e surpreendente, foi publicada pelo jornal O Mossoroense em 17 de agosto de 1977. A notícia abalou o mundo do rock, e deixou uma legião de fãs entristecida mundo a fora:

"O rock and roll está de luto. Com 42 anos de idade, morreu nas primeiras horas da noite de ontem, nos Estados Unidos, o cantor Elvis Presley, vítima de um edema pulmonar. Elvis foi internado à tarde, com problemas respiratórios, e à noite foi encontrado morto, no quarto do hospital, por seu empresário. Era 'o rei do rock and roll'. Desde 1950, quando começou a cantar, em Hollywood. Durante mais de 30 anos provocou histeria em suas fãs, com sua música e sua dança, fazendo com que os críticos considerassem a 'preslomania' tão forte quanto a ''beatlemania'. Elvis será sepultado hoje, no fim da manhã, nos Estados Unidos", anunciada aos seus leitores o jornal.

Elvis iniciou sua carreira profissional em julho de 1954, e em 1956 o cantor já havia se tornado um fenômeno com um estilo que misturava os mais diversos tipos de influência musical e suas apresentaçoes sensuais e empolgantes, que quebravam os pré-conceitos de uma sociedade norte-americana conservadora.

Na década de 70, o astro do rock and roll, atinge o ápice de sua carreira, com mais de mil show realizados, lançando documentário de sucesso, sendo recebido na Casa Branca pelo então presidente Richard Nixon, e voltando ao topo das paradas musicais de todo o mundo, sendo premiado inúmeras vezes, inclusive com seu segundo Grammy, premiação considerada o "Oscar" da música.

A notícia hoje

Passados 35 anos da morte do rei do rock, diversas teorias a respeito do cantor ainda são mantidas vivas pelos seus fãs. Muitos de seus seguidores continuam a defender que "Elvis não morreu", e apontam uma série de fatores que comprovariam essa tese, entre elas, a de que ele era um agente que investigava o tráfico nos Estados Unidos e a encenação de sua morte aconteceu para que ele continuasse em segurança com uma nova identidade, depois de prender um poderoso chefe da máfia.

Teorias conspiratórias a parte, Elvis ainda vive na história do rock mundial, por ter chocado uma geração conservadora e reacionária, unido negros e brancos, sendo considerado por muitos historiadores como um dos maiores nomes da chamada "última grande revolução cultural".

Tragédia na primeira visita do papa João Paulo II ao Brasil: católicos morrem em acidente registrado na capital cearense

Com apenas dois de pontificado, o papa João Paulo II visitou o Brasil pela primeira vez em 1980, chegando ao país em 30 de junho, onde realizou, em Brasília, o gesto célebre de ajoelhar-se e beijar o chão que acabava de pisar. Durante sua estadia, o papa percorreu as cidades de Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo, Aparecida, Porto Alegre, Curitiba, Manaus, Recife, Salvador, Belém do Pará, Teresina e Fortaleza, sendo essa última cenário de um triste acontecimento: a morte de sete pessoas, como noticiou o jornal O Mossoroense em 10 de julho de 1980, em reportagem intitulada "Tragédia na visita do Papa a Fortaleza":

"Logo nas primeiras horas da madrugada, uma tragédia nos portoes do Castelão estragou a festa do papa na vizinha capital alencarina. Quando os portoes se abriram, uma multidão incalculável tentou entrar no estádio e aconteceu o inesperado: tropeçoes, quedas, empurroes e a morte de sete pessoas, além de ferimentos em mais 15. Uma tragédia que foi lamentada pelo próprio João Paulo II", apontava o jornal.

A passagem de João Paulo II pelo país, encerrada no dia 11 de julho, foi uma das maiores movimentaçoes populares já registradas no Brasil. A vinda ao Brasil em 1980 foi a sétima chamada peregrinação internacional de seu papado. Pela tradição sedentária da Igreja, antes de João Paulo II, somente um papa, seu antecessor Paulo VI, havia viajado bastante e, mesmo assim, não tanto quanto ele.

O Santo Padre havia ido à República Dominicana, México, Bahamas, Polônia, Turquia, Irlanda, Estados Unidos, França e outros seis países africanos. No Brasil, João Paulo II percorreu 30 mil quilômetros, em 12 dias.

Um dos principais motivos para a grandiosidade da viagem foi a importância que da nação para o catolicismo. O Brasil já era o maior país católico do mundo. No Censo de 1970, 90% da população (63 milhoes) se declarava católica.

Plano Cruzado é lançado: presidente José Sarney altera moeda brasileira e apresenta pacote de medidas econômicas

Para tentar reverter o quadro preocupante enfrentado pela economia nacional em 1986, o governo federal decide lançar um pacote de medidas voltadas, principalmente, para o combate à inflação. Em 28 de fevereiro de 1986, o presidente José Sarney anuncia o plano que previa o congelamento de preços por um ano dos produtos vendidos em supermercados, a extinção da correção monetária (reajuste automático de valores), e a substituição da moeda brasileira, criando o cruzado, extinguindo o cruzeiro. O anúncio do presidente Sarney dominou o noticiário nacional, e foi destaque na edição de 12 de março de O Mossoroense.

O novo plano provocou uma série de mudanças no cenário da economia local. Em 7 de março, o jornal relata que, após a decisão do governo em tabelar os preços dos produtos, os comerciantes de Mossoró se recusarem a disponibilizar produtos que tiveram seus preços reduzidos pela Superintendência Nacional do Abastecimento (Sunab) retirando de suas lojas equipamentos como eletrodomésticos.

Outro problema vivenciado pelos mossoroenses após o anúncio do Plano Cruzado foi a escassez de carne na cidade, uma vez que os devido ao tabelamento dos preços, os marchantes tiveram seus lucros reduzidos, e consequentemente, deixaram de fornecer o alimento:

"O Rio Grande do Norte pode ser abastecido, com brevidade, com carne importada pelo Governo Brasileiro, dentro do plano de restabelecer o 'Mercado Regulador' do produto, pelo Ministério da Fazenda. Mossoró vem enfrentando uma grave escassez do produto. Desde a implantação do Plano de Estabilização Econômica pelo Governo da Nova República, com o tabelamento de preços, que a carne iniciou um ritmo de completo desaparecimento do mercado, gerado pela redução dos lucros dos marchantes, a violação no preço da fonte fornecedora", dizia O Mossoroense em 18 de julho de 1986.

Devido a esses problemas, em novembro de 86, foi anunciado o Plano Cruzado II, que congelou preços muito acima da realidade do mercado. Com o passar do tempo, a inflação voltou a crescer e, em maio de 1987, já ultrapassava a casa dos 20% ao mês.

O fracasso do plano provocou a queda do ministro Dílson Funaro, e em junho de 87, o governo decretou um novo plano econômico, agora sob a orientação do ministro Luís Carlos Bresser Pereira: o Plano Bresser, como ficou conhecido, que visava regularizar as contas públicas. Em seguida, foi criado o Plano Verão, que também não obteve os resultados pretendidos, e o governo Sarney terminou em ambiente de recessão econômica, especulação financeira e ameaça de hiperinflação.

URRN é estadualizada e passa a oferecer ensino superior de forma gratuita na cidade

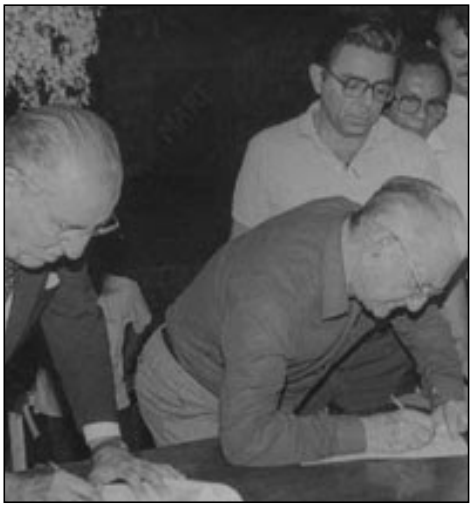
Criada em 28 de setembro de 1968, através da Lei Municipal nº 20/68, sob o nome de Universidade Regional do Rio Grande do Norte (URRN), vinculada à Fundação Universidade Regional do RN (FURRN), a principal instituição de ensino superior com sede em Mossoró tem sua história marcada por grandes conquistas e desafios, sendo uma dessas a sua estadualização, iniciado em 1986, e concluído no ano seguinte. As etapas do processo concluído em 1987, foram documentadas pelo O Mossoroense, que no dia 21 de agosto de 1986 fez o seguinte relato:

"Universidade de Mossoró conquista estadualização: A Universidade Regional do Rio Grande do Norte encontrou o caminho da estadualização. Ontem, em audiência com o governador Radir Pereira, a Comissão Especial da FURRN, comandada pelo reitor Sátiro Cavalcante, logrou êxito na investida de obter do executivo potiguar o compromisso de do Estado assumir a Universidade. O governador preparou uma mensagem, que está enviando a Assembleia Legislativa, resolvendo todos os problemas que atravessa a escola. A conquista resultou de um grande trabalho dos segmentos universitários e da comunidade mossoroense, além da classe política".

Antes da estadualização, a Universidade tinha características de estabelecimentos de ensino particulares, apesar de ser definida como municipal seu ensino era pago. Na instituição, também não havia um corpo docente profissionalizado. Estadualizada, o ensino na URRN se tornou gratuito, e pôde-se organizar uma carreira docente, com concursos e plano de carreira.

Devido a estadualização, algumas mudanças na estrutura física da Universidade foram realizadas. Entre elas, a transferência da Faculdade de Enfermagem, que antes funcionava no centro da cidade, para o Campus Central. No espaço da Faculdade de Enfermagem, passou a funcionar a Reitoria da URRN.

Curiosidade: A última colação de grau da FURRN enquanto universidade particular ocorreu em 27 de dezembro de 1986. Em 8 de janeiro de 1987, a instituição passa a fazer parte oficialmente da rede estadual de ensino do Rio Grande do Norte, a partir da lei nº 5.546.



A notícia hoje

Hoje, a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte está presente de forma direta em 17 cidades do Estado. São cinco Campi Avançados, incluindo o Campus Central, em Mossoró, e 11 Núcleos Avançados de Ensino Superior.

A Uern conta com mais de 80 opções (licenciatura e bacharelado) nos 32 cursos de graduação, sendo que seu Processo Seletivo Vocacionado (PSV) oferece, anualmente mais de 2.400 vagas.

Jornal apresenta detalhes da I Feira Industrial e Comercial da Região Oeste em 1988

Caracterizada atualmente com um dos principais eventos do segmento, a Feira Industrial e Comercial da Região Oeste (Ficro), teve sua primeira edição realizada em 25 de agosto de 1988. O Mossoroense registrou o fato, e apresentou aos seus leitores detalhes da Feira.

A I Ficro ocupou uma área de dois mil metros quadrados, onde foram instalados estandes de 25 empresas. O evento foi realizado na sede do Serviço Social da Indústria (Sesi), e contou com a participação de 22 empresas mossoroenses, uma natalense, uma de Alagoas e uma da Bahia. A expectativa inicial dos organizadores era reunir um público aproximado de 15 mil pessoas durante a Feira.

Em sua mais recente edição, a Ficro, organizada pela Associação Comercial e Industrial de Mossoró (Acim) reuniu no Centro de Exposiçoes e Eventos de Mossoró (Expocenter) 320 estandes, onde foram expostos produtos e serviços de 180 empresas da cidade e de outros estados.

A Feira vem crescendo meteoricamente a cada ano. Os valores negociados no ano passado, por exemplo, foram R$ 22 milhoes a mais do que o registrado em 2006, quando a Ficro movimentou R$ 3 milhoes.

Esse ano, a Feira superou suas expectativas, e conseguiu movimentar mais de R$ 27 milhoes, e registrar um público superior a 50 mil pessoas.

Jornal destaca a promulgação a nova constituição do Brasil em 1988

"O Brasil ganha hoje mais uma Constituição". Notícia principal publicada pelo jornal O Mossoroense em 05 de outubro de 1988 destacava a promulgação da nova carta magna do país:

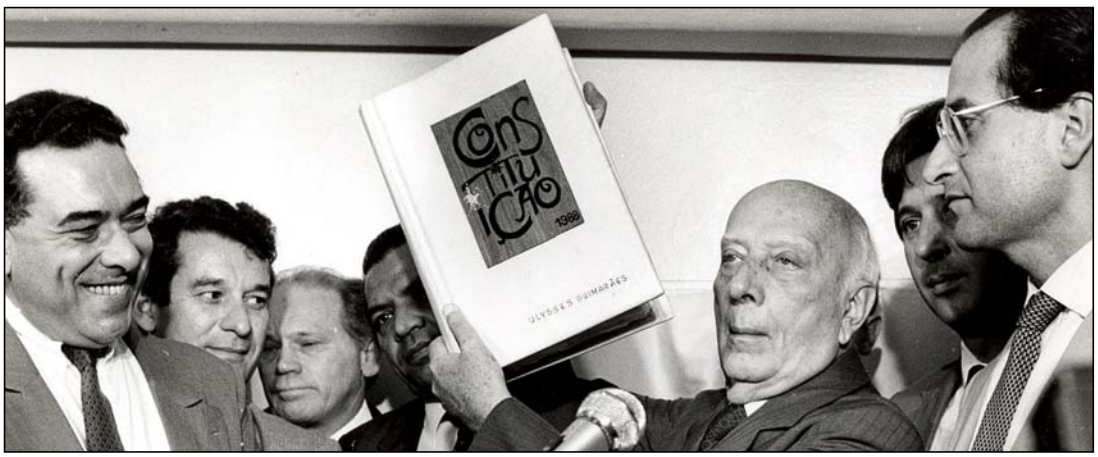
"A sessão solene da promulgação da nova Carta será iniciada às 15h30, no plenário da Câmara dos Deputados. Além dos 599 constituintes, participarão da sessão solene o presidente do Supremo Tribunal Federal, ministro Rafael Maia, representando o poder judiciário, e o presidente da república, José Sarney, representando o poder executivo", abordava o periódico em sua primeira página.

A Constituição de 1988 foi escrita no período em que o país saía dos anos de governo militar, portanto, é um marco para a redemocratização do Brasil.

Elaborada por uma Assembleia Constituinte convocada em 1986, a carta magna do país, ainda em vigor, é conhecida como "Constituição Cidadã", por garantir diversos direitos, entre eles a liberdade de expressão, habeas corpus e o direito de habias data, um direito que dá a todos a possibilidade de conhecer informaçoes então catalogadas pelos governos militares sobre os considerados subversivos.

Também ocorreram diversas modificaçoes na legislação eleitoral, já que a Constituição estabeleceu o voto facultativo para os maiores de 65 anos e para os jovens com 16 e 17 anos. Os analfabetos também ganharam o direito de votar. Também os analfabetos ganharam o direito de votar, lembra o professor.

Houveram ainda alteraçoes significativas na legislação trabalhista: direitos importantes apareceram, como o de fazer greve e o de licença maternidade - que antes era de 90 dias e passou para 120 dias.



1989: O Mossoroense noticia a escolha de Fernando Collor como primeiro presidente do Brasil eleito a partir do processo direto

Após 29 anos, o Brasil elegeu, através do processo de votação direta, o presidente da República. Realizadas em dois turnos, como previa a nova Constituição em casos onde o total de votos válidos não superasse 50% mais um, o pleito consagrou o candidato do hoje extinto Partido da Reconstrução Nacional (PRN), Fernando Collor de Melo.

O Mossoroense repercutiu o resultado da eleição, revelando números locais da eleição ocorrida em 17 de dezembro de 1989: "Fernando Collor de Melo, do PRN, será mesmo o novo presidente do Brasil. De acordo com e evolução da contagem feita pelos computadores da Rede Globo, ontem à noite, já era notório o distanciamento do pleiteante do PRN, diante do candidato da Frente Brasil Popular, Luís Inácio Lula da Silva. Depois de 29 anos, o povo brasileiro escolheu seu representante através do processo direto, consolidando, desse modo, a democracia", dizia a matéria, que mostrava que Lula tinha ganho de Collor em Mossoró com uma diferença de 10.495 votos de maioria.

O primeiro turno do pleito presidencial daquele ano foi promovido em 15 de novembro. Os principais candidatos que disputavam a chefia do executivo federal eram Ulysses Guimarães, Lula, Collor, Leonel Brizola, Mário Covas e Paulo Maluf. No primeiro turno Collor obteve 22.611.011 votos, 28,52% do total. Lula conseguiu 11.622.673 sufrágios, totalizando 16,08%.

Em 21 de novembro de 1989, O Mossoroense informa que estava definido o candidato que disputaria o segundo turno do pleito presidencial: Lula seria o adversário, derrotado, de Fernando Collor. O resultado final do pleito de 1989 foi o seguinte: Collor conseguiu 35.089.998 de votos e Lula 31.076.364.

Cronologia dos fatos

20 de outubro de 1985: "Quem matou Bessa? Um ano após o assassinato do bancário Luiz Bessa, morto com dois tiros da Estrada do Contorno, a polícia mossoroense ainda não havia desvendado o crime que repercutiu significativamente na cidade.

25 de outubro de 1985: Notícia que o prefeito Dix-huit Rosado havia determinado que fossem adotadas as medidas para a instalação de uma antena parabólica em Mossoró, sendo que a torre já estava fixada em Mossoró. O equipamento só começou a funcionar, em fase experimental, em 23 de dezembro, disponibilizando aos mossoroenses a programação do canal Bandeirantes.

02 de novembro de 1985: Estabelecido o novo valor para o salário mínimo: 600 mil cruzeiros.

15 de novembro de 1985: Destaque as eleições que seriam realizadas em Natal para a escolha do prefeito da capital, em substituição ao prefeito biônico Marcos César Formiga, indicado pelo governador José Agripino. Na disputa, os principais nomes eram Garibaldi Alves Filho e Wilma Maia. Na edição de 17 de novembro, é notícia a vitória de Garibaldi.

28 de dezembro: Sudene libera 957 milhoes de cruzeiros para a Prefeitura Municipal de Mossoró. Os recursos seriam utilizados para continuar o trabalho de recuperação da cidade, assolada pela enchente ocorrida naquele ano.

12 de janeiro de 1986: Notícia curiosa publicada pelo jornal: Uma pedra de 500 gramas foi encontrada no corpo de um homem, identificado como Anedino Barbosa. O senhor foi operado no Hospital Duarte Filho, onde os médicos retiram de sua bexiga a pedra, com o peso surpreendente.

01 de fevereiro de 1986: Matéria destaca que a utilização de perucas por homens já estava sendo bem aceita na sociedade. Na época, o uso do assessório foi popularizado pelo personagem Sinhozinho Malta, interpretado pelo ator Lima Duarte na novela Roque Santeiro.
06 de julho de 1986: Notícia que a cidade já estava captando o sinal da TV S, a TV de Silvio Santos.

27 de setembro de 1986: Destaque a inauguração da sede própria da prefeitura de Mossoró: o Palácio 13 de junho.
10 de outubro de 1986: Informado que Mossoró seria beneficiada, até o final do ano, com a edificação da base da Petrobras do Rio Grande do Norte.

19 de outubro de 1986: Destaque que as novas notas do Cruzado entrariam em circulação em todo o país a partir do dia 20 de outubro.
15 de novembro de 1986: Notícia as eleiçoes que seriam realizadas naquele dia, para os cargos de governador, senador, deputados estadual e federal.

22 de novembro de 1986: Com a apuração do pleito de 15 de novembro chegando ao fim, o resultado já é conhecido: Geraldo Melo é eleito governador com uma diferença, até aquele momento, de mais de 18 mil votos. O deputado Vingt Rosado foi reeleito para a Câmara Federal, e o médico Laíre Rosado, eleito para a Assembleia Legislativa.

05 de dezembro de 1986: Curiosidade: Notícia revela que pela primeira vez um mossoroense é sorteado na quina da Loto da Caixa Econômica Federal, realizado no dia anterior. O nome do novo milionário foi apresentado na edição seguinte: Hércules Amorim Mota, que faturou a quantia de 2 milhoes e 100 mil cruzados.

01 de fevereiro de 1987: Notícia a instalação da Assembleia Nacional Constituinte, convocada através da Emenda Constitucional nº 26, promulgada em 27 de novembro de 1985. Na Assembleia, foram delegados 487 deputados federais e 72 senadores, que tinham como missão elaborar a nova Constituição do Brasil.

03 de fevereiro de 1987: "Hospital Regional continua sem solução para os plantoes". A manchete de edição poderia muito bem servir para os problemas enfrentados hoje no Hospital Regional Tarcísio Maia. Naquela época, os médicos plantonistas reivindicavam reajuste salarial.

19 de fevereiro de 1987: Racionamento de energia é iniciado. Em decorrência da deficiência nas condiçoes geradoras da hidrelétrica de Sobradinho, que abastecia a região Nordeste, todos os estados precisaram dar início a um processo de economia de energia.

Impeachment de Fernando Collor é manchete em 30 de setembro de 1992

"A votação que aconteceu ontem à tarde se prolongando até o início da noite emocionou o país, cuja população ficou mobilizada em compasso de espera. A votação aconteceu dentro da expectativa do povo brasileiro com 441 a favor de impeachment, 38 votos contra sendo registrada uma abstenção. Apenas 23 parlamentares resolveram se ausentar". Dessa forma, um dos fatos de maior destaque da política nacional foi noticiado pelo jornal O Mossoroense, em 30 de setembro, o impeachment do presidente Fernando Collor de Melo.

As denúncias que culminaram com o afastamento do chefe do Poder Executivo federal começaram a surgir alguns meses após a posse de Collor, quando informaçoes veiculadas pela imprensa apontavam que o tesoureiro da campanha de Collor, Paulo César Farias, o PC Farias, pediu dinheiro a empresários e ofereceu vantagens no governo.

Em 1991, Collor falou publicamente sobre as suspeitas. "Toda e qualquer denúncia tem que ser exemplarmente apurada", afirmou. Em maio de 1992, uma reportagem da revista "Veja" levou à abertura de uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) no Congresso.

Em 20 de junho de 1992, Collor negou relaçoes com PC Farias. Diante da pressão da CPI, Collor pediu o apoio da população. "Que saiam no próximo domingo de casa com alguma das peças de roupa nas cores da nossa bandeira. Que exponham nas janelas, que exponham nas suas janelas toalhas, panos, o que tiver nas cores da nossa bandeira. Porque assim nós estaremos mostrando onde está a verdadeira maioria", disse o então presidente.

A estratégia foi malsucedida, e os chamados "caras-pintadas" saíram às ruas vestidos de preto e pedindo a saída de Collor da Presidência. No mesmo mês, Collor sofreu outra derrota. A CPI no Congresso concluiu que ele foi beneficiado pelo suposto esquema montado pelo ex-tesoureiro PC Farias.

O relatório da CPI afirmou que Collor cometeu crime de responsabilidade ao usar cheques fantasmas para o pagamento de despesas pessoais, como uma reforma na Casa da Dinda e a compra de um carro Fiat Elba. Com isso, o caminho para o impeachment estava aberto.

Em 29 de setembro de 1992, ocorreu o principal marco do processo que levou à saída de Collor da Presidência. A Câmara aprovou o pedido de impeachment. O caso foi ao Senado, que abriu um processo para apurar se houve crime de responsabilidade e que deveria estar concluído em até 180 dias. A comissão de impeachment era presidida pelo presidente do Supremo, ministro Sidney Sanches.

Até lá, Collor ficaria afastado da presidência temporariamente, sendo substituído pelo vice Itamar Franco, o que só aconteceu em 2 de outubro de 1992. Foi o dia em que Collor desceu a rampa do Palácio do Planalto pela última vez.

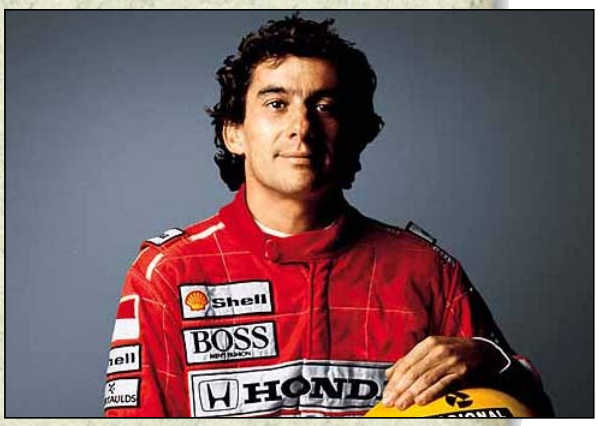
Morre Ayrton Senna: ídolo do Brasil e do mundo

Idolatrado por todo o Brasil, com fãs também em diversas partes do mundo, o piloto de Fórmula I Ayrton Senna se despediu da vida e do esporte que tanto amava, de forma trágica. A morte do tricampeão abalou o país, foi notícia na edição do O Mossoroense no dia 3 de maio de 1994:

"O sentimento de perda pela morte do piloto Ayrton Senna, 34 anos, continua predominando no mundo inteiro. No Brasil, a tragédia deixou todos em estado de choque, a tristeza segue estampada no rosto de cada pessoa. Ayrton Senna, da Williams, morreu domingo de manhã, quando seu carro chocou-se violentamente contra o muro de proteção do circuito de Ímola (Itália) a uma velocidade superior a 300 km/h. O piloto brasileiro sofreu traumatismo craniano e parada cardíaca instantânea após a batida".

O acidente ocorreu na sétima volta do Grande Prêmio de San Marino, no autódromo de Ímola, na Itália. Às 13h40, hora do Brasil, um boletim médico do hospital Maggiore de Bolonha, para onde o piloto foi levado de helicóptero, anunciou a morte cerebral de Ayrton Senna. Ayrton Senna da Silva conquistou 41 vitórias em Grandes Prêmios, 65 pole-positions, um dos maiores fenômenos de todos os tempos no automobilismo estava morto.

Foi o triste epílogo de um final de semana em que a morte passeou pelo circuito de Ímola.



Na sexta-feira, o carro do brasileiro Rubens Barrichello espatifou-se. Barrichello só não morreu porque o choque foi amortecido pelos pneus. Nos treinos de sábado, o carro do austríaco Roland Ratzenberger se desintegrou no muro de concreto depois de passar reto numa curva. O piloto chegou morto ao hospital, vítima de comoção cerebral.

O Rio Grande do Norte perde uma de suas maiores lideranças políticas:

Morre o ex-deputado Vingt Rosado

"O Rio Grande do Norte perdeu ontem um dos seus grandes construtores, o ex-deputado Jerônimo Vingt Rosado Maia, que faleceu aos 77 anos, vitimado por uma embolia pulmonar", dizia o trecho inicial da matéria que noticiava, lamentavelmente, o falecimento de uma das maiores lideranças políticas do Rio Grande do Norte. Vingt Rosado faleceu às 17h30 do dia 2 de fevereiro de 1995. O ex-deputado federal vinha se tratando na Casa de Saúde Dix-sept Rosado de problemas respiratórios e cardíacos. Político experiente e conhecido pela sua capacidade de articulação e pelo poder de decisão, o ex-deputado federal deixou uma história repleta de sucessos e realizaçoes.

Vingt deixou a vida pública em 1990. Apesar de não ter mais mandato, ele continuou sendo o grande líder do grupo político que representava o PMDB em Mossoró. Ao todo, Vingt conseguiu sete mandatos de deputado federal. Antes, porém, deputado estadual duas vezes, prefeito de Mossoró de 1953 a 1958, e vereador.

Cronologia dos fatos

17 de janeiro de 1990: Destaque a situação do Terminal Rodoviário de Mossoró, que naquele período já possuía equipamentos quebrados, e era motivo de reclamação por parte dos usuários.

15 de março de 1990: Toma posse Fernando Collor como presidente do Brasil.

06 de maio: Destaca a entrega do conjunto habitacional Wilson Rosado, construído através do programa "Novo Teto".

11 de setembro de 1992: Revelado que a apuração do pleito daquele ano, que seria realizado em 3 de outubro, deveria ser finalizada até o meio-dia do 4 de outubro, uma vez que seria utilizado o esquema de apuração informatizado.

19 de fevereiro de 1994: Destaca os números cada vez mais crescentes de casos de cólera em Mossoró. Somente no dia 18 de fevereiro, 11 pacientes deram entrada no Hospital Rafael Fernandes vítimas da doença.

14 de julho de 1996: "Aids: a cura está próxima". Com esse título, é destaque matéria que aborda o surgimento de um novo coquetel, 100 vezes mais poderoso que o AZT, único remédio disponível para o vírus na época. "A palavra cura ainda não é pronunciada publicamente pelos médicos, mas sussurrada nos corredores. Todos admitem abertamente, porém, que está próximo o dia em que a Aids sairá da lista das doenças fatais para integrar o rol das moléstias crônicas graves". O novo remédio era uma combinação de Norvir, 3TC e AZT, e surgia como uma esperança para os cerca de 44 mil portadores do vírus HIV no Brasil naquela época.

14 de julho de 1998: Destaca a derrota do Brasil na final da Copa do Mundo de 1998, quando o Brasil perdeu o título mundial para a França, por 3 a 0.

30 de dezembro de 1999: Mossoró se prepara para o bug do milênio

Em 30 de dezembro de 1999, em meio às previsoes catastróficas que desenhavam um apocalipse digital para a humanidade, O Mossoroense noticiava as preocupaçoes referentes ao bug do milênio, apontando que a cidade estava se preparando para as consequências do colapso que poderia ocorrer:

"A magia da chegada do ano 2000 pode ser quebrada pelos efeitos do tão temido bug do milênio. Todos os setores de atendimento que trabalham com sistemas computadorizados estão precavidos para o que poderá ocorrer depois da meia-noite de amanhã, quando 2000 entrar em cena", relatava o periódico.

Segundo a matéria, a Cosern, Telemar, BCP, além de hospitais da cidade já haviam atualizado seus sistemas para não correrem risco de serem pegos com os problemas da pane geral dos computadores.

A possibilidade de um bug em toda a rede mundial de computadores surgiu devido ao fato de que, no século passado, programadores usavam dois dígitos para a posição do ano nos campos de data de softwares de computador.

Sendo assim, acreditava-se que na virada de 1999 para o ano 2000 os computadores poderiam "enlouquecer", causando um colapso tecnológico de grandes proporçoes.

Nas previsoes mais sombrias, credores bancários se tornariam devedores, avioes entrariam em pane e cairiam, indústrias inteiras parariam de funcionar. No fim das contas, o bug do milênio se mostrou inofensivo. Apenas poucos PCs pararam de funcionar.

Lula chega lá:

Ex-metalúrgico é eleito presidente do Brasil pela primeira vez em 2002

"Como atestaram todas as pesquisas, Lula é o novo presidente do Brasil". Assim O Mossoroense iniciou reportagem noticiando a eleição de Luiz Inácio Lula da Silva para a Presidência da República.

O primeiro governante eleito de esquerda da história do país ganhou a Presidência no dia de seu 57º aniversário. Lula foi o primeiro civil sem formação universitária a ser eleito presidente, na 19ª eleição direta para o cargo.

Nordestino e metalúrgico, Luiz Inácio Lula da Silva venceu a primeira eleição definida no segundo turno desde 1989, quando o petistaperdeu para Fernando Collor de Mello (PRN), por 53,0% a 47,0% dos votos válidos. Nas eleiçoes seguintes, em 1994 e em 1998, Fernando Henrique Cardoso (PSDB) venceu no primeiro turno, com 54,27% e 53,06% dos votos válidos, respectivamente.

Apesar de ter ficado em segundo lugar em três disputas consecutivas, a votação de Lula cresceu a cada pleito: em 1989, 11.167.665 votos (17,2% dos válidos); em 1994, 17.122.127 (27,0%); em 1998, 21.475.218 (31,7%); e, finalmente, 39.444.010 (46,4%) no primeiro turno da eleição de 2002 contra 19.700.549 (23,2%) de Serra, e 52.793.364 (61327%), contra 33.370.739 milhoes de votos (38,72%) obtidos pelo tucano no segundo turno.

Na mesma edição, em 28 de outubro de 2002, é destaque também a eleição da primeira mulher para o Governo do Estado: Wilma de Faria.

Cronologia dos fatos

30 de maio de 2000: Destaca que a ausência de chuvas na região tinha provocado a alta no preço do milho, que subiu mais de 100%. O alimento, que custava em média R$ 0,05, passou a ser comercializado por R$ 0,12.

18 de julho de 2000: A Casa de Saúde Dix-sept Rosado implantou em seus procedimentos médicos as cirurgias cardíacas.

16 de setembro de 2000: Abertos os Jogos Olímpicos de 2000, realizados em Sidney, na Austrália. O jornal destaca o fato das Coreias do Sul e do Norte, terem entrado juntas durante a abertura da competição, fato repercutido mundialmente, devido as divergências existentes entre os países.

23 de setembro de 2000: Destaca que Mossoró estava entre as cidades com o maior índice de desemprego do Brasil. Na época, 60 mil pessoas, o que correspondia a 25% da população economicamente ativa, sofriam com o problema.

02 de outubro de 2000: Notícia o resultado das eleiçoes municipais daquele ano: A candidata do PFL, Rosalba Ciarlini, venceu o pleito, com 57.369 votos. Destaca também o resultado dos vereadores eleitos, tendo sido consagrado como o mais bem votado o estreante nas urnas, Francisco José Júnior, com 4.308 votos. Na sequência, aparecem os vereadores Vicente Rêgo (3.478 votos), e o também estreante em eleiçoes, Jerônimo Vingt Rosado Neto, que obteve 2.927 sufrágios.

03 de outubro de 2000: Destaca o reconhecimento, pelo Ministério da Educação, do curso de Medicina Veterinária da então Escola Superior de Agricultura de Mossoró (Esam).

22 de novembro de 2000: Destaca a visita da deputada estadual Sandra Rosado à Câmara dos Vereadores de Mossoró, onde anunciou, que iniciaria a luta pela implantação de uma Faculdade de Medicina na cidade.

17 de dezembro de 2000: Anunciada, pelo Governo do Estado a construção de uma Cadeia Pública em Mossoró, obra que surgia como um alento para a solução de um problema crônico na cidade: a superlotação de presos.

28 de dezembro de 2000: Destaca a liberação dos recursos destinados à construção da barragem de Santa Cruz, no total de R$ 20 milhoes.

02 de março de 2001: Reportagem especial marca o Centenário do Colégio Diocesano, fruto do empenho do bispo dom Adauto Aurélio Miranda de Henriques

26 de maio de 2001: Valdetário concede entrevista ao jornal O Mossoroense. O mecânico José Valdetário Benevides que conseguiu escapar de um cerco policial contra ele e um grupo, todos acusados de assaltar uma agência do Banco do Brasil, na cidade de Pedro II, (PI), concedeu uma entrevista ao radialista Otoniel Maia. Na sua conversa, o acusado negou qualquer envolvimento com Ricardo Roland Rocha, que era diretor do presídio de Alcaçuz. Ele também aproveitou para mandar recado para ao delegado Matias Laurentino, falou da morte de Manoel Haroldo e disse que a polícia piauiense era frouxa.

16 de junho de 2001: O Mossoroense inicia uma série de matérias exclusivas e furos de reportagem com o caso do "Amor assassino", que trata do assassinato do servidor público Gilvanir Diniz de Lima, cujo acusado é o amante Nestor Álvaro. Em quatro ediçoes seguidas, o jornal traz detalhes da morte de Gilvanir, entrevista exclusiva com o acusado de ser o autor do crime, traçou perfil do assassino, e focos do noticiário com vários furos de reportagem.

Prefeito de Caraúbas morre em emboscada

Prefeito de Caraúbas, Aguinaldo Pereira, sua mulher Antônia Gurgel, além do sargento Ronaldo Rafael da Silva, o soldado Cláudio Pereira do Nascimento e o caseiro Everlândio da Silva foram mortos numa emboscada na RN-117, altura do Sítio da Várzea, a 10km de Mossoró.

O veículo que os conduzia capotou jogando os corpos para fora depois que os autores da tocaia utilizaram armas de grosso calibre, inclusive fuzis AR 15, para matar seus ocupantes. Em Caraúbas, o aspecto de cidade-fantasma prevaleceu por todo o dia. Em uma edição especial, o jornal O Mossoroense fez a cobertura completa do crime, abordando as investigaçoes, velório.

Mossoroenses racionam energia atendendo pedido do Governo Federal

Atendendo uma recomendação do Governo Federal, Mossoró adotou o racionamento de energia. A medida afetou o horário das sessoes da Câmara Municipal de Mossoró (CMM), a iluminação das ruas foram cortadas em horário programado e até o abastecimento de água foi reduzido como forma de economizar energia.

O racionamento de energia em todo país, conhecido como "crise do apagão", foi uma crise nacional ocorrida no Brasil, que afetou o fornecimento e distribuição de energia elétrica. A medida foi necessária devido a falta de chuvas, que deixaram várias represas vazias, impossibilitando a geração de energia e por falta de planejamento e investimentos em geração de energia.

Na época, havia grande possibilidade de ocorrer apagoes no país, sobretudo nas grandes cidades. Mas, a aplicação desses cortes - que produziriam severas perdas na economia brasileira - pôde ser evitada graças ao bom resultado de uma campanha por um racionamento "voluntário" de energia.

Cronologia dos fatos

14 de julho de 2001: Repórter do jornal O Mossoroense, Luciano Lellys, tem trabalho destacado na Folha de S. Paulo.

04 de agosto de 2001: Jornal Nacional denuncia fraude do Bolsa Renda em Mossoró. A Rede Globo apontou casos de cadastramentos irregulares no programa.

11 de setembro de 2001: O agropecuarista Luiz Benevides Carneiro, popularmente conhecido como Doutor Benevides, morre vítima de infarto no interior da Casa de Detenção em Teresina (PI). Em meados do mês de junho, os familiares de doutor Benevides foram presos na cidade de Pedro II. O corpo foi velado em Caraúbas e sepultado em Felipe Guerra.

12 de janeiro de 2002: Criada oficialmente a Faculdade de Ciências Sociais e Saúde (FCS), que contemplava o curso de Medicina da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (Uern). O ato contou com a presença de várias autoridades políticas do estado que parabenizaram a deputada estadual Sandra Rosado, autora do projeto, pela iniciativa.

31 de janeiro de 2002: Cangaço atrai pesquisadora na Inglaterra a Mossoró. Hilary Stanway é fascinada pelo Nordeste e quis conhecer a cidade que expulsou o bando de Lampião em 1927. Ela chegou à cidade por intermédio de Paulo Gastão, presidente da Sociedade Brasileira para Estudos do Cangaço.

23 de fevereiro de 2002: Gays no RN serão cadastrados. O ativista Wilson Dantas, membro do grupo Habeas Corpus Potiguar (GHCP) e secretário para a região Nordeste da Associação Brasileira de Gays, Lésbicas e Travestis (ABGLT), realiza um mapeamento da população homossexual de Assú, para em seguida, iniciar o programa "Trilhas da cidade" que cadastraria os homossexuais, a priori, de outros 12 municípios do Rio Grande do Norte.

04 de outubro de 2002: Uern cria curso de Comunicação Social, com três habilitaçoes: jornalismo, radialismo, publicidade e propaganda.

16 de novembro de 2002: Polícia prende maior traficante do RN em Mossoró. Josafá Clementino de Souza, que residia em Areia Branca, foi preso pela Polícia Federal em Mossoró.

27 de dezembro de 2002: Taxa de iluminação pública deixaria energia 12% mais cara. A Câmara Municipal de Mossoró aprova a cobrança da contribuição do Custeio de Iluminação Pública (CIP). Dos 21 vereadores, 14 votaram a favor da contribuição.

03 de janeiro de 2003: Wilma é a primeira mulher a governar o RN. Destaque à posse de Wilma de Faria no mais alto cargo do Executivo potiguar. Na mesma edição, também é notícia a posse do presidente Lula: "Lula assume o Brasil: "O novo presidente do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva, empossado ontem, fez questão de frisar em seu discurso que as prioridades de seu governo serão o combate à fome, corrupção e impunidade.

31 de janeiro de 2003: Destaque para o lançamento do programa "Fome Zero", que segundo as expectativas do Instituto Cidadania, beneficiaria no Rio Grande do Norte mais de um milhão de pessoas que viviam com menos de um dólar por dia.

23 de março de 2003: Destaca a guerra do Iraque: "Continua o bombardeio ao Iraque. Ontem, cinco grandes explosoes sacudiram os subúrbios de Bagdá, a capital iraquiana. Autoridades iraquianas disseram que três pessoas morreram e pelo menos 207 ficaram feridas nos ataques", abordava o jornal.

31 de março de 2004: Discutida a possibilidade da redução do número de vereadores em Mossoró, de 21 para 13.

16 de julho de 2004: Destaca que as ambulâncias do programa recentemente criado pelo governo Lula, o Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (Samu) chegariam a Mossoró no mês de agosto.

05 de setembro de 2004: "Até quando?" Manchete do jornal O Mossoroense relata o ato terrorista ocorrido na Rússia, onde uma escola em Beslan, sudoeste do país, foi invadida por terroristas, vitimando 322 pessoas, em sua maioria, crianças.

11 de setembro de 2001:

Atentado às Torres Gêmeas aterroriza o mundo

Pânico nos Estados Unidos. O mundo assistiu estarrecido ao vivo pela televisão o ataque terrorista ao Word Trade Center (WTC) e ao Pentágono, nos Estados Unidos da América. Por enquanto, nenhum grupo terrorista assumiu a autoria do atentado. O governo norte-americano ainda não sabe o número de vítimas e promete retaliaçoes". A manchete do jornal O Mossoroense de 12 de setembro de 2011 abordava o principal assunto de todos os noticiários do mundo naquele dia: o atentado às torres gêmeas nos Estados Unidos.

Os ataques terroristas de 11 de setembro de 2001foram uma série de ataques suicidas coordenados pela Al-Qaeda aos Estados Unidos. Na manhã daquele dia, 19 terroristas da Al-Qaeda sequestraram quatro avioes comerciais a jato de passageiros. Os sequestradores intencionalmente bateram dois dos avioes contra as Torres Gêmeas do World Trade Center em Nova Iorque, matando cerca de 2.753 pessoas.

Morre o vereador Vingt Rosado Neto

O vereador Vingt Rosado Neto morreu, no dia 21 de julho, aos 24 anos, de forma trágica quando exercia o primeiro mandato parlamentar. Sua permanência na Câmara durou seis meses. Um dos vereadores mais votados nas eleiçoes do ano 2000, Vingt Neto logo mostrou poder de articulação no pleito que escolheu a mesa diretora no biênio 2001/02. Ele conseguiu articular um grupo que elegeu Vicente Rêgo para a presidência da Casa e foi eleito primeiro-secretário, cargo mais importante depois da presidência.

A morte do vereador interrompeu uma carreira promissora na política. O sepultamento de Vingt Rosado Neto contou com cerca de 50 mil pessoas. Na época, entidades órgãos e repartiçoes públicas ficaram em luto pela morte do jovem parlamentar.

Jornalista Dorian Jorge Freire morre aos 71 anos por falência múltipla dos órgãos

Aos 71 anos, morreu no dia 24 de agosto de 2005 o jornalista Dorian Jorge Freire. O jornal O Mossoroense, assim como toda a imprensa do Rio Grande do Norte, deu a notícia com destaque. Naquele dia, a imprensa potiguar estava de luto, pois perdeu um grande colaborador que muito contribuiu para o enriquecimento intelectual dos periódicos.

Dorian Jorge Freire nasceu em 14 de outubro de 1933, na casa 175 da Praça da Redenção, em Mossoró. Filho do jornalista Jorge Freire de Andrade e da professora Maria Dolores Couto Freire de Andrade, começou no jornalismo em 18 de julho de 1948, no jornal O Mossoroense.

A partir de então, nunca mais parou. Do período de 1954 a 1961 foi repórter e colunista político da Última Hora. Depois fundou e dirigiu, até o golpe de 64, o semanário Brasil, Urgente; trabalhou com Caio Prado Júnior na Revista Brasiliense, fundou e dirigiu, a Editora Sinal; foi repórter e redator das revistas Escola e Realidade, diretor do Diário de Natal, Tribuna do Norte e do O Mossoroense.

Mesmo doente por conta de três Acidentes Vascular Cerebral (AVCs) e dois infartos, ele fazia questão de continuar escrevendo uma coluna semanal no jornal Gazeta do Oeste. Ele morreu por falência múltiplas dos órgãos.

Além de jornalista, Dorian Jorge Freire era professor de Direito, escritor de dois livros, membro da Academia Norte-Riograndense de Letras.

Morre aos 85 anos o último filho do farmacêutico Jerônimo Rosado, pesquisador Vingt-un Rosado, vítima de parada cardíaca

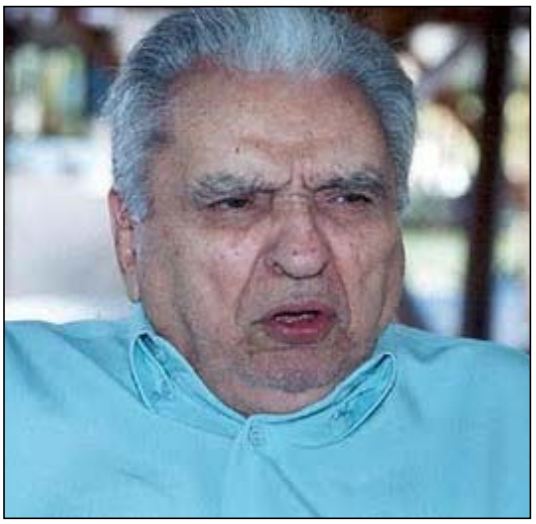
Criador da Coleção Mossoroense, Jerônimo Vingt-un Rosado Maia morreu aos 85 anos no dia 21 de dezembro de 2005, em Natal, vítima de parada cardíaca. Filho do farmacêutico Jerônimo Rosado Maia e de Isaura Rosado Maia, Vingt-un Rosado, natural de Mossoró, era o vigésimo primeiro filho do casal e foi o último a falecer.

Ele foi responsável pela publicação de mais de quatro mil títulos. Os números fizeram da Coleção Mossoroense, fundada em 30 de setembro de 1949, a maior editora de livros do País, proporcionando a Mossoró um status cultural de grandeza.

Jerônimo Vingt-un Rosado era formado em Agronomia e foi por anos diretor da Escola Superior de Agricultura de Mossoró (Esam), hoje Universidade Federal Rural do Semi-Árido (Ufersa). Integrante de família composta quase que em sua totalidade por políticos, Vingt-un Rosado Maia ainda se aventurou a concorrer a um cargo eletivo. Ele foi candidato a prefeito de Mossoró, em 1968, sendo derrotado. No ano de 1973, tentou novamente ingressar na vida pública e foi eleito vereador.

Apesar da veia política, herdada da família, o historiador dedicou sua vida à ciência e à cultura. Por sua dedicação aos estudos da região, Vingt-un Rosado era considerado o maior pesquisador de assuntos do semiárido nordestino.

Morre o ex-governador Aluízio Alves



O ex-governador do Rio Grande do Norte, Aluízio Alves morreu no dia 6 de maio de 2006, em Natal, aos 84 anos, devido a falência múltipla dos órgãos. O corpo do político foi sepultado no cemitério Morada da Paz. Aluízio Alves foi ministro dos governos José Sarney e Itamar Franco, além de presidente estadual do PMDB. Ele era tio do senador Garibaldi Alves Filho (PMDB) e pai do deputado federal Henrique Eduardo Alves (PMDB).

Aluízio Alves foi um dos maiores líderes políticos do Rio Grande do Norte.

MP deflagra "Operação Sal Grosso" na CMM

O Ministério Público e policiais cumpriram mandado de busca e apreensão na Câmara Municipal de Mossoró (CMM), concedido pela juíza Valéria Maria Lacerda. A "Operação Sal Grosso" investigava possíveis irregularidades na CMM com fraudes em licitaçoes.

Os representantes vasculharam gabinetes da Câmara e fizeram busca e apreensão na residência do presidente da Casa, Júnior Escóssia. Nove vereadores foram envolvidos no escândalo: Júnior Escóssia, Aluízio Feitosa; Benjamim Machado, Claudionor dos Santos; Daniel Gomes; Gilvanda Peixoto; Manoel Bezerra; Izabel Montenegro e Osnildo Morais de Lima.

Foram mais de vinte mil documentos e 40 computadores apreendidos. Entre os principais pontos de irregularidades apontados pelo MP estão: gastos com diárias não comprovadas; empréstimos consignados pagos pela Câmara Municipal à Caixa Econômica Federal, em nome de vereadores e demais servidores da Casa; despesas realizadas sem licitação e uso de verbas de gabinete de maneira irregular.

Onda de greves atinge o RN

O início do ano de 2011 foi marcado por uma onda de greves nunca vista na história do Rio Grande do Norte. Pelo menos 12 categorias cruzaram os braços em prol de melhorias trabalhistas. Aderiram à paralisação no início do ano servidores da Central do Cidadão, motoristas de ônibus, policiais civis, professores, funcionários do Detran, Idema, Emater e Tributação, além dos servidores da Procuradoria Geral do Estado (PGE), médicos da rede estadual e os técnicos do Idiarn (fiscalização agropecuária).

Cronologia dos fatos

12 de Maio de 2009: Miss do Rio Grande do Norte, Larissa Costa foi eleita Miss Brasil 2009

21 de junho de 2009: Convidada pela Prefeitura Municipal de Mossoró para fazer a cobertura do Mossoró Cidade Junina, a equipe do Pânico na TV escracha e debocha de Mossoró em rede nacional.

30 de junho de 2009: Mossoroense Solwellington Vieira de Sá era um dos 228 passageiros da Air France.

20 de dezembro de 2009: Nos primeiros minutos das primeiras provas do Processo Seletivo Vocacionado - PSV, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - Uern, o processo foi cancelado devido a problemas técnicos.

6 de janeiro 2010: Empresário italiano Giusep Li Causi morre com sintomas da gripe A (H1N1).

11 de fevereiro de 2010: Secretário Ruy Pereira morre em acidente automobilístico na cidade de Iguarassu (PE).

17 de maio de 2010: Governo realiza a maior promoção de oficiais e praças da história da Polícia Militar com ascensão de 200 oficiais e 400 praças.

21 de maio 2010: Superior Tribunal de Justiça absolve ladrão que roubou galinha no valor de R$ 10.

30 de julho de 2010 Presos da cadeia pública protestam contra o corte de regalias. Cerca de 70 familiares são feitos de reféns.

12 de agosto de 2010: Após tumultuadas sessões, o então presidente da CMM, Claudionor dos Santos, promulga projeto de resolução que poe fim à reeleição para o cargo de presidente da mesa diretora na Câmara.

27 de agosto de 2010 Produtores rurais perdem safra pela terceira vez seguida.

15 de setembro de 2010 Morre a vereadora Niná Rebouças.

7 de dezembro de 2010: Dona Idalina Nilda, de 107 anos, a pessoa mais velha de Mossoró faleceu por complicaçoes pós-cirúrgicas

7 de janeiro 2011: Pela primeira vez na história, o Tribunal de Justiça do Rio Grande do Norte (TJ/RN) será presidido por uma mulher. A desembargadora Judite Miranda Nunes foi eleita presidente da Corte para o biênio 2011/2013.

14 de março de 2011: Poetas mossoroenses são expulsos da Cobal no recital destinado à comemoração do Dia da Poesia.

5 de junho de 2011: Mossoró supera 100 assassinatos em um ano mais violento da história.

Morre dona América Rosado

Exatamente quatro anos após a morte do seu esposo, Vingt-un Rosado, morreu dona América Rosado, 88. A viúva do escritor e professor era professora, escritora e assistente social. América era membro da Academia Norte-Riograndense de Letras (ANL), cadeira 38.

O velório acontece na Universidade Federal Rural do Semi-Árido (Ufersa), que fora dirigida por Vingt-un Rosado.

Chuvas deixam mais de 34 mil pessoas desabrigadas

Os anos de 2008 e 2009 foram marcados por um período de chuvas acima da média. O problema das enchentes atingiu 34 mil pessoas de 13 municípios da região Oeste, Vale do Açu e Vale do Apodi.

Em Mossoró, o nível do rio Apodi-Mossoró atingiu 1,40 metro e mais de três mil famílias ficaram desabrigadas. As fortes chuvas também prejudicaram vários setores da economia como a agricultura, que perdeu quase 100% da colheita, o setor salineiro e o setor da carcinicultura.

Morre monsenhor Américo

Morreu no dia 5 de outubro de 2009, o monsenhor Américo Simonetti. O religioso faleceu aos 79 anos, vítima de câncer.

Dos seus 53 anos de ministério ordenado, quase 30 foram dedicados à Catedral de Santa Luzia, onde ele guiou os paroquianos nos ensinamentos da fé e da caridade. Monsenhor Américo é lembrado sempre como exemplo de realização, desde a primeira central telefônica de Assú, passando pela instalação da Rádio Rural de Mossoró, a sua atuação frente à diocese e a estruturação e organização das festas de Santa Luzia.

Este último foi de todos os seus feitos sem dúvida o mais marcante. É impossível ouvir o "Mossoró com alegria saúda Santa Luzia" e não lembrar do monsenhor Américo. A frase que se confunde com a História da cidade se confunde também com a História de seu criador.